«CHINA-U.R.S.S.: DO DEBATE IDEOLÓGICO Ã DISPUTA FRONTEIRIÇA» (PÁG. 3)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
SÁBADO, 20 DE SETEMBRO DE 1969 N.º 16 794 ANO 49.º UM ESCUDO

COMPRE JOGO
no
CAMPIÃO
LOTARIA - TOTOBOLA

A MILIONÁRIA VOLTOU AO ALGARVE COM O MARIDO CABELEIREIRO

A bela Janet Harris (17 anos) voltou a Albufeira com o marido cabeleireiro, Gavin Hodge. São já do passado as zangas entre ela e o pai a propósito do casamento. Aliás o milionário Harris morreu há meses — e agora a perspectiva é de muitas libras.

(LER NOTÍCIA NA PÁGINA 4)

Plano de paz de Abba Eban

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 20 — (F. P.) — Abba Eban, ministro dos Negócios Estrangeiros israelita, apresentou ontem à noite, na Assembleia Geral da O. N. U., um plano em sete pontos para uma solução do conflito do Médio Oriente. Esses pontos são os seguintes:

1) — A tarefa mais urgente é repor em vigor o cessar-fogo, sem o que os esforços diplomáticos não podem ser bem sucedidos. Eban propôs um encontro entre os chefes militares israelitas e árabes, para se entenderem quanto ao respeito recíproco do cessar-fogo.

2) Todos os estados do Médio Oriente devem proclamar que estão dispostos a estabelecer uma paz permanente, a liquidar os seus velhos conflitos e a negociar acordos pormenorizados sobre todos os problemas litigiosos. Eban sugeriu que os ministros árabes aproveitem a sua presença em Nova York para se reunirem com ele e com o embaixador Gunnar Jarring, para começar conversações desde já.

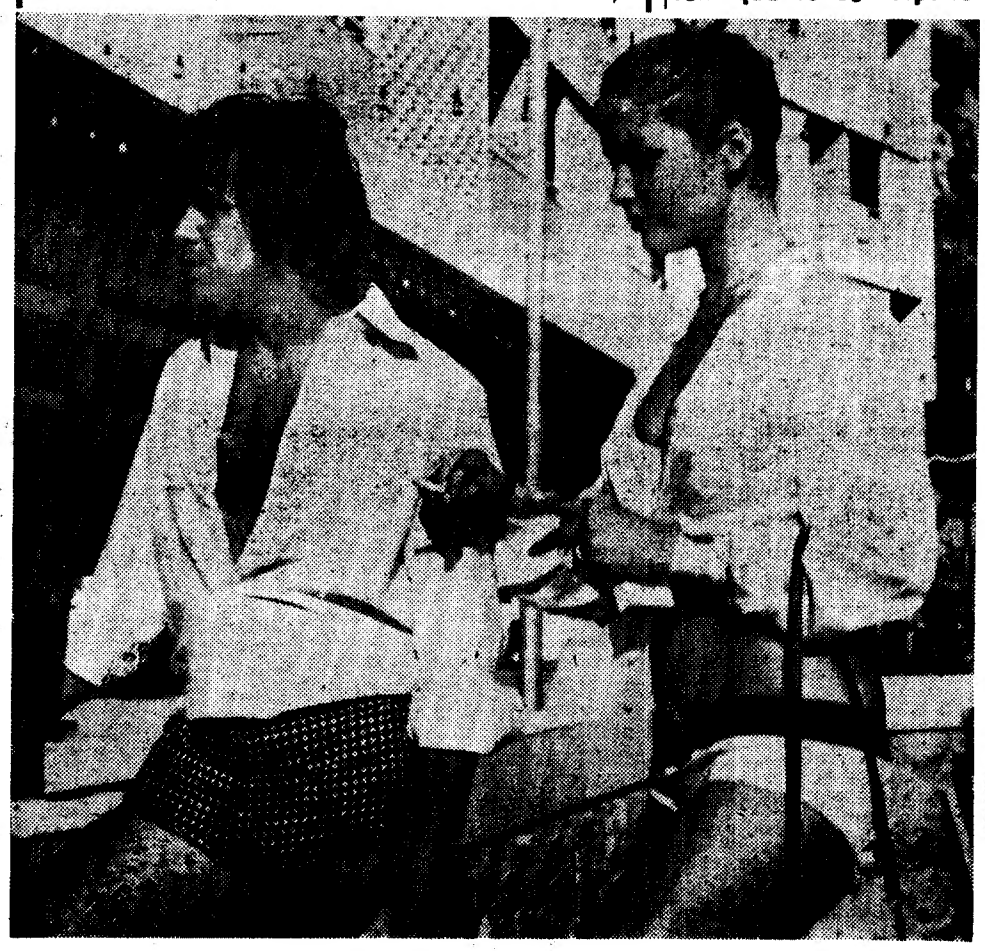
3) Israel está dispoto a negociar sem condição prévia e a negociar sobre todas as questões propostas. Uma vez que as negociações tenham começado, Israel não se contentara em formular propostas, mas tentara chegar a acordos.

4) Deveria ser convocada uma conferência internacional dos refugiados, com a participação dos países e organizações interessados.

5) Israel não aspira ao domínio exclusivo dos santuários, cristãos e muçulmanos.

(Continua na 8.ª página)

Costa e Silva: As especulações sobre a sua sucessão avolumam-se (Ler notícia na página 8)



As ELEIÇÕES para DEPUTADOS

OS CANDIDATOS DA U. N. POR BRAGA E COIMBRA

Conforme estava previsto, começou hoje a divulgação das listas de candidatos da União Nacional que disputarão as próximas eleições. Assim, foi comunicada a constituição das listas situacionistas dos círculos de Braga e Coimbra.

Pelo círculo de Braga, foram designados, pela U. N., os seguintes candidatos:

Antão Santos da Cunha, advogado; Duarte Pinto de Carvalho Freitas do Amaral, administrador de empresa; Fernando Dias de Carvalho Conceição, professor do Ensino Secundário; Joaquim José Nunes de Oliveira, professor catedrático; José da Costa Oliveira, industrial; Luís António de Oliveira Ramos, professor universitário.

Pelo círculo de Coimbra, a U. N. designou os seguintes candidatos:

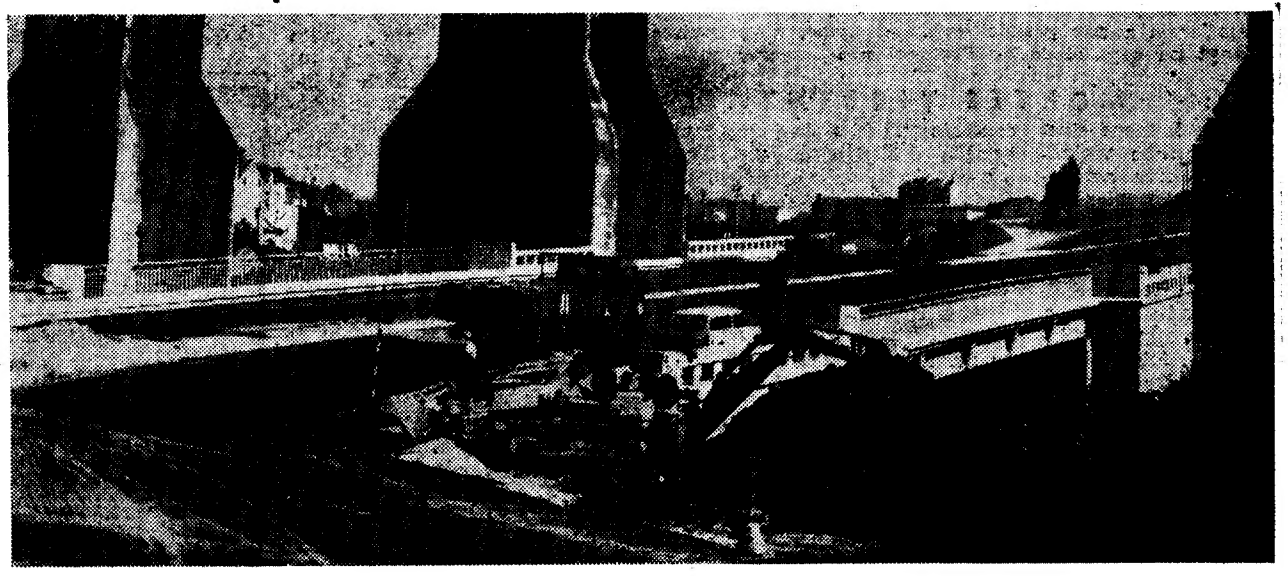
Alexandre José Linhares Furtado, professor universitário; Augusto Domingos Correia, engenheiro; José Coelho Jordão, engenheiro; José dos Santos Bessa, médico; Manuel Martins da Cruz, subinspector da Comissão de Coordenação Económica; Vítor Manuel Pires de Aguiar e Silva, professor universitário.

● Ler mais notícias nas págs. 10, 11, 12 e 13

O VIADUTO JÁ FUNCIONA

Abriu hoje ao trânsito — no sentido ascendente — o novo viaduto construído na Avenida Calouste Gulbenkian, substituindo um troço da mesma (o que passa sob o aqueduto) de acentuada inclinação e com uma curva perigosa. No local deram-se, aliás, diversos acidentes muitos graves e alguns mortais.

No sentido descendente ainda estão em curso obras de acabamento do referido viaduto, em que se espera o trânsito esteja completamente aberto e regularizado dentro de poucas semanas.



FRANÇA

ACORDO DOS GREVISTAS

PARIS, 20 — (A.) — Pa[illegible] possibilidades para reciam ainda hoje ténues breve de um fim da vaga de agitação na industria, que assola a França há

(Continua na 8.ª página)

HOJE 36 PÁGINAS
VISADO
PELA CENSURA

Diário do Porto

O aniversário dos Bombeiros Voluntários de Leça do Balio

Para assinalar o 38.º aniversário da benemérita corporação dos Bombeiros Voluntários de Leça do Balio, há, esta noite, na sede, uma sessão solene na qual será orador o sr. dr. Araujo Barros. Além da entrega de condecorações, será prestada homenagem ao chefe sr. Manuel Alves Ribeiro, que celebra, este ano, as suas «Bodas de prata» como voluntário.

Saíu da Assembleia Nacional (com destino a Viseu) o funeral do prof. Mário de Figueiredo

Cerca das 4 horas desta madrugada, o corpo do prof. Mário de Figueiredo foi transportado da igreja de S. Mamede para o átrio do edifício da Assembleia Nacional, onde ficou em câmara ardente. Ladeavam a urna praças do batalhão de cavalaria da G. N. R., em grande uniforme. Mais tarde, depois de fechado, o féretro foi coberto com a bandeira nacional, e, cerca das 9 e 30, o prior da igreja de S. Mamede, padre Castelões, celebrou missa de corpo presente. Encontravam-se presentes todos os membros do Governo. O Chefe do Estado fazia-se representar pelo chefe da sua Casa Militar, sr. general Humberto Pais, e o Presidente do Conselho, pelo chefe do seu gabinete, dr. Quesada Pastor. Presentes, também, a esposa e uma das filhas do sr. almirante Américo Thomaz.

Estiveram na Assembleia Nacional, incorporaram-se no préstito fúnebre ou fizeram-se representar, entre outras, as seguintes individualidades: presidentes da Câmara Corporativa, do Supremo Tribunal de Justiça e vice-presidente da Assembleia Nacional, almirante Henrique Tenreiro; comandantes-gerais da P. S. P., G. N. R. e Guarda Fiscal; director-geral de Justiça; embaixador Luís Archer; profs. Vitorino Nemésio, Moreira de Sá, André Navarro, Pinto Barbosa, Leite Pinto, Costa Leite, Pinto Barriga e Moses Amzalak; drs. Neto de Carvalho, Santos Júnior, Paulo Rodrigues, Caetano de Carvalho, Tito Arantes, António Pires de Lima, Arlindo Vicente, Jorge Santos, Sérgio Geraldes Barba, Guilherme Pereira da Rosa, Águedo de Oliveira, Albano Homem de Melo e Mota Veiga; general Albuquerque de Freitas; governadores civis de Lisboa e Braga; engs. Frederico Ulrich, Arantes e Oliveira, Costa Macedo, Espregueira Mendes, Oliveira Martins, Daniel Barbosa, Mário Costa e Vitória Pires; comissário nacional da Mocidade Portuguesa; D. Cecília Supico Pinto e D. Maria Amélia Pitta e Cunha; almirante Quintanilha e Mendonça Dias; e duque de Bragança.

Da família do prof. Mário de Figueiredo, encontravam-se presentes a viúva, os irmãos e os sobrinhos.

À saída do edifício da Assembleia Nacional, uma companhia da G. N. R., a três pelotões, com bandeira e banda de música, prestou honras militares, depois do que o féretro foi colocado num armão daquela corporação, que partiu com destino a Viseu, onde o falecido será sepultado. O armão era escoltado por «jeeps» da G. N. R., e o prof. Costa Leite (Lumbralles) levava o capelo do extinto.

O prof. Mário de Figueiredo será sepultado em campa rasa, junto dos pais, no cemitério daquela cidade, depois de missa de corpo presente na misericórdia local, de que foi provedor.

No funeral a que assiste o presidente do Conselho, estará representada a Assembleia Nacional pelo seu vice-presidente, a Câmara Corporativa, pelo seu respectivo presidente, e incorporam-se, também, deputados e delegados á Câmara Corporativa.

A «Feira das Nozes»

Abriu, hoje, em Arnelas (Vila Nova de Gaia), a tradicional Feira de São Mateus, mais conhecida por «Feira das Nozes», que se prolonga até segunda-feira.

O arraial, pelo seu tipicismo, costuma atrair elevado número de forasteiros, atraídos, além do mais, pela aparição das primeiras nozes.

Na capelinha de São Mateus, padroeiro de Arnelas, durante os dias de festas celebram-se missas.

Espectáculos para hoje

TEATROS

SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45: «Mãos á obra!» (17 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «Helga, o segredo da maternidade» (21 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «Boa-noite, senhora Campbell» (17 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «América dos meus sonhos!» (17 anos).
ESTÚDIO — Às 21 e 30: «O grande amor» (17 anos).
OLIMPIA — Às 21 e 30: «Romeu e Julieta» (17 anos).
ÁGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «A morte vem a cavalo» (17 anos).
TRINDADE — Às 21 e 30: «Doutor Jivago» (17 anos).
BATALHA — Às 21 e 30: «A Raposa» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Livra-me desta mulher!» e «Matt Helm, agente muito secreto» (17 anos).
JÚLIO DINIS — Às 21 e 30: «A pequena paródia» (12 anos).
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «A irmã yé-yé» (6 anos).
CINEMA DO TERÇO — Às 21 e 30: «A volta ao Mundo em oitenta dias» (12 anos).
CINE-GAIA — Às 21 e 30: «O grande combate» (12 anos).
CINE-ERMESINDE — Às 21 e 30: «O Fugitivo» (12 anos).
CINE-VITÓRIA — Às 21 e 30: «O Cavaleiro da Rosa Vermelha» (12 anos).

Amanhã à tarde

TEATROS

SÁ DA BANDEIRA — Às 16: «Mãos obra!»

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 15 e 30: «Helga, o segredo da maternidade» (21 anos)
COLISEU — Às 15 e 30: «Boa-noite, senhora Campbell» (17 anos).
RIVOLI — Às 15 e 30: «América dos meus sonhos!» (17 anos).
ESTÚDIO — Às 15 e 30: «O Grande Amor» (17 anos).
BATALHA — Às 15 e 30: «A Raposa» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 15: «Socorro!» e «McLintock, o magnífico» (12 anos).
OLIMPIA — Às 15 e 30: «Romeu e Julieta» (17 anos).
ÁGUIA D'OURO — Às 15 e 30: «A morte vem a cavalo» (17 anos).
TRINDADE — Às 15 e 30: «Doutor Jivago» (17 anos).
VALE FORMOSO — Às 15 e 30: «A irmã yé-yé» (6 anos).
JÚLIO DINIS — Às 15 e 30: «A pequena paródia» (12 anos).
NUN'ÁLVARES — Às 15 e 30: «O regresso de Ringo» (17 anos).
CINE-ERMESINDE — Às 15 e 30: «Gengis Khan, o Conquistador» (12 anos).
CINE-VITÓRIA — Às 15 e 30: «O Templo do Elefante Branco» (12 anos).

DE COIMBRA

ESTUDOS DE SISMOLOGIA POR UM CIENTISTA ALEMÃO

O famoso cientista alemão dr. Stephan Muller, especialista em problemas de sismologia e física do interior da Terra, professor da Universidade de Karlsrube e director do Instituto Geofísico da mesma Universidade, esteve agora, em Coimbra, e aqui visitou alguns departamentos científicos ligados á sua especialidade.

O cientista esteve no Instituto Geofísico da Universidade, onde apreciou as respectivas instalações e a aparelhagem, e no Laboratório de Física da Faculdade de Ciências fez uma conferência sobre «Sismologia».

Corpo docente da Faculdade de Medicina

Foram nomeados componentes do juri das provas do concurso para provimento do lugar de professor extraordinário (4.º grupo), da Faculdade de Medicina os srs. profs Mário Moura Brás Arsénio Nunes, de Lisboa e Carlos Ribeiro da Silva Lopes, do Porto.

Homenagem ao director da Escola Brotero

Criada, recentemente, em Arganil, a sua Escola Técnica, aspiração justíssima, mantida de há muitos, pela população local, para a concretização da qual teve inegável influência o prestígio e o conhecimento das realidades escolares da região do sr. dr. António Henriques, director da Escola Industrial e Comercial Brotero, desta cidade.

Assim, as principais entidades arganilenses, querendo testemunhar ao ilustre pedagogo o seu reconhecimento e admiração, prestaram-lhe expressiva homenagem, durante um jantar num restaurante de Ledria, no qual foi convivo o presidente do Município de Arganil, sr. prof. José Dias Coimbra; o inspector escolar, sr. Bernardo Pimenta, além de outras individualidades.

Falaram diversos oradores, que tiveram palavras do maior apreço e reconhecimento para com o sr. dr. António Henriques, salientando a importância do seu papel na criação da Escola Técnica de Arganil e concluindo que o seu nome ficará para sempre vinculado àquele estabelecimento de ensino, pelo que, a partir de agora, aquele pedagogo seria também considerado como um dos mais ilustres arganilenses.

No final, o sr. dr. António Henriques agradeceu a homenagem.

Quadro de agregados do distrito escolar

Na escola masculina n.º 3 (São Bartolomeu), na Avenida Fernão de Magalhães, foram afixadas as relações das escolas e dos postos escolares, bem como as dos professores e regentes do quadro de agregados, para efeitos de provimento de umas e outros.

Também ali estão afixadas as normas dos requerimentos que cada um tem de dirigir ao director escolar, a pedir a sua colocação, sendo obrigatória a indicação mínima de 20 lugares.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

GIL VICENTE — «2001 — Uma odisseia no Espaço».
AVENIDA — «Mata-me depressa, que tenho frio!» (17 anos).
TIVOLI — «Helga — O segredo da maternidade» (21 anos).
ESPLANADA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS — «O doce corpo de Deborah» (17 anos).

Farmácias de serviço

RODRIGUES DA SILVA — Rua Ferreira Borges.
SANTA CRUZ — Largo das Ameias.
CORREIA — Rua Visconde da Luz.
SÃO JOSÉ — Arcos do Jardim.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

DE ONTEM PARA HOJE

CABORA-BASSA

Num salão do Ministério dos Negócios Estrangeiros, o titular da pasta e o embaixador sul-africano em Lisboa assinaram o acordo entre os dois Governos, relativo a Cabora-Bassa, acordo que completa e permite a execução dos que haviam sido assinados ontem, de manhã, no Ministério do Ultramar. Em discurso que pronunciou, o dr. Franco Nogueira disse, nomeadamente: «Pensam alguns que os financiamentos requeridos pelo elevado custo da obra seriam melhor aplicados em outros projectos, de rentabilidade maior e a mais curto prazo, e isso num momento em que tanto há a fazer na Metrópole como no Ultramar. A esses dir-se-á que os financiamentos obtidos para Cabora-Bassa não são transferíveis; se não se construisse Cabora-Bassa, por esse facto não disporíamos exactamente da mesma soma para a despender em outros empreendimentos: porque os financiamentos são-nos concedidos para aquele fim e não para outro. Não julguemos, portanto, que sem Cabora-Bassa os milhões de contos que esta custa nos seriam emprestados para escolas, ou estradas, ou fábrica. Pensá-lo, será puro erro.» Por sua vez, o embaixador Viljoen afirmou: «Já se disse que Cabora-Bassa é simultaneamente um acto de fé e um voto de confiança. Na verdade, assim é. Portugal deu mais uma vez prova da sua fé na sua missão histórica em África e da sua determinação de promover o bem-estar dos seus povos na província de Moçambique. Ao mesmo tempo, a prontidão e o interesse de outros países, e o meu não foi o que mostrou menos, em se associarem a este grande empreendimento, mostraram a sua confiança na capacidade de Portugal para manter aquela fé».

MORTES VIOLENTAS

Três homens tiveram morte violenta em três acidentes. Foram eles José Joaquim Loureiro, de 57 anos, natural de Nandufe e residente em Santa Clara de Cima, que ao seguir de bicicleta foi embater nas grades da ponte de Muna e caiu ao rio, morrendo imediatamente; José Mendes Nóncio, de 44, pedreiro, residente na Rua do Sentieiro, 27, que foi atropelado por um comboio, perto da estação dos Olivais, e o operário Porfírio Rodrigues, de 40, que ficou entalado entre uma camioneta e um vagão, na fábrica Sorefame, na Amadora, onde trabalhava.

A SERTÃ E O GOVERNO

Uma representação da Sertã, constituída por mais de duas centenas de pessoas, esteve no gabinete do ministro da Educação Nacional, para agradecer a criação, naquela vila, da Escola Preparatória Gonçalo Rodrigues Caldeira. Falaram o presidente do Município e o ministro. Este afirmou, ao concluir o seu discurso: «O Governo conta com a Sertã. Pois a Sertã contará sempre com o Governo».

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu ontem, em audiência privada no Palácio Nacional de Belém, os srs. almirante Joaquim José Teixeira, general Arnaldo Schulz, dr. João de Lacerda, dr. Azeredo Perdigão, tenente-coronel Álvaro Salvação Barreto e António de Medeiros de Almeida.

O PEQUENO ABÍLIO

«Para quê? Se eu fosse chamar alguém, antes de cá chegar, ardia tudo» foi a resposta que deu o menino Abílio João de Sousa Gonçalves, de oito anos, que no sítio da Calçada, S. Brás de Alportel, salvou de morrer queimada uma menina de três anos, combatendo ele mesmo o incêndio a que ela dera origem, quando se encontravam os dois sozinhos na residência desta. O pequeno Abílio, com surpreendente noção de responsabilidade, extinguiu o fogo atirando-lhe jarros de água que ia enchendo num alguidar.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

INSTITUT FRANÇAIS AU PORTUGAL
R. Santos-o-Velho — Tel. 67 81 36
Autocarro: 27 — Eléctricos: 25, 26, 29, 30

LYCÉE FRANÇAIS CHARLES LEPIERRE
Av. Duarte Pacheco — Tel. 66 11 01
Autocarros: 12, 13, 15, 16, 23, 42, 51
Eléctricos: 8, 24, 25, 26, 30

Sob a orientação do SERVICE CULTUREL DE L'AMBASSADE DE FRANCE
LANGUE ET CIVILISATION FRANÇAISES
1.º e 2.º Ciclos — Cursos audio-visuais para participantes, com aulas no Laboratório de Línguas.
Cursos de francês prático, a todos os níveis.
3.º Ciclo — Preparação para os exames na Universidade de Toulouse.
Cine-Clube, Directeen e Bolsas de Viagem a França, ao alcance de todos os alunos.
AS MATRÍCULAS ESTÃO ABERTAS

O CONFLITO SINO-SOVIÉTICO

DO DEBATE IDEOLÓGICO À DISPUTA FRONTEIRIÇA

Tudo ou práticamente tudo opõe os dois grandes do mundo comunista, a tal ponto que já não vemos muito bem, na hipótese, aliás muito improvável, de as duas partes decidirem dirimir o seu conflito, por onde deveriam elas começar. As querelas ideológicas, que serviram de ponto de partida á polémica, em 1959 e 1960, já foram há muito relegadas para segundo plano. Soube-se, mais tarde, que o verdadeiro motivo da crescente hostilidade de Pequim contra a política soviética foi a anulação, por Krustchef, em 1959, do acordo assinado dois anos antes com vista ao fornecimento á China de especímenes de bombas atómicas soviéticas e daquilo a que os anglo-saxões chamam o «know how» nuclear.

Por MICHEL TATU

Foi igualmente desde esse período que a polémica ainda indirecta, que opunha os dois países no plano ideológico, se traduziu por outra medida (que iria afectar gravemente as relações, não já entre os dois Partidos, mas entre os dois Estados): o chamamento, em 1960, de todos os técnicos soviéticos instalados na China e que levaram consigo todos os planos e esquemas. A partir dessa data, as relações comerciais entre os dois países, outrora parceiros privilegiados, vão decretar regularmente até chegarem, a meio dos Anos 60 — e não sem que Pequim tenha regularmente reembolsado as suas dívidas por importantes entregas — a nível irrisório. Hoje Moscovo negoceia muito mais com países do «terceiro mundo», como a Índia e a R. A. U. do que com o país que foi o seu aliado n.º 1. A China, aliás, também assim procede em relação ao «campo socialista»: há dez anos, 70 por cento do seu comércio era com esse campo, agora a percentagem desceu para 30 por cento.

● Consequências desagradáveis para Moscovo

As querelas «ideológicas» do começo deste decénio também tiveram importante papel no domínio político, onde acarretaram consequências particularmente desagradáveis para Moscovo. Em primeiro lugar, foram elemento perturbador na política soviética de aproximação com o Ocidente, com todas as acusações primeiro de «capitulação», e depois de «coligação» com um Pequim mimoseava as mínimas iniciativas tomadas pelo Kremlin no quadro da coexistência pacífica, inaugurada após o XX Congresso. É certo que as perturbações foram mais sensíveis para Krutschev que para os sucessores deste: a partir do momento em que a polémica atingiu o ponto de ruptura (em 1966-67), com a revolução cultural, os dirigentes soviéticos passaram deliberadamente a não fazer caso das invectivas do que eles consideravam já não como «dogmáticos», mas sim com o «renegados» e «inimigos». Mas as teses chinesas sobre a «coligação imperialista-revisionista» não deixam, pelo menos hoje, de encontrar eco numa parte da opinião esquerdista do Ocidente e nos países do «Terceiro Mun-

(Continua na 8.ª página)

RECTÂNGULOS DA VIDA

TOUPEIRAS

A mulher é empregada não sei onde e o marido trabalha numa loja. Levantam-se cedo, comem à pressa, vai cada um para seu lado, ele de autocarro, ela de metropolitano. Felizmente têm uma tia que toma conta das crianças. Almoçam ambos fora (geralmente sanduíches), um em cada extremo da cidade, só voltam a ver-se à hora do jantar. À noite ela dá um jeito à casa que nunca está arranjada, ouve os filhos sem lhes dar grande atenção porque está cansada de aturar pessoas. Ele liga o aparelho de televisão e fica a olhar. Quando acha que o programa vale a pena, chama-a. Ao sábado à noite vão ao cinema. Ao domingo almoçam em casa da mãe dele e jantam em casa do pai dela. E há não sei quantos anos que não têm férias porque o marido tem uma «escrita».

O prédio onde moram fica numa rua estreita, sem horizontes. Quer dizer, não vale a pena chegar à janela. De resto, já ambos perderam esse costume. Chegar à janela para quê?

— O que é o campo? — perguntou ele há dias, enquanto lia o jornal. — Lembras-te?

— Coisas verdes, não é? — disse ela. — Árvores. Florestas. Ainda haverá florestas?

— Parece que sim. Está aqui a notícia de um incêndio numa floresta, é porque ainda as há. De resto, como se fariam os móveis, sem isso?

Ela fez um gesto — estudado, claro — de espanto. — Florestas? Que maravilha! Lembras-te de ter visto alguma?

— Quando era miúdo, talvez. Ou seria nas histórias que me contavam? A princesa foi mandada para a floresta pela terrível madrasta... Devia ser isso.

— Eu creio que nunca vi nenhuma, ou, pelo menos, não tenho ideia.

E logo ali combinaram ir até Monsanto no domingo. Foram, levaram os pequenos, respiraram fundo, tocaram com a palma da mão nos troncos húmidos e rugosos. Mas na segunda-feira recomeçaram a existência de toupeiras a que a vida os condenara.

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

Nota do dia

O DR. DOMINGOS MEGRE, em carta ontem publicada no «Diário de Lisboa», para rectificar ou esclarecer propósitos que lhe tenham sido, ou se podia supor que pudessem ter-lhe sido atribuídos no decurso da actual campanha eleitoral, referia-se aos «ajustamentos necessários» entre as ideias de pessoas tidas por afins, «já que a tal obriga a inexistência de agrupamentos políticos diferenciados, com a clarificação que daí devia decorrer». É um ponto de verdade de que é preciso ganhar consciência, não só para cada um escolher o seu caminho como também para se procurar a definição dos limites em que deverão tentar mover-se os agrupamentos que venham a constituir-se ou pelo menos a esboçar-se.

As actuais combinações concluídas para o episódio eleitoral estão longe, evidentemente, de corresponder a correntes de ideias. São meros acordos eleitorais. E isto é verdade, parece-nos, tanto para um lado como para outro, quer dizer, tanto para o bloco «U. N.» como para as coligações ou alianças constituídas do lado oposicionista. Todas essas combinações, de carácter meramente circunstancial, resultam a maior parte das vezes de considerações que nada têm, por exemplo, com o princípio da coesão, dando prevalência a dosagens ou equilíbrios de prestígio ou de influência. É pouco.

Mas as pessoas muitas vezes nem se conhecem ou nem sabem mesmo se existem ou onde existem aquelas outras com quem poderão emparceirar. Às vezes ouviu-se falar de alguém. Se é alguém que tenha fama de ter hábitos de trabalho, o gosto do estudo, o desejo de analisar e concluir, já se sabe que é um cerco que lhe fazem. Por singular que isto seja, por surpreendente que seja para o leitor pouco ao par destes meandros, pode dizer-se que tem havido pessoas simultâneamente perseguidas para entrar nas listas de candidatos quer do Governo, quer da Oposição. Não é hipótese, é a realidade.

Isto dá bem o sinal da falta de esquemas políticos. Não há organizações, não há, como agora toda a gente diz, estruturas constituídas, não há organização nem mesmo organizações. Nem há, parece-nos, a arrumação de ideias bastante para naturalizar a constituição desses esquemas, que muito má conta viriam a dar de si se porventura tomassem como ponto de referência ou pólo de atracção uma simples palavra, qualquer que ela seja, porque as designações, em política, dizem cada vez menos. Ou se alguém se decidisse apenas pela presença de algum nome conhecido.

O que é preciso é definir posições em torno de ideias. Havemos de reconhecer que não é isso muito fácil, claro que não é. Mas poderiam construir-se uns «testes» para as pessoas se identificarem a si próprias. Quais são ou têm sido os grandes acontecimentos ou os grandes problemas do tempo? Cá dentro e lá fora. Qual foi ou qual é a atitude mental para que cada pessoa se inclinou ou se sente inclinada, para cada um deles? Problema tal, sim ou não? Tentar cada um o seu decálogo por um questionário próprio, meditar sobre ele, interrogar-se, julgar-se, decidir-se. E encontrar-se, afinal, para descobrir as razões de não estar sózinho.

A campanha que aí vem precisava de nos mostrar estas coisas. Estas e outras. Campanha de esclarecimento precisava ela de ser. Campanha de boa vontade e de boas maneiras. Ir cada um á procura da sua verdade, que é a única maneira de se procurar a Verdade verdadeira. Abdicar-se do primarismo soez de os situacionistas chamarem comunistas a todos os que não são da situação ou de os oposicionistas chamarem fascistas a todos os que não são da oposição. Por tudo. Mas até mesmo porque talvez um tal binómio se deva considerar ultrapassado. Todos sabemos.

EXTERNATOS

● São Vicente
Rua do Paraíso, 28 — T. 865904

● Marquês de Pombal
Rua Carrilho Videira, 10 (ao Chile) — T. 834658

● Álvares Cabral
Av. Grão Vasco, 1 (Frente á Igreja de Benfica)

CURSO LICEAL
CURSO COMERCIAL
CICLO PREPARATÓRIO
INSTITUTOS
CURSOS DE LÍNGUAS
Francês * Inglês * Alemão

Diurno: das 9 às 19 h.
Nocturno: das 19 às 24 h.
ABERTAS AS MATRÍCULAS

CRUZEIRO SOL E REPOUSO
agora também
SHOUTHAMPTON
com o itinerário:
LISBOA, SOUTHAMPTON,
LISBOA, FUNCHAL, LAS PALMAS,
SANTA CRUZ DE TENERIFE,
FUNCHAL, LISBOA
Saídas para Southampton em
7 E 20 DE OUTUBRO
Consulte o seu agente de viagens
ou directamente os nossos serviços
EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO
Rua Augusta, 152—Tel. 370341—LISBOA-2

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

JAYNE E GAUI: regresso a Albufeira

ALBUFEIRA, 20 (Pelo nosso coresponden te Vítor de Sousa) — Jayne e Gavin, os célebres ingleses — ela filha de um grande milionário inglês que se opunha ao casamento por ele ser... cabeleireiro — que procuraram em Albufeira refugio no auge do «escandalo» do seu caso, provocado pela referida oposição dos pais dela, e que á conhecida praia algarvia voltaram para passar a lua-de-mel, lá estão agora uma vez mais. E o casal, que nas suas estadias anteriores, falou em primeira mão ao «Diário de Lisboa», voltou a ser ouvido pelo nosso jornal:

— *Filhos? Ainda não. Sou muito nova, só tenho 17 anos e o meu marido 24. Portanto, temos tempo...*

Fomos encontrar Jayne Haris Hodge na «boite» «7 1/2» a dançar musica «pop» com o seu guedelhudo marido. Quando o casal nos reconheceu saudou-nos efusivamente e desde logo aprazámos um encontro para o dia seguinte, na praia, a fim de trocarmos algumas impressões...

À hora marcada, com pontualidade britanica esperávamos o casal. Porém, os britanicos é que não foram de igual pontualidade e tivemos de esperar cinco horas até que aparecessem. Jayne vinha mais bela do que nunca: um pequeno calção branco com cinto preto, e uma fina camisa de seda, também branca, aberta no peito, e apertada com um nó á altura do colo... E, um novo penteado, alongando-lhe o perfil e o pescoço alto, dá-lhe também uma nova graça.

Bom... mas as fotografias dizem tudo... Ele, como sempre, com uns calções aos quadrados, uma camisa vulgar e os cabelos compridos como dantes.

— *Então, de regresso porquê, as recordações foram boas?*

Jayne riu-se e afirmou que sim. Gavin não disse nada, mas parece-nos que as suas plavras seriam desnecessárias.

● Uma casa em Albufeira

— *Gostamos muito de Albufeira — disseram-nos ambos.*

— Pensam comprar aqui uma casa?

— *Pensamos, mas só no próximo ano. Por agora, estamos só a passar férias.*

Perguntamos então a Jayne, que foi uma conhecida amazona, tendo participado em diversos concursos, se ùltimamente tinha obtido boas classificações em provas em que tivesse entrado:

— *Deixei os cavalos e agora sou só «modelo», trabalhando para diversas casas da especialidade*

● Uma herança em perspectiva

Será Jayne *modelo* por gosto ou por necessidade? Não chegámos a pôr directamente a questão. O certo é que o pai dela morreu há alguns meses e dentro em breve a *bela* vai receber muito dinheiro. Por isso, provocamos Gavin:

— Você vai ser um homem rico...?

Mas ele não se desmanchou e respondeu muito romanticamente:

— *Já sou rico meu amigo: tenho o amor de Jayne.*

E lá deixámos o casal descansado, nas suas duas semanas de férias algarvias, que querem sejam de muito repouso, e também, decerto, com a lua-de-mel ainda bem viva na recordação, de bastante amor...

Jayne — mais bela do que nunca...

ora diga-nos...

— Qual foi a notícia que mais o impressionou?

«Ai, que medo!» «O que é que foi? Um tremor de terra?» «Não — começou o noticiário...» O tremendismo (e o sensacionalismo) das notícias que inundam os diversos canais de informação ao dispor (?) das pessoas comuns, justifica a interjeição. Aproveitando um intervalo entre dois boletins de notícias e uma hora em que não saíam jornais, indagámos de três pacatos cidadãos, cujos cabelos estavam provisòriamente colados ao couro cabeludo.

● *A sr.ª D. Aurora Celeste, jovem funcionária pública, desconfiada (impressionada?) com a pergunta, foi-nos respondendo:*

— Olhe, talvez a morte da Sharon Tate

— Porquê?

— Pela brutalidade!

— E o assassínio conjunto dos outros quatro deixou-a indiferente?

— Ela era a única que eu conhecia, pois já a tinha visto em «Por favor não me morda o pescoço». Em relação a pessoas não conhecidas, é claro que me comovo muito menos...

— Porque é que será que se cometem assassínios destes?

— Devido aos resíduos primitivos que existem no homem.

— Acha, portanto, que o homem primitivo actuava como o assassino de Los Angeles?

— Depende... Mas creio que sim. Antes de limar umas arestas, as pessoas fazem tudo o que lhes vem à cabeça. É preciso limar as arestas

● *A sr.ª D. Maria da Conceição Figueiredo Pires, depois interrogada, demonstrou impressionar-se pouco, se descontarmos o impacto que a nossa questão lhe provocou:*

— Não tenho tido vagar de ler o jornal. Mas não me impressiono muito, salvo coisas de guerra e assim. Misérias, também.

— E acredita nessas notícias que lê nos jornais?

— Em tudo não! Em algumas sim, em outras não...

— Mas não se cobra de notícias mais proximas de si e impressionantes?

— Por exemplo, quando o Benfica perde fico impressionada!

● *Encerrámos o inquérito registando a resposta da sr.ª D. Maria de Lurdes Peres, que reza desta forma:*

— A chegada dos homens à Lua impressionou-me muitíssimo. De resto, muitas outras coisas me sensibilizam — os desastres de viação, por exemplo.

— Como crê que se poderia diminuir o número desses acidentes?

— Não sei, é tão difícil, tão complexo! Talvez não deva haver tantos automóveis e especialmente tantos camiões grandes, que são a sombra negra da estrada!

— Mais nada?

— Há mais, se há! Os tremores de terra deixam-me a tremer o dia todo.

A II EXPOSIÇÃO CANINA NACIONAL EM COIMBRA

COIMBRA, 20 — A II Exposição Canina Nacional de Coimbra, iniciativa da Comissão Municipal de Turismo e do Clube Português de Canicultura, esteve hoje patente ao publico no Pavilhão dos Serviços Municipalizados, á Guarda Inglesa, recinto coberto necessário á garantia da efectivação desta iniciativa, dada a instabilidade do tempo.

Logo de manhã, começaram a chegar os concorrentes, que colocavam os seus exemplares nos respectivos «box». Concorrem alguns dos mais reputados e premiados canicultores portugueses, o que vai dar grande interesse a este certame. A classificação dos exemplares, que será feita pelos srs. dr. José Maria Pereira Junior, Francisco Pacheco de Serra Guedes e Manuel F. Morêda, na presença do présidente da Comissão de Turismo, dos delegados das Direcções-Gerais dos Serviços Pecuários e dos Serviços Florestais e Aquícolas e do Clube Português de Canicultura. Veterinário responsável, o sr. dr. José Gomes da Silva.

Os concorrentes, em numero aproximado a 120, trouxeram, dada a projecção que teve a primeira exposição, no ano findo, os seus melhores e mais premiados exemplares. O desfile destes e a entrega dos prémios aos mais classificados, far-se-á pelas 18 e 30, encerrando-se a exposição uma hora depois.

Na paisagem cosmopolita de Albufeira, férias para um casal que deu que falar

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO ESTÚDIO 444

Titulo: **«Amo-te, Amo-te (Je t'Aime, Je t'Aime)**

Realização: **Alain Resnais, 1968 (França)**

Intérpretes: **Claude Rich, Olga Georges-Picot, Anouk Ferjac, Van Doude, etc.**

Se *Barbarela* é um filme meramente decorativo, uma obra superficial que nunca chega a criar qualquer espécie de clima, *Amo-te, Amo-te* é um bom exemplo do contrário. Partindo igualmente de um tema de ficção científica, baseando-se também num argumento de ressonâncias oníricas indesmentíveis (curioso será referir o facto de Jacques Sternberg, o autor do argumento de *Amo-te, Amo-te*, ser um fervoroso adepto das histórias em quadrinhos e da ficção científica tal como Jean-Claud Forest), *Amo-te, Amo-te* possui, no entanto, uma outra densidade poética, densidade essa que se constrói numa base de austeridade de processos assumida até ás suas mais ultimas consequências. Em *Amo-te, Amo-te*, filme de ficção-científica nada existe de aparentemente estranho, a não ser uma vaga máquina do tempo (que até poderia nem aparecer). A ficção vem depois, está por detrás desse jogo cruel e amargo de voltar ao passado, de reviver minutos perdidos e regressar ao presente suicidado de novo. *Je t'Aime, Je t'Aime*, diz Claude Ridder, um homem a quem será proposto voltar atrás. Suícida falhado, Ridder entrará na máquina do tempo com a olímpica indiferença de quem cumpre um ritual de que conhece regras e apoteose. De novo o trabalho, de novo Catrine, o seu amor (Je t'Aime, Je t'Aime), o gato, o lápis, o escritório, os livros, as horas que lentamente passam, inutil, inutilmente. *Flash* de «uma civilização da felicidade, estilo «*France Dimanche*» (prolongamento de *Muriel*, o tempo de um regresso). Amargamente os olhares, amargamente os gestos. Um olhar desapiedadamente cruel e, no entanto, lucido, ferozmente lucido. E, no entanto, a poesia que corrompe lentamente as aparências que mentem. *La Guerre n'est pas Finnie*, a guerra que o homem mantém consigo próprio e com outros pela sua libertação. Guerra que não está ganha, que não acabou, porque Claude Ridder regressou ao passado para de novo premir um gatilho inexorável.

Amo-te, Amo-te, que é um filme de ficção científica e simultâneamente a negação da ficção científica (ciência fantástica, lhe chama Resnais, que tem a plena consciência da inversão dos valores tradicionais operada nesta obra), é pois uma obra desesperadamente bela. Ridder irá percorrer um caminho já conhecido, um caminho que a memória traçará, primeiro nos seus momentos mais puros e perfeitos (encontros com Catrine, a praia, as férias, a liberdade...), depois cada vez mais soterrado numa existência cinzenta de escritório lugubre.

Lentamente, o tempo de um regresso ficará repleto. A morte. Um crime (cometido, aceite, desejado?). Catrine. A solidão de um herói do nosso tempo. «O Claude Ridder de duas caras é bem um herói do nosso tempo, não lhe cabendo a culpa — nem a nós, nem a Resnais — se o nosso tempo não merece outro tipo de herói...» (Guy Gauthier, *Image et Son*). Um herói burocratizado, envilecido pela rotina. O sobrescritos, os endereços, as circulares Catrine: a mulher rebelde de seus sonhos. A desburocratização da pessoa humana. A liberdade perdida... O desespero, o cansaço, o suicídio. O tempo de um regresso que só confirma: o suicídio, o suicídio, de novo e sempre o suicídio. Ficção científica? Ou a desromantização da eterna juventude num tempo e num espaço cinzento. Certamente que uma nova obra-prima de Resnais, cineasta do tempo e da memória que em si transporta toda a memória do mundo. Cineasta do lucidez e dos grandes paradoxos: a vida e a morte, a memória e o esquecimento, o amor e o crime...

Por falar em lucidez. Constou que Lelouch estava cheio, Peter Grendville estava cheio, *Barbarela* estava cheia, tudo estava cheio naquela noite de sexta-feira. Na estreia de *Amo-te, Amo-te*, obra maior de um cineasta maior, o 444 devia ter ocupados 300 lugares. Onde está a cultura de um publico com tanta falta dela? Perdido já o *Anjo Azul*, há que não perder *Amo-te, Amo-te*. O cinema é Sternberg (von) e Resnais. O resto pode também ser cinema. Mas, há que distinguir entre um e outro. Ainda que nem sempre seja cómodo. Toda a grande obra de arte é, por definição, incómoda.

LAURO ANTÓNIO

Os protagonistas de «Amo-te, Amote»: Claude Rich e Olga Georges-Picot

OS FILMES DE ALAIN RESNAIS

Nasceu a 3 de Junho de 1922 em Vannes, na França. Fez parte da primeira promoção do I. D. H. E. C., em 1943-45. Interessou-se pela montagem e pela fotografia e foi assistente de Nicole Védrès em «Paris 1900», realizado em 1947. Colaborou numa série de curtas metragens, realizadas por amigos seus, na qualidade de operador, montador e argumentista. 1946: «Schéma d'une Identification»; «Ouvert pour Cause d'Inventaire». 1947: «Visite à Lucien Coutaud»; «Visite à Félix Labisse»; «Visite à Hans Hartung»; «Visite à César Domela»; «Visite à Oscar Dominguez»; «Portrait de Henri Goetz; «La Bague»; «Journée Naturelle»; «L'Alcool Tue». 1948: «Van Gogh»; «Malfray». 1950: «Gauguin». 1951: «Guernica». 1952: «Les Statues Meurent Aussi». 1955: «Nuit et Brouillard». 1956: «Toute la Mémoire du Monde». 1957: «Le Mystère de l'Atelier Quinze». 1958: «Le Chant du Styrène». 1959: «Hiroshima, Mon Amour». 1961: «L'Année Dernière à Marienbad» (O Último Ano em Marienbad). 1963: «Muriel» (Muriel). 1965: «La Guerre est finie». 1968: «Je t'aime, Je t'aime». (Amo-te, Amo-te).

■ **O músico cego George Shearing foi contratado pelo realizador T. Oswald para compor a música do seu primeiro filme «80 Steps to Johan». Mickey Rooney, Jo Van Fleet e Salmineo são as vedetas do filme, cuja história se passa numa colónia de férias para cegos.**

■ **Guy Bedos está em Casablanca, onde trabalhará, durante cinco semanas, na película «Le pistonne» cujos exteriores serão filmados nos arredores de Marráquexe.**

• NO CONDES E NO ROMA

Titulo: **«Os Comediantes» (The Comedians» — 1968)**

Realização: **Peter Glenville**

Intérpretes: **Richard Burton, Elizabeth Taylor, Alec Guiness, Peter Ustinov**

O filme passa-sse no Haiti, republica

«Desfiles de multidões, Musica e tambor. Torrentes de frases. Decorações em papel pintado. Paradas militares. E atrás deste cenário de carnaval, milhares de infelizes fechados nas prisões. Famílias inteiras assassinadas ou exiladas. Cada indivíduo sob ameaça de morte. O tirano em efígie sobre os peitos. Os esbirros reconhecem-se á distância: trazem distintivos. Mas os outros, os espiões, é preciso adivinhá-los por vezes na nossa própria casa. É o silêncio do inferno. Tudo se prostitui. Tudo é falso» (passo de um diário anónimo publicado no numero de Setembro-69 da revista *Esprit* e enviado por um residente no Haiti).

Como polícia, os *tontons:* negros, de uma agilidade insolente, de uma sobranceria aviltante, óculos escuros, ás vezes bigode, frases rosnadas e riso sarcástico. Os métodos são puro «gangsterismo» (atentado, rapto, chantagem, tortura, etc.).

É aqui que se situa a acção de «Os Comediantes». E a comédia é isto, este desenrolar ambíguo dos acontecimentos, oscilando entre o drama exaltado e a sátira, a pirueta maliciosa. O excesso produz aqui um efeito

(Continua na 7.ª página)

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

SAMANTHA LEE
VEDETA INGLESA
DA CANÇÃO

THE PERRARDS
ORIGINAIS FANTASISTAS

MARIA DA FÉ

FANTASTICA
BALLET
PRODUÇÃO DE CRIS VARLAMOS
COM MARIA DE PETRILLO
BUDD THOMPSON
HONEY
SERENA WILSON

SHEGUNDO GALARZA e seu conjunto
JIRINA'S COMBO
FERRER TRINDADE e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23.30h m/17anos no wonder bar à 1.00h m/21anos

STORMY SUMMERS
SÓ NO WONDER BAR

NO CINEMA, ÀS 21.30 HORAS
O HOTEL DA MALANDRICE
(M. 17 anos)

VASCO MORGADO
apresenta
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa
HOJE
2 SESSÕES
às 21 e às 23 horas
Domingo, «matinée», às 16 horas (Adultos)
UMA PEÇA DE «SUSPENSE CÓMICO»

RAUL SOLNADO
UMA PEÇA DE MURRAY SCHISGALL
DIRIGIDA POR PAULO RENATO
Amor às riscas

CRESCEMOS PENSANDO EM SI...

A REBOLEIRA É HOJE UMA REALIDADE

Um aspecto de parte da Reboleira construída por J. PIMENTA, S. A. R. L.

Entrámos na 3.ª Fase da Reboleira e com ela a construção da Piscina e Zona Desportiva mais cerca de 1.000 fogos vão ser construídos na Reboleira por J. PIMENTA, S. A. R. L.

Multiplicando os diversos tipos de andares e apartamentos, para lhe poder oferecer aquele que corresponde aos seus desejos e necessidades.

Habitações com o máximo conforto.
Valorização segura do seu capital.

Rendimento de 6 a 10% garantido de 6 a 18 anos, à escolha do cliente, por escritura pública. 190 Contos rendem-lhe 1.187$50 Mensais (administrando directamente este rendimento pode subir para 1.437$50, superior a 9%

Apartamentos em exposição: Reboleira, Amadora, Paço de Arcos (Espargal), Cascais (por detrás do Hotel Baía)

Propriedades à venda em: REBOLEIRA, AMADORA, VENDA NOVA, PAÇO DE ARCOS, PARede, CASCAIS, LISBOA

LISBOA — R. Conde Redondo, 53-4.º, Esq.º — Telefs. 45843 e 47843; QUELUZ — R. D. Maria I, 30 — Telefs. 952021 - 952022; AMADORA — Reboleira — Telef. 933670

Um êxito clamoroso!

14.ª SEMANA DE ENCHENTES

A revista dos **PARODIANTES DE LISBOA**

com **CAMILO, FLORBELA,** com as atracções **PAULA RIBAS, RUI DE MASCARENHAS**

— um espectáculo de **VASCO MORGADO**

em **TERCEIRO MÊS** de lotações esgotadas na sala fresquinha do

MONUMENTAL

HOJE
em DUAS SESSÕES
20.45 e 23 horas
(ADULTOS)

AMANHÃ, A TARDE, ÀS 16 H.

A LOTARIA DE ONTEM

NUMEROS PREMIADOS

28813 — 4 000 000$
43465 — 400 000$
49925 — 200 000$

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

28812 — 15 875$
28814 — 15 875$

PRÉMIOS DE 10 000$00

2363	4599	5868	7272	8166
9790	10240	11848	13414	19432
20761	22128	24356	30831	33419
33560	34835	35106	35560	37276
43372	43614	43990	46637	49844
53650	54725	55343	55846	56965
58980	59794			

PRÉMIOS DE CENTENAS (500$00)

2880; a 28900; 43401 a 43500 e 49901 a 50000

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os numeros cujos três ultimos algarismos sejam 071; 077; 180; 495; 507; 616; 647; 785; 878 e 930, são premiados com 1.000$00, no bilhete. Os terminados em 03, com 750$00 e em 01 e 20, com 500$00. Por ultimo, todos os restantes numeros cujo algarismo final seja 3 (terminação), têm direito a 250$00, de prémio, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

A CIDADE INTEIRA MOVIMENTA-SE TODAS AS NOITES NUM SÓ SENTIDO

ENTRECAMPOS — ENTRECAMPOS — ENTRECAMPOS

TODOS ANSEIAM POR SE DIVERTIREM NA

FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

HOJE — MUITOS PRÉMIOS — HOJE — SORTEIOS:

10 PRÉMIOS DE 12 GARRAFAS DOS APRECIADOS **VINHOS ROSAL E VERCOOP**, OFERTA DE **JOÃO CAMILLO ALVES, LDA.**, E DA **UNIÃO DAS ADEGAS COOPERATIVAS DA REGIÃO DOS VINHOS VERDES**

UMA PANELA DE PRESSÃO «PRESTO», OFERTA DO **BAZAR DA FEIRA**, PAVILHÃO ONDE AS SENHORAS SE ESQUECEM DAS HORAS

E AS **5 MOTORIZADAS CASAL**, OFERTA MENSAL DA IMPORTANTE ORGANIZAÇÃO **METALURGIA CASAL**, DE AVEIRO, TAMBÉM PODEM SER SUAS!

O PÚBLICO RI PERDIDAMENTE

VARIEDADES 10.ª semana

VASCO MORGADO apresenta

HOJE, ÀS 21.45 H.
(Adultos)

AMANHÃ, À TARDE ÀS 16 H.

2 HORAS A RIR
com
UM CASO MUITO SÉRIO

A MULHER é igual, superior, ou inferior ao HOMEM

TRIUNFO DA C.ª TEATRO ALEGRE

com HENRIQUE SANTANA ● IRENE ISIDRO ● COSTINHA LIA GAMA ● MARIA HELENA ● LUISA DURÃO ● DAVID SILVA ● HELENA ISABEL ● BENJAMIM FALCÃO

A B C

2 SESSÕES
ÀS 20.45 E 23 H.
(Adultos)

JOSÉ MIGUEL
apresenta com
Lotações esgotadas
A REVISTA POPULAR DE QUE LISBOA FALA

ENA, JÁ FALA!

2 HORAS A RIR
com
IVONE SILVA - RIBEIRINHO - NICOLAU BREYNER - HENRIQUETA MAIA - ÓSCAR ACÚRSIO - NATALINA JOSÉ e FERNANDA BAPTISTA

GRANDE CORPO DE BAILE

Amanhã, «Matinée» ás 16 h.

MAIS UMA SORTE GRANDE

28813 — 4000 CONTOS

VENDIDA PELO FELIZ

CAMBISTA TESTA

NA LOTARIA DE ONTEM

JÁ ESTÁ À VENDA A GRANDE

LOTARIA DO OUTONO

TALUDA 12.000 CONTOS

BILHETES, 2 SÉRIES, A 40$00 — QUINTOS A 40$00

(Pelo correio mais 2$50 para registo)

JOGUE NO TESTA E TERÁ FESTA

74 — RUA DO ARSENAL — 78 ——— L I S B O A-2

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da 5.ª página)

de irrealidade: é despudor a mais, violência a mais, arbitrariedade a mais, miséria a mais, hipocrisia a mais, tudo a mais e por isso impossível — louca aventura num reino de farsa, com fantasmas a prolongarem o destino cruel de uma ditadura. Graham Greene (autor, argumentista) não hesitou em utilizar o humor, a situação ridícula, a convicção petulante.

Porque tudo é falso — prostituído, falso — e contudo permanece, perdura numa engrenagem absurda, num desvario invisívelmente conduzido. Para os olhos tranquilos de um Sr. Smith, ingénuo ex-concorrente a umas eleições da Casa Branca em que Truman ganhou, político envolvido em negócios vegetarianos, pacifista arrebatado, para o Sr. Smith e sua esposa, enérgica esposa, o que acontece *não pode acontecer:* equívoco, certamente. Um equívoco que fere, mata, destrói.

O povo haitiano é, nas suas dimensões de miséria, misticismo, opressão e superstição, o pano de fundo da intriga. Pano distante, que respeitosamente se distancia para apenas emergir numa cena de dança, culto e transe e num grupo (infeliz, desajeitado) que prepara a guerrilha nas montanhas. Assinalemos aqui um ponto importante: aqui o riso de Greene Glenville vai longe de mais e desvaloriza o que pedia compreensão. É este o principal defeito do filme: uma análise que é sempre *quase-marginal*, um ceptismo lucido e desesperado a reflectir uma situação, mas a sobrepor-se a ela, esquecendo as razões específicas da situação.

Os termos políticos não existem. Haiti é uma república inventada. Duvallier, médico, curandeiro, ditador e pai espiritual, é um mito que gosta de persistir: é vê-lo com essas duas solícitas enfermeiras que o ajudam a subir a escada. Faltam os elementos sócio-económicos. Falta a circulação das ideologias.

Contudo, o quadro é vigoroso. Sob uma intriga apurada, que vive primordialmente de admiráveis interpretes, Glenville desenha o mais pavoroso retrato de uma terra. Frágeis, irrisórios na sua cobardia, desastrados no seu comportamento, os homens que lutam têm aquela dignidade que recupera a insensatez e a candura: o avançar para o inimigo com os olhos azuis de espanto e apenas esperar pelo tiro para conhecer o fim deste combate.

Donde se conclui: «Os Comediantes» é um filme sólido, equilibrado, bem construído. Por vezes, banal, retórico desnecessário: sempre muito clássico, discreto nos recursos narrativos, com uma apresentação académica dos elementos em jogo. Tem fundamentalmente dois grandes motivos de interesse: a interpretação magnífica e o valor informativo, esse, indispensável. Quanto mais não seja para ir acrescentando o léxico do ódio: papá Doc, *tonton*.

EDUARDO PRADO COELHO

A famosa cançonetista Marie Laforet coloca uma das suas interpretações no comando do «hit-parade» de Londres. Trata-se de «Au Printemps», de que se venderam já 250 000 discos

«HELGA» — há dois meses no cinema Vox

Confirmando em Portugal o extraordinário êxito que obteve nos principais países da Europa, continua a exibir-se na sala do Vox agora em nona semana, o famoso filme-documentário colorido de Erich F. Bender, «Helga — O Segredo da Maternidade», com Ruth Gassmann e Asgard Rummel nos principais papéis.

Verdadeiro poema em imagens do milagre da maternidade, «Helga» foca, com sinceridade, clareza e riqueza de pormenores, toda a evolução da natureza humana, desde a sua concepção até ao significativo desfecho, neste caso, a patética e magistral sequência do parto.

Filme de carácter científico, util e necessário, pleno de interesse, sem tendências nem especulações, «Helga» — O Segredo da Maternidade», classificado para maiores de 21 anos, resulta, na realidade, um espectáculo fora de série, para ver com atenção e mais do que uma vez.

Apresentado em Portugal, em rigoroso exclusivo, por Filmes Lusomundo, o actual e triunfante cartaz do Vox obteve as melhores referências críticas no meio da classe médica portuguesa, que ficou subjugada perante a inultrapassável dignidade com que o espinhoso tema foi tratado.

A fim de se evitarem, tanto quanto possível, as habituais aglomerações registadas todos os dias á hora do início dos espectáculos junto das bilheteiras recomenda-se a aquisição antecipada dos bilhetes e o porte do bilhete de identidade, sempre que a aparência possa suscitar qualquer duvida na avaliação da idade.

A II SEMANA INTERNACIONAL DO FILME RELIGIOSO AMADOR

LEIRIA, 20 — A Comissão Regional de Turismo promove, nos fins de Dezembro ou princípios de Janeiro, a II Semana Internacional do Filme Religioso Amador (Sifra).

Os filmes que têm de ser entregues até 20 de Novembro, devem obedecer a características religiosas, de qualquer tipo abrangendo as categorias de: enredo, documentário, reportagem, sinfonia (alegoria ou fantasia) em 16 mm, 8 mm ou «super 8», a preto e branco ou a cores, panorâmicos ou não, sonoros ou mudos.

Haverá diversos prémios estabelecidos no regulamento, mantendo-se a tradição seguida na I Semana Internacional do Filme Religioso Amador, em 1967 e que tanto êxito obteve.

Os interessados devem solicitar o regulamento á Comissão Regional de Turismo de Leiria.

«SILVA VICENTINA» NO TRINDADE PELO PROSCENIUM

O Grupo de Teatro Proscenium, do Sindicato Nacional dos Profisisonais de Escritório, vai, mais uma vez, levar á cena a sua notável «Silva Vicentina», desta vez durante nove dias, de 26 de Setembro a 4 de Outubro, no Teatro Trindade.

A recolha dos textos foi feita por Pedro Lemos de articulada em forma de revista popular.

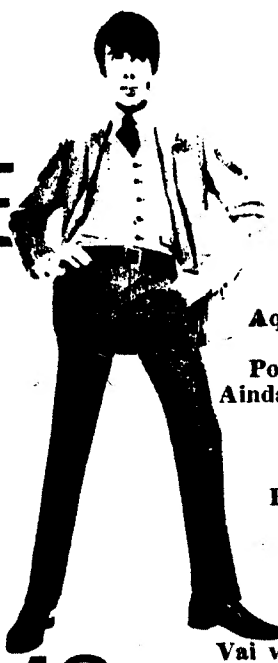
Todos os sócios do Sindicato dos Profissionais de Escritório podem levantar gratuitamente os seus bilhetes mediante a apresentação na bilheteira do Teatro, de uma requisição passada na sede do Sindicato, na Rua do Alecrim, 46 1.º — Tel. 34731.

EXTERNATO
NUN'ÁLVARES
PRIMÁRIO — LICEAL
DIURNO
NOCTURNO
Professores especializados
Praça João do Rio, 2
T. 22461 (ao Arecifo)

COMPOSITORES
Manuais. Meios Oficiais e Aprendizes. Empresa nos Arredores de Lisboa. Indicar idade, locais e anos de trabalho, ordenado pretendido.
Resposta a este jornal ao n.º 344.

primaz
ROSSIO, 115
SALDA A PARTIR DE 2.ª FEIRA

espiral
PORQUE TENHO TANTO CABELO E VOCÊ NÃO TEM?...



Entre nós, meu caro amigo... é
PERSONAL
Aqui onde me vê, tenho idade para ser seu pai! Bem, seu pai não direi, mas seu irmão mais velho... Não acredita? Por causa da cabeleira? Pois é, pareço um rapaz. Ainda ontem a «Pat» me disse com certo sorriso: «trrrinta e trrrês...». Quer saber o segredo? Vê este frasco? É Personal, o tónico capilar que evita a calvície prematura pois é uma loção cientificamente preparada. Fundamentado em vitaminas, hormonas, antibacterianos, antimicóticos (são estas palavras difíceis que lhe garantem resultado tão fácil), Personal é o tratamento contra a calvície e a caspa. Faça como eu: aplique sistemàticamente o concentrado Personal nocturno e a loção Personal diurno na sua toilette matinal. Vai ver que, dentro em breve, outra «Pat» lhe dirá, também com certo sorriso «twenty trrrês...» Mas que isto fique entre nós... Não vale a pena darmos a chave do êxito a toda a gente! Lembre-se da concorrência, é
PERSONAL
A venda na sua farmácia habitual
Representantes: Aymami Peig, Lda.
Av. Grão Vasco, 45, r/c., Esq. Lisboa-5

Actualidade internacional

Adiada a escolha do sucessor do presidente Costa e Silva

RIO DE JANEIRO, 20 — (F. P. e R.) — A reunião extraordinária do alto comando das Forças Armadas brasileiras, prevista para ontem, foi adiada para o princípio da próxima semana e a escolha de um sucessor do presidente Costa e Silva foi também adiada para a mesma data.

A decisão do adiamento foi tomada na reunião do alto comando na quinta-feira passada.

Fontes bem informadas declararam que o nome do candidato continuará a ser secreto enquanto o diagnóstico dos médicos do actual presidente não concluir pela incapacidade deste, para reassumir as suas funções.

Tudo indica, no entanto, que os chefes dos três ramos das Forças Armadas chegaram já a acordo, durante as reuniões efectuadas a semana que está a findar: o presidente Costa e Silva será substituído difinitivamente por um general do Exército de terra, que será designado pelas Forças Armadas. O mandato do novo presidente durará cinco anos, quatro dos quais correspondem ao período normal de mandato e corresponde o outro ao ano que falta para que termine o actual mandato do presidente Costa e Silva.

CONFUSÃO

Entretanto, a junta adiou, a noite passada, até Março de 1970 as conversações dos dois partidos políticos brasileiros oficialmente aprovados.

Registavase a noite passada confusão nesta cidade acerca das instalações de censura, emitidas pelo Exército, que pareciam aparentemente estar em desacordo com o palácio presidencial acerca da saúde do marechal Costa e Silva.

Os censores do Exército telefonaram aos jornalistas avisando-os para não publicarem quaisquer notícias acerca da saúde do presidente que não viessem de informações oficiais, aparentemente uma alusão aos boletins médicos.

Os jornais foram também avisados a noite passada para não publicarem mais especulação acerca da possível substituição do presidente.

ACORDO

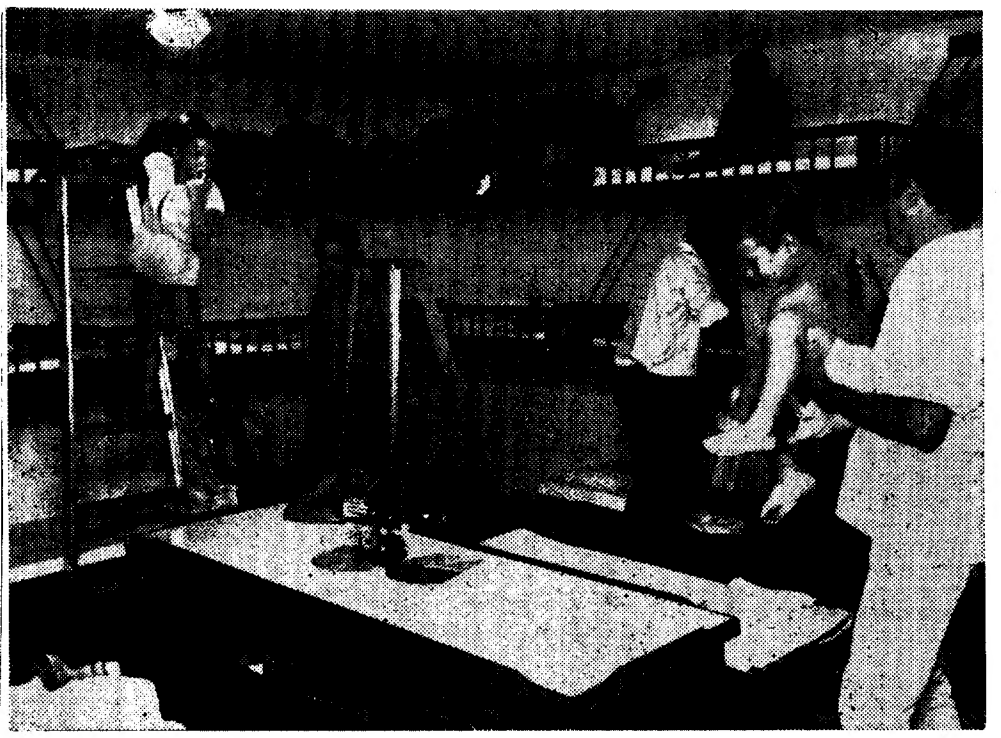
(Continuação da 1.ª página)

dez dias, a despeito de um acordo provisório entre os sindicatos dos transportes públicos da capital e a sua administração.

Esperavam-se de novo grandes demoras no aeroporto de Orly,

Além disso, uma greve de trabalho lento dos controladores do tráfego aéreo nesta capital e noutras partes do país provocaram atrasos de até hora e meia nos voos internacionais de ontem e a acção continuava hoje.

Na próxima semana, o Governo, no Poder há três meses, terá conversações cruciais sobre salários com dirigentes sindicais do pessoal das industrias nacionalizadas da electricidade do gás e do carvão.



ABRIGO SUBTERRÂNEO EM ISRAEL — Na fronteira de Israel com a Jordania, o abrigo subterraneo, integrado no «Kubbutz», tornou-se coisa vulgar. Nele, os habitantes da região, e sobretudo as crianças, se abrigam, de noite, e muitas vezes, de dia, dos ataques que constantemente são levados a efeito pelos guerrilheiros palestinianos

O PLANO DE ABBE EBAN SOBRE O MÉDIO ORIENTE

(Continuação da 1.ª página)

Enquanto não há um acordo com os países intressados nos santuários, Eban propôs que estes fossem administrados pelos organismos religiosos aos quais estiveram confiados desde 1907.

6) Em vez das linhas de cessar-fogo, deveriam ser estabelecidas fronteiras seguras e reconhecidas nos termos dum processo de paz. Os tratados de paz determinariam a disposição das forças árabes em função dessas fronteiras.

7) Uma vez estabelecida a paz, os israelitas e os palestinianos árabes das duas margens do Jordão seriam livres cidadãos de estados soberanos. A unidade geopolítica da região tornaria preferível uma fronteira aberta, semelhante ás que existem na Europa dos Seis.

novo portátil PHILIPS para a juventude

Este é o RL 194, rádio portátil de alta sensibilidade e linhas modernas, ao gosto da juventude.
Excelente captação de ondas média e F. M.; 11 transistores e 3 diódios; altifalante de 2 3/4"; selector de tonalidade; antena telescópica; provido de auscultador e estojo de couro.

MAIS UM TRIUNFO DA TÉCNICA PHILIPS

O conflito sino-soviético

(Continuação da 3.ª página)

do», isto é, em meios que Moscovo tem o dever de tratar com deferência. A propaganda chinesa junto dos árabes, nomeadamente (como vimos logo a seguir á Guerra dos Seis Dias) constitui sempre um perigo e uma inquietação para o Kremlin, visto que se cifra num outro pólo de atracção para a opinião publica e limita a liberdade de acção de Moscovo, junto dos Governos.

● A ruptura da unidade do movimento comunista

A outra consequência das polémicas ideológicas foi a ruptura da unidade do movimento comunista, não só com a «fuga» de certos partidos como o albanês, mas com o enfraquecimento da influência moscovita junto de grande numero de outros partidos com o revigoramento das tendências para a neutralidade e para o policentrismo, etc. É isso o que os dirigentes soviéticos menos perdoam á «camarilha maoista». Recentemente a política chinesa ainda mais perigosa se tornou para Moscovo, ao encorajar **todas** as manifestações de independência para com Moscovo no «campo socialista» e não já unicamente os «desvios» pró-chineses do género do de Tirana. A quase total suspensão dos ataques de Pequim contra a Jugoslávia de Tito, o reacender das relações com a Roménia, o ruidoso apoio prestado a uma resistência checoslovaca (altamente «revisionista», contudo) derivam desta nova táctica. A alta popularidade que daí resulta para a China, em Praga, Bucareste, Belgrado, e mesmo em Budapeste e em Varsóvia, dão testemunho da eficácia de uma tal táctica.

● Um diferendo que podia ser solucionado

Mas o **dossier** actualmente mais volumoso e mais escaldante do conflito sino-soviético é o da disputa fronteiriça. Se os sangrentos incidentes deste ano lhe deram particular acuidade, o certo é que a disputa também já não é nova. As primeiras escaramuças ao longo da fronteira de cerca de sete mil quilómetros que separa os dois países — a mais longa do Mundo — datam dos fins dos Anos 50. A primeira tentativa de «subversão» a grande escala relatada por Pequim junto das minorias não-chinesas do Sinquião, data de 1962, e as primeiras declarações de Mao sobre os **«tratados desiguais»**, de 1964. Nestes últimos dois ou três anos, os incidentes têm-se contado aos milhares enquanto a vivacidade das reacções de ambas as partes os preparativos militares a que, de um lado e de outro se entregam, as inquietantes alusões da **Pravda**, de Moscovo ao arsenal **«em aumento incessante»** dos chineses, fazem temer um confronto armado de grande invergadura.

No entanto, o problema das fronteiras, se é dele que se trata e se ele não mascara vistas mais ambiciosas de um lado e de outro, poderia ser solucionado mais fácilmente que os outros. Contrariamente a uma tese muito espalhada, não só em Moscovo, mas também no Ocidente, os chineses não reivindicam o milhão e meio de quilómetros quadrados de território que **«os tratados desiguais»** do passado atribuíram á Russia czarista no Extremo-Oriente e no Casaquistão. É certo que Mao gostaria de convencer os «novos czares» de que esses tratados eram mesmo desiguais, de que é conveniente anulá-los e substituí-los por outros, como, a seu ver, Lenine prometeu nas declarações de 1919 e 1920. Contudo, a posição chinesa, tal como foi exposta numa nota de 24 de Maio passado, continua a ser a que fora definida em 1963: Pequim propõe-se **«manter o** statu quo **na fronteira e evitar todo e qualquer conflito»** durante o desenrolar da negociação reclamada. Quanto a esta, Pequim está disposta a abordá-la **«tomando como base de solução para o problema das fronteiras sino-soviéticas os tratados relativos á fronteira actual»**.

Dito por outras palavras: poderia chegar-se a acordo quanto a um tratado, que, pouco a pouco, se afastasse daquele que foi imposto pelos tratados czaristas, nomeadamente pelos de 1860, 1881 e 1884. O que o Governo chinês contesta, em compensação, é uma zona de uns 21 mil quilómetros quadrados, da qual, segundo acusação de Pequim, Moscovo se apossou depois, violando esses tratados: mais de 20 mil quilómetros quadrados na região do Pamir, umas 600 ilhas dos rios Amor e Usurri, que totalizam uma superfície de mil quilómetros quadrados.

O Governo soviético não respondeu a esta argumentação, a não ser a propósito das ilhas do Extremo-Oriente: rejeitou a tese chinesa sobre o traçado da fronteira **«ao longo da linha mediana dos canais principais»** e declara ater-se aos traçados inscritos nos mapas — bastante toscamente, ao que parece — pelos funcionários czaristas, depois do tratado de 1860. Se rejeita toda a ideia de revisão e até a própria noção de **«tratados desiguais»**, pronuncia-se, porém, a favor de uma negociação **«técnica»** sobre o traçado da fronteira. Finalmente, as duas partes tiveram já esta Primavera encontros, se não frutuosos, pelo menos, quase **«normais»**, em Khabarovsk onde trataram da navegação fronteiriça.

Russos e chineses têm, pois, um contencioso muito carregado, mas que, pelo menos num ponto, se presta a uma negociação. Ainda que um acordo pareça extremamente improvável no futuro próximo, os dirigentes dos dois campos inimigos podem, pelo menos, traçar os limites da sua hostilidade respectiva, informar-se e advertir-se mutuamente das suas intenções, no caso de a outra parte ir longe de mais. Pode ter sido esse precisamente o objectivo da viagem de Kossyguine a Pequim.

Excl. «Le Monde»-«Diário de Lisboa»

A «GRANDE COLIGAÇÃO» NÃO SERÁ AFECTADA

Em 28 deste mês, o eleitorado da Alemanha Federal escolherá o novo Parlamento e, consequentemente, o novo chanceler e o novo Governo. Segundo se lê nos telegramas das agências, os observadores interrogam-se sobre o resultado possível das eleições: assistir-se-á de novo à formação a um Governo de coligação? Ou um dos dois grandes partidos — Partido Cristão-Democrático (C. D. U.) e Partido Social-Democrático (S. P. D.) — tentará governar sem aliados?

Durante 17 anos, os cristãos-democratas de Adenauer e Ehard governaram solitàriamente — com pouca modernidade, com muito conservantismo e com uma determinante ajuda económica dos E. U. A.) a parte da Alemanha que o Ocidente, na época áurea da guerra fria, pretendia um exemplo claro das virtudes do capitalismo. O S. P. D. parecia condenado ao eterno exílio da oposição.

Desde 1966, porém, a democracia-cristã partilha o poder com o S. P. D.: o chanceler é cristão-democrata, o vice-chanceler é social-democrata, os ministros são membros de um e de outro dos partidos.

O que explicou esta viragem histórica?

Contradições não-antagónicas

Após a fundação da R. F. A., e enquanto o capital ocidental reconstrua o país, o S. P. D. empenhou-se em retomar os seus contactos com o operariado, interrompidos pelo consulado hitleriano. Apesar da sua renúncia expressa a qualquer projecto revolucionário, apesar da sua aceitação das regras de jogo da democracia burguesa, os sociais-democratas eram, de início, olhados com suspeição pelos interesses criados. As necessidades objectivas do desenvolvimento económico foram, porém, limando arestas e demonstrando serem não-antagónicas contradições que se julgavam irreversíveis.

O capitalismo monopolista, empenhado numa expansão constante e numa constante conquista de mercados internos e externos, exige uma segura ligação (política) com o mundo do trabalho, ligação que, transaccionando em nome desse mundo, o discipline e o enquadre. O planeamento económico, para ser eficaz, tal como o carácter totalitário do neocapitalismo o exige, pressupõe a integração da relação capital-trabalho num mesmo sistema. Projecto ousado, mas condição sine qua non de manutenção do poder dos monopólios.

A ruptura oficial do S. P. D. com o marxismo, em 1959, veio tornar inequívoca a aceitação do sistema pelos sociais-democratas; a entrada de sociais-democratas no Governo Federal, em 1966 veio tornar inequívoca a aceitação do S. P. D. pelos interesses criados — como adversário respeitável e inevitável, isto é, como parceiro.

Os aliados indispensáveis

Três anos de Governo tornaram os sociais-democratas os aliados parlamentares e governamentais indispensáveis da democracia-cristã, partido cujas ideologia e prática política mais não são do que um conjunto de receitas de imobilismo e de conservantismo. A hipótese de um Governo exclusivamente cristão-democrata (ou, o que seria o mesmo, de coligação da democracia-cristã com o pequeno Partido Liberal, que na última legislatura dispunha de 48 lugares) é pois improvável; ou seria, pelo menos, improvável a sua manutenção no poder a médio prazo. O S. P. D., com a sua considerável força política e com todo o peso da sua força sindical, é um elemento essencial do mecanismo governativo e é forçoso a sua participação nas chamadas responsabilidades do poder.

Por outro lado, também um Governo exclusivamente constituído pelos sociais-democratas não teria grande futuro. Perante semelhante solução, não seria de excluir uma aliança parlamentar dos cristãos-democratas com os liberais e até com os neonazis (se estes conseguirem, como esperam, alguns dos 496 lugares no Parlamento), que comprometeria gravemente a acção governativa do S. P. D.

É, assim, quase certo que um Governo de coligação C. D. U. — S. P. D. continuará a dirigir politicamente os destinos da R. F. A. De qualquer modo, seja qual for o resultado concreto do pleito eleitoral, a grande coligação (a cumplicidade) do capital monopolista e das burocracias políticas e sindicais sociais-democráticas não será afectada.

AMADEU LOPES SABINO

A SORTE DE DUBCEK SERÁ DISCUTIDA PELA COMISSÃO CENTRAL

PRAGA, 20 — (R.) — Os dirigentes da Checoslováquia decidiram finalmente convocar na próxima quinta-feira uma sessão da Comissão Central do Partido Comunista para discutir a sorte de Alexandre Dubcek e de outros reformistas.

A data foi anunciada a noite passada pelo «praesidium» de 11 membros do Partido num comunicado que revelou, também, que uma delegação ao mais alto nível do Partido e do Estado visitaria a União Soviética.

As comunicações provocaram especulação de que uma anunciada luta pelo Poder entre comunistas intransigentes e moderados, no seio da hierarquia do Partido, tomara uma nova direcção.

Para alguns observadores, a planeada visita à Rússia é uma indicação de uma manifestação de confiança do Kremlin no autoritário dr. Gustav Husak, que substituiu Dubcek no cargo de secretário do Partido.

A visita deveria auxiliar a dissipar persistentes murmurações sobre se sim ou não o dr. Husak goza realmente dos favores do Kremlin — acrescentaram os observadores.

OS «QUATRO» DISCUTEM PROBLEMAS MUNDIAIS

NAÇÕES UNIDAS, (NOVA YORK), 20 — (R.) — Os «quatro grandes» — Estados Unidos, União Soviética, Grã-Bretanha e França — realizam esta noite conversações sem carácter formal sobre o Médio Oriente e outros problemas mundiais durante um banquete oferecido por U Thant, o secretário geral da O. N. U.

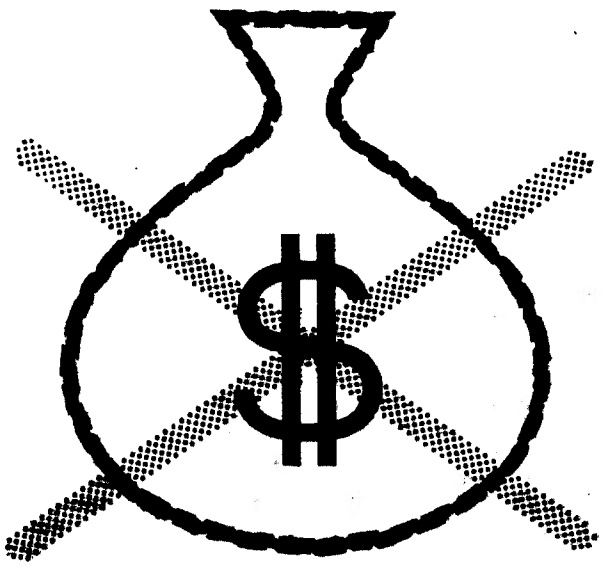
Não se espera, porém, que o encontro entre o secretário de Estado americano, William Rogers, e os ministros dos Negócios Estrangeiros da União Soviética, Grã-Bretanha e França respectivamente, Andrei Gromyko, Michael Stewart e Maurice Schumann, consigam resultados de grande alcance.

É o terceiro ano consecutivo que U Thant aproveita a presença simultânea dos ministros dos Negócios Estrangeiros na assembleia geral das Nações Unidas para os reunir à mesa de um banquete.

Nos encontros de 1967 e 1968 não se verificaram quaisquer trocas significativas, mas havia hoje esperanças em alguns círculos da O. N. U. de que o convívio poderia, esta noite, abrir caminho a uma revisão séria dos problemas mundiais.

Os discursos mais importantes proferidos até agora na assembleia geral não revelaram quaisquer grandes mudanças na política externa dos Estados Unidos e da U. R. S. S. deixando muitos delegados com um sentimento de frustração.

O presidente Nixon, que discursou na quinta-feira, não apresentou quaisquer novas iniciativas importantes, não impressionando grande parte dos membros. Gromyko, que falou ontem, ignorou o apelo de Nixon para acabar com o ponto morto no Vietnam, rejeitou a proposta americana para um embargo a armas para o Médio Oriente e causou, também desapontamento geral entre a sua audiência de 126 países.



DINHEIRO PARADO
RENDIMENTO ATRAZADO

o seu capital parado NÃO EXISTE

INVESTIMENTO
É RENDIMENTO!
NO
PARQUE RESIDENCIAL DAS MERCÊS

VOCÊ PODERÁ ESCOLHER (A 20 MINUTOS DO CENTRO DA CIDADE) O SEU ANDAR DE 2, 3 OU 4 AMPLAS DIVISÕES ASSOALHADAS, DESDE 170 000$00, NUMA ZONA TRANQUILA EM PLENO DESENVOLVIMENTO (INICIOU-SE AGORA A 2.ª FASE, JÁ QUE A 1.ª ESTÁ COMPLETAMENTE VENDIDA).

FACILIDADES DE PAGAMENTOS

O BANCO TOTTA-ALIANÇA — ONDE O COMPRADOR DEPOSITARÁ OS VALORES DA SUA ENTREGA INICIAL — PRESTA A SUA COLABORAÇÃO OFERECENDO-LHE, A PAR DO SEU SERVIÇO TRADICIONAL, A GARANTIA DO REEMBOLSO, CASO A VENDA EFECTIVA NÃO SE REALIZE POR FACTO IMPUTÁVEL AO VENDEDOR.

INSCREVA-SE DESDE JÁ NA
SITURCO*
R. DO SOL AO RATO, 104, 2.º D. — LISBOA
Telefones: 66 12 26 - 68 09 59 - 68 22 54

* Incluída no grupo de EMPRESAS SEPULCHRE

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

IMPRESSORES

Offset. Meios Oficiais e Aprendizes. Empresa nos Arredores de Lisboa. Indicar idade, locais e anos de trabalho, ordenado pretendido.

Resposta a este jornal ao n.º 346.

As ELEIÇÕES para DEPUTADOS

Reuniões C.D.E.-C.E.U.D: em Lisboa promovidas pelos iniciadores do apelo à unidade da Oposição

Recebemos com pedido de publicação, o seguinte comunicado:

«Os iniciadores do apelo á unidade informam que tomaram a iniciativa de convocar represenante da C. D. E. e da C. E. U. D. para reuniões conjuntas, a fim de tentarem encontrar solução para o problema de apresentação de uma lista unica pelo círculo eleitoral de Lisboa, tendo-se realizado duas sessões de trabalho em 18 e 19 do corrente.

Lisboa, 20 de Setembro.

Ramon Machado de La Féria

Alice Sampaio

Fernando Luís Barreiros Marques

Guido dos Santos Rodrigues

Leonel Rodrigues Lobo».

DEMOCRATAS DA PÓVOA DE VARZIM

APELAM PARA A UNIDADE DA OPOSIÇÃO

PÓVOA DE VARZIM, 20 — Um grupo de democratas poveiros enviou á Comissão Democrática Eleitoral e á Comissão Eleitoral de Unidade Democrática do Distrito do Porto, o seguinte apelo:

«Os democratas do concelho da Póvoa de Varzim, abaixo assinados, considerando que o próximo acto eleitoral pode ser decisivo para o triunfo da democracia, e que só o será com a conjugação dos esforços de todos os democratas, apelam para a coragem, para o patriotismo e sacrifícios, já provados, dessas comissões, a fim de que se obtenha uma verdadeira unidade, numa só lista. Só assim é que, nesta conjuntura, compreendem a luta.

Queiram aceitar as nossas saudações fraternais e democráticas.

aa) José Martins da Fonte, advogado; Arminio Maio dos Santos Graça, advogado; Joaquim Teófilo Nunes Bento, comerciante; Raul Matos, médico; Heliodoro Trocado Moreira, comerciante; Eduardo Campos Costa, médico; Alfredo Santos Graça, industrial; Fernando Linhares de Castro, comerciante; Emiliano Almeida Correia, técnico de contas; Manuel Frasco, gerente comercial; António Maio dos Santos Graça, proprietário; António de Sá Moreira, empregado de escritório.»

★

Subscreveram também o apelo á unidade da Oposição em Lisboa, iniciada pelo dr. Ramon de Ia Feria:

Manuel José da Costa (técnico de contas); João Luís Porfírio de Oliveira (empregado de escritório); Aura Neves Taipas (licenciada em Farmácia); Maria Ester Pinharanda (licenciada em Farmácia); Maria Ortense Pinharanda (estudante); Sofia Carmo Pinharanda (educadora infantil); Egídio Namorado (licenciado em Física); Mário Dionísio (escritor); Carlos Martins (gerente comercial); Francisco Lyon de Castro (editor); Alfredo Gonçalves Esteves Belo (economista); Maria Fernanda Lapa (assistente social).

Novas adesões à C.D.E. do distrito de Braga

Da Comissão Democrática Eleitoral do Distrito de Braga recebemos o seguinte comunicado, com pedido de publicação:

«Em apoio á lista dos candidatos da Oposição Democrática de Braga constituída pelos srs. drs. A. Marinho Dias, Humberto Soeiro, J. A. Santos Simões, J. Vítor de Sá, Lino Lima e D. Maria Margarida Malvar, inscreveram-se mais os seguintes cidadãos do concelho de Braga: Adérito de Oliveira Fernandes Guimarães (comerciante), Alberto de Jesus Couto de Abreu (empregado comercial), Alfredo da Silva Mouta (comerciante), Alexandre António Praça Santos (comerciante), Alvaro Figueiredo Amdrade (industrial), Alvaro Murão do Vale (comerciante), António dos Santos Coelho (industrial), António Pinheiro Braga (engenheiro civil), Artur Barreto Marques (candidato a advocacia), Carlos Rodrigues (empreiteiro), Domingos Gomes dos Santos (comerciante), Domingos da Cunha Soares (electricista), Eduardo Dias da Costa (comerciante), Eugénio de Amorim Feio Vale (comer-

(Continua na 13.ª página)

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

Pretendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

A MÃO

...que lhe dá o melhor CAFÉ!!
60 ANOS DE EXPERIÊNCIA
A BRASILEIRA DO PORTO

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Reunião de democratas em Portalegre

Está definitivamente marcada para segunda-feira, dia 22, ás 21 e 30, no cine-teatro Cristal, a reunião de democratas de Portalegre, que tinha sido adiada, como noticiámos, por não estarem garantidas as formalidades necessárias

Como tem sido divulgado, a reunião de democratas no distrito de Portalegre tem por finalidade definir a atitude a tomar face ás eleições, constitui a Comissão Democrática Eleitoral e eleger uma lista de candidatos.

UMA DECLARAÇÃO POLÍTICA DO DR. ALÇADA BAPTISTA

— AO ACEITAR A CANDIDATURA OPOSICIONISTA DE CASTELO BRANCO

Perante a Comissão representativa dos democratas do distrito de Castelo Branco, que ontem veio a Lisboa solicitar-lhe a aceitação da candidatura na lista oposicionista daquele círculo, o sr. dr. António Alçada Baptista proferiu a seguinte declaração:

«Agradeço muito o vosso convite e a maçada que quiseram ter em vir aqui manifestar-me a confiança das pessoas da minha região.

Numa altura em que tinha para mim já assente não aceitar qualquer candidatura surge este pedido, reconhecimento duma presença que durante muito tempo sentiram a seu lado a testemunhar por coisas que consideramos muito importantes para a nossa comunidade. Não há nada pior do que fazer desesperar aqueles que em nós alguma vez puseram esperanças e por isso o convite tem-me tirado algum sossego — o que agradeço também: os verdadeiros amigos são aqueles que em certas alturas nos fazem exigências. Mas não ficaria bem comigo próprio nem corresponderia á confiança que em mim depositaram se não pusesse á vossa consideração o seguinte esclarecimento de ordem meramente pessoal, cabendo depois aos meus amigos decidir se mantêm a vossa escolha.

Entendo que a vida política deste país só pode ser feita através duma proposta de trabalho que seja concreta, possível, dignificante, dialogante e participada.

Considero que a proposta de trabalho do prof. Marcelo Caetano é concreta, é possível, é dignificante, mas não é suficientemente dialogante e participada, porque não temos ainda instituições políticas que assegurem o diálogo e a participação de todos nas grandes tarefas colectivas da Nação. Entendo também que há elementos do regime que, com grande esforço e alguma incompreensão, trabalham por um apoio cada vez maior ao presidente do Conselho, no sentido da evolução para instituições políticas sãs; que tenho por essas pessoas um grande respeito.

Gostaria por isso que ficassem conscientes que também sinto o dever de compreender todas as linhas de trabalho que, dentro do regime, estão empenhadas na criação de instituições políticas sãs, na seriedade administrativa, e tentam, pela primeira vez, uma programação científica e planificada dos grandes problemas nacionais.

Para além desta minha óptica circunstancial, estou empenhado, com os restantes companheiros de lista, em ajudar a construir uma sociedade livre, pluralista, adulta, justa, participante e criadora, que é uma exigência profunda dos princípios cristãos de que me reclamo.»

CANDIDATOS DA C.E. DO DISTRITO DE LISB

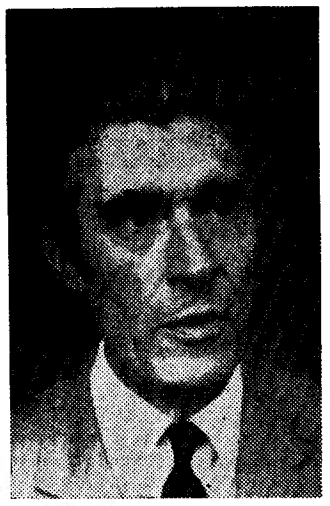
Inserimos a seguir a biografia dos candidatos da Comissão Unidade Democrática do Distrito de Lisboa, segundo elementos que fornecidos pela mesma Comissão.

Francisco de Sousa Tavares

Francisco José de Sousa Tavares, advogado; nasceu em Lisboa, a 12 de Junho de 1920, e licenciou-se com distinção na Universidade de Lisboa, em 1944.

Formado intelectualmente pelo Integralismo Lusitano, sempre se situou, porém, naquilo a que se pode chamar a sua ala esquerda.

Tomou parte na candidatura do general Humberto Delgado, como colaborador e elemento de ligação.


FRANCISCO DE SOUSA TAVARES

Em 1961 organizou e promoveu o aparecimento duma lista de Oposição em Lisboa, de monárquicos independentes, que foi invalidada por sentença do Supremo Tribunal Administrativo.

A partir de 1961, abandonou progressivamente a política monárquica e, com carácter definitivo, a partir de 1965 — por verificar ter-se transformado irremissívelmente a ideia monárquica em Portugal num factor retrógrado e oposto a qualquer espécie de desenvolvimento social.

Como consagração definitiva desta atitude, dirigiu, já este ano, ao Congresso Republicano de Aveiro, uma carta, publicada na Imprensa, em que considerava a República com um facto definitivo e liquidado o problema do regime em Portuagal.

A partir de 1962 e, sobretudo, de 1965, colaborou na redacção, assinou e promoveu a divulgação de manifestos de intervenção de católicos na vida pública nacional. Igualmente colaborou intimamente na feitura de manifestos gerais da Oposição, como, por exemplo, o dirigido ao Chefe do Estado por ocasião dos 40 anos do Estado Novo.

Durante anos, foi presidente e depois secretário-geral do Centro Nacional de Cultura, membro da comissão jurídica da extinta Sociedade Portuguesa de Escritores, etc.

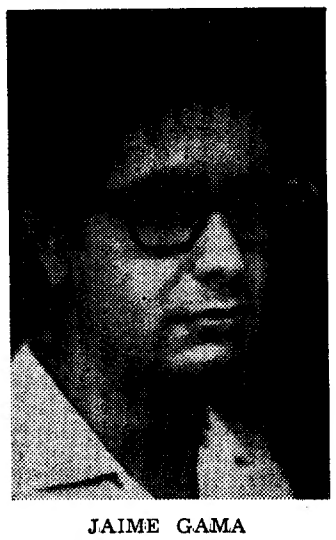
É contrário á formação de grupos políticos confessionais, defendendo a integração dos católicos em plano de igualdade nos movimentos de reivindicação social e política.

Jaime Gama

Jaime José Matos da Gama nasceu em 1947, na ilha de S. Miguel, Açores.

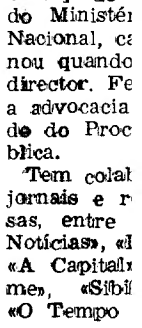
É actualmente aluno do quarto ano de Filosofia da Faculdade de Letras de Lisboa. Colaborou nas Associações de Estudantes. Faz parte do Conselho de Redacção da revista «O Tempo e o Modo». Foi um dos elementos da Comissão Promotora de Voto. Recentemente, participou nos trabalhos preparatórios para a apresentação de uma candidatura oposicionista pelo círculo de Ponta Delgada.

É membro da Comissão Coordenadora da C. E. U. D.


JAIME GAMA

Ru

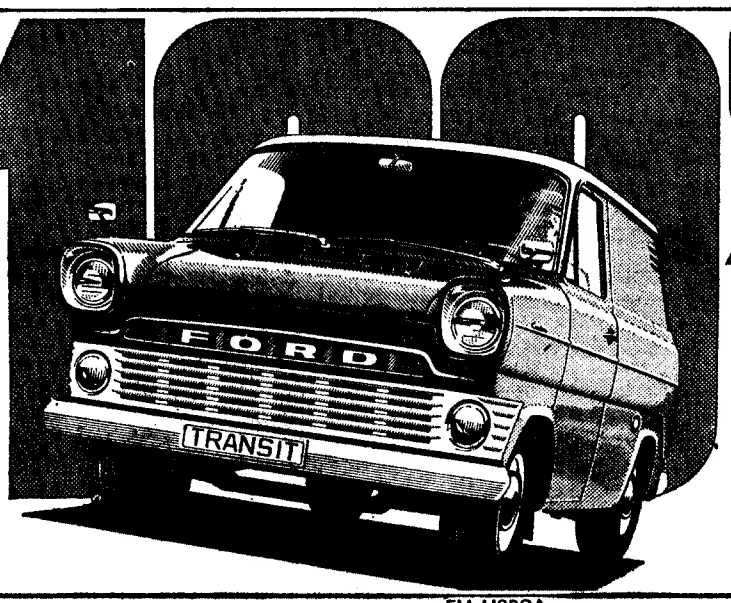
Rui de M... lo, é natur... onde nasceu... três primeir... versidade f... cidade de ... bra, mas lic... boa. Com u... do, foi pa... D... o Can... 1956. Em 19... no ano segu... ramento, ap... tese sobre «... censura ecle...


RUI DE

tubro de 19... na Faculda... Lisboa, ten... co... luído o... deiras que i... Prepara um... ciatura sob... literatura po... do simbolis... de investiga... Calouste G... 1962 até 196...

Durante, q... foi director... torial Aster... redacção da... Foi adjunto... Serviço de I... do Ministér... Nacional, ca... nou quando... director. Fe... a advocacia... do do Proc... blica.

Tem colab... jornais e r... sas, entre ... Notícias», «... «A Capital»... me», «Sibil... «O Tempo ...

Transit
as únicas comerciais 100%
não se contente com menos!


100%
Força,
Furg
Expe
Fo
À SUA DISPOSIÇÃO NOS CONCESSIONÁRIOS FORD EM LISBOA
LINCÚRI Av. da República, 32-A-Telef. 777091
STAND MODERNO Av. Fontes Pereira de Melo, 15-A-Telef. 49669 — Av. João Saraiva, 15 (Alvalade)-Telef. 7
DOLFOR-DOLBEER & LEE, S. A. R. L. Est. do Prior Velho-Telef. 2511301-Sacavém

C. E. U. D. LISBOA

Comissão Eleitoral de
lementos que nos foram

Rui Belo

Rui de Moura Ribeiro Belo, é natural de Santarém, onde nasceu há 36 anos. Nos três primeiros anos de Universidade frequentou a Faculdade de Direito de Coimbra, mas licenciou-se em Lisboa. Com uma bolsa de estudo foi para Itália cursar Direito Canónico, no ano de 1956. Em 1957 licenciou-se e no ano seguinte fez o doutoramento, apresentando uma tese sobre «Ficção literária e censura eclesiástica». Em Ou-

RUI DE MOURA BELO

tubro de 1961 matriculou-se na Faculdade de Letras de Lisboa, tendo recentemente concluído os exames das cadeiras que integram o curso. Prepara uma tese de licenciatura sobre «O soneto na literatura portuguesa a partir do simbolismo». Foi bolseiro de investigação da Fundação Calouste Gulbenkian, desde 1962 até 1968.

Durante, perto de três anos foi director literário da Editorial Aster, Lda, e chefe de redacção da revista «Rumo». Foi adjunto do director do Serviço de Escolha de Livros do Ministério da Educação Nacional, cargo que abandonou quando ia ser nomeado director. Fez o estágio para a advocacia como subdelegado do Procurador da República.

Tem colaborado em vários jornais e revistas portuguesas, entre eles, «Diário de Notícias», «Diário de Lisboa», «A Capital», «Rumo», «Filme», «Sibila», «Encontro», «O Tempo e o Modo», etc.

DR. RAUL RÊGO

Nesses órgãos de imprensa, além da colaboração poética assídua, tem abordado a crítica de arte, a crítica literária e o ensaio doutrinal, orientando nesse sentido a sua preparação universitária. Ultimamente, viu-se representado no numero da revista francesa «Esprit» dedicado á poesia portuguesa. Também se acha representado na Antologia de Poesia Universitária e nas Líricas Portuguesas (4.ª série).

Publicou até á data os seguintes livros de poesia: «Aquele Grande Rio Eufrates»; «O Problema da Habitação — Alguns Aspectos»; «Boca Bilingue»; e «Homem de Palavra (s)» (no prelo).

Editou, traduziu e prefaciou, entre outros, os seguintes livros: A. de Saint-Exupéry: «Cidadela»; Montesquieu: «Considerações sobre as Causas da Grandeza e Decadência dos Romanos»; Blaise Cendrars: «Moravagine»; A. de Saint-Exupéry: «Um Sentido para a Vida»; Camilo Castelo Branco: «Os Brilhantes do Brasileiro»; Antero de Quental: «Prosas Dispersas».

Raul Rêgo

Raul Rêgo nasceu em Macedo de Cavaleiros, em 1913. Foi educado no Colégio de S. Tomás de Aquino, em Braga, e no Seminário de Viana do Castelo, com um ano de estudo em França, em 1931-1932.

Completando o curso de Teologia, sem se ordenar, foi professor do Ensino Liceal Particular durante um ano. Entrou no jornalismo, sendo presentemente, nosso camarada de Redacção, e redactor do «Jornal do Comércio».

Pertenceu á redacção da «Seara Nova» e foi colaborador de revistas e jornais, como «Sol Nascente» e «Humanidade», tendo sido ainda redactor da Agência Reuter. No exercício da profissão,

(Continua na página seguinte)

OS CANDIDATOS DA U. N. PELO CÍRCULO DE COIMBRA

Publicamos em seguida os principais traços biográficos dos candidatos a deputados da U. N. pelo círculo de Coimbra, de acordo com elementos fornecidos pela respectiva Comissão Eleitoral:

LINHARES FURTADO

O sr. dr. Linhares Furtado é natural da ilha de S. Miguel, onde nasceu em 1933. Com bolsa de estudo da Junta Geral do Distrito de Ponta Delgada, matriculou-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, onde se licenciou em 1959, com 18 valores, tendo apresentado como tese de licenciatura um trabalho sobre patologia biliar (19 valores). Convidado para segundo assistente da referida Faculdade, dedicou-se, particularmente, a problemas de patologia hepática e vascular.

Em 1954, apresentou tese de doutoramento que defendeu em 1955, tendo sido classificado com 19 valores. Foi, então, nomeado primeiro assistente.

Em 1966 estagiou em Londres e noutras cidades da Grã-Bretanha durante oito meses, no sector de Urologia, e, no ano seguinte, foram-lhe entregues a regência da cadeira de Urologia da Faculdade de Medicina de Coimbra e a direcção dos respectivos serviços. Chefiou a equipa médica que procedeu, em Julho, á primeira transplantação de um rim no nosso País.

É autor de diversos trabalhos de índole médico-cirurgica, clínicos e experimentais.

DR. LINHARES FURTADO

VÍTOR AGUIAR E SILVA

O sr. dr. Vítor Manuel Pires de Aguiar e Silva nasceu em 15 de Setembro de 1939, em Real (Penalva do Castelo), e é licenciado em Filologia Romanica (com 19

(Continua na 13.ª página)

A obra de Urbano Tavares Rodrigues traduzida em Cuba

Por convénio já estabelecido entre a *Casa de la Edición di la Habana* e o escritor e nosso companheiro de trabalho Urbano Tavares Rodrigues, vai ser editado em Cuba o romance «Bastardos do Sol». Urbano Tavares Rodrigues cedeu àquela editora estadual os direitos de publicação de toda a sua obra. Após «Bastardos do Sol», prevê-se a publicação em Cuba de «Imitação da Felicidade», «Terra Ocupada» e «Horas Perdidas».

A OPOSIÇÃO E A U. N. DE BEJA APRESENTADAS AO GOVERNADOR PELO PRESIDENTE DA CÂMARA

BEJA, 20 — Uma representação da U. N. do distrito de Beja foi hoje recebida pelo governador civil, a quem participou a constituição da respectiva Comissão Eleitoral.

Acompanhou os representantes da União Nacional o presidente da Câmara Municipal de Beja, dr. Fernando Nunes, que já havia acompanhado os dirigentes oposicionistas que foram comunicar a constituição da Comissão Eleitoral Democrática apresentando-os ao chefe do distrito.

CONCURSO

«A MELHOR REFEIÇÃO AO MELHOR PREÇO»

Terrina (miniatura) de prata, correspondente aos 1.os prémios do concurso. Os 2.os e 3.os prémios são terrinas do mesmo modelo, de casquinha dourada e cobre respectivamente

No passado dia 5 do corrente reuniu o júri do concurso «A Melhor Refeição ao Melhor Preço», que, em conformidade com o estabelecido na base VI do respectivo regulamento, decidiu atribuir os seguintes prémios:

ZONA DE LISBOA E ARREDORES

Restaurantes de 1.ª classe

1.º PRÉMIO «A Central da Baixa»

EMENTA:
- Creme Cartaxense
- Bacalhau no forno à Central
- Queijo da Serra
- Torta à Central
- Vinho Branco Arruda

2.º PRÉMIO «Galeto»

EMENTA:
- Caldo Verde
- Arroz de pato
- Queijo da Serra
- Leite Creme
- Vinho da Bairrada

O 3.º prémio não foi atribuído

MENÇÕES HONROSAS «Varanda do Chanceler»

EMENTA:
- Mariscos na poça
- Codornizes no vinho
- Queijo da Serra
- Banana no Sacrifício
- Vinho Tinto Romeiros 1959

«Galeria Real»

EMENTA:
- Sopa de peixe à portuguesa
- Lombinhos de peru à D. Fernando
- Queijo de Serpa
- Doce de amêndoa à moda do Algarve
- Vinho Tinto de Colares (colheita de 1955)

Restaurantes de 2.ª classe

1.º PRÉMIO «Quinta de S. Vicente»

EMENTA:
- Caldo verde
- Bacalhau no forno à minhota (extra-concurso)
- Cabrito de churrasco à pastor
- Queijo da Serra
- Morangos
- Vinho tinto Nossa Reserva — 1965

2.º PRÉMIO «O Polícia»

EMENTA:
- Puré de grão
- Chispalhada à Polícia
- Queijo da Serra
- Arroz-doce
- Vinho tinto de Torres Vedras (colheita de 1967)

3.º PRÉMIO «O Manel»

EMENTA:
- Caldo verde
- Lampreia à minhota
- Queijo da Serra
- Maçã assada
- Vinho tinto da Adega Cooperativa da Chamusca

MENÇÕES HONROSAS

«Flecha de Prata»

EMENTA:
- Sopa à provinciana
- Açorda de mariscos
- Queijo da Serra
- Ananás
- Vinho branco da Adega Cooperativa do Cartaxo

«Churrasco»

EMENTA:
- Sopa à alentejana
- Ensopado de enguias
- Queijo da Serra
- Doce de Santo Antão
- Vinho Tinto Churrasco

«Minabela»

EMENTA:
- Sopa à portuguesa
- Rojões à transmontana
- Queijo da Serra
- Pudim à Minabela
- Vinho da Região de Colares

«Toni dos Bifes»

EMENTA:
- Sopa de legumes
- Arroz de cabidela
- Queijo da Serra
- Pudim à Toni
- Vinho tinto de Colares 1962

Restaurantes de 3.ª classe

2.º PRÉMIO «Pinta dos Mariscos»

EMENTA:
- Sopa de peixe
- Lagosta sobre ovos com tomate
- Queijo da Serra
- Doce
- Vinho da Região

ZONA DE COIMBRA E ARREDORES

Restaurantes de 2.ª classe

1.º PRÉMIO «Pedro dos Leitões»

EMENTA:
- Sopa à portuguesa
- Leitão assado à Bairrada com salada mista
- Queijo da Serra
- Fruta
- Vinho Mealhada (colheita de 1968)

2.º PRÉMIO «Texas Parque»

EMENTA:
- Sopa à camponesa
- Açorda de marisco
- Chanfana à Texas (extra)
- Queijo da Serra
- Doce
- Vinho tinto Especial Texas

3.º PRÉMIO «Restaurante Império»

EMENTA:
- Caldo verde
- Chanfana à Quinta de S. Bento de Semide
- Pastéis de Santa Clara
- Vinho da Adega Cooperativa de Voúzela

Restaurantes de 3.ª classe

2.º PRÉMIO «Rainha Santa»

EMENTA:
- Caldo verde
- Bife à portuguesa
- Queijo da Serra
- Arroz doce
- Vinho da Região

A todos os Restaurantes concorrentes, que não foram premiados e cuja participação muito valorizou este Concurso, serão atribuídos diplomas alusivos.

A entrega dos prémios será levada a efeito em acto público e terá lugar em data a fixar oportunamente.

100% eficientes. 5 m³ de espaço.
1090 a 1300 Kgs. de carga.
Força, robustez, economia, comodidade.
Motor gasolina e diesel.
Furgonetas, mistas até 9 lugares, chassis-cabina.
Experimente-as na estrada e na cidade.

Transit
Ford
Ford à frente

CIESA-NCK-ADAPT. T-6

lade) - Telef. 71 1066/9

PRATAS EM 2.ª MÃO
Grande variedade — Bons preços
Ourivesaria Pimenta
Rua Augusta, 253—Telf. 32 45 64

CANDIDATOS DA C. E. U. D. DO DISTRITO DE LISBOA

(Continuação da pág. anterior)

esteve em Inglaterra, França, Espanha, Itália, Alemanha, Estados Unidos, Holanda e Brasil. Foi presidente da Casa da Imprensa, em 1965 e 1966.

A sua actividade política tem sido intensa, desde 1945, no MUD, a cuja comissão de jornalistas pertenceu. Participou em todos os movimentos e campanhas de Oposição, particularmente nos das candidaturas dos generais Norton de Matos e Humberto Delgado, em ambas dirigindo os serviços de Imprensa, como os dirigiu na campanha de 1965, em que foi candidato.

Fez também parte da comissão de redacção do «Programa para a Democratização da República», em 1961.

Entre as suas obras, contam-se os seguintes opusculos e volumes: «Duas Cartas Inéditas de Alexandre Herculano», «Monografia de São José Godim», «Cristãos Novos e Cristãos Velhos em Portugal», de A. Ribeiro Sanches, «Notas de Camilo Castelo Branco á História de Portugal», de Rebelo da Silva.

Mário Bruxelas

Mário Jorge Bruxelas nasceu em Lisboa, a 16 de Agosto de 1930. Diplomado em Arquitectura pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, em 1958, dedicou-se, desde então ao estudo da habitação social, ingresando, em 1960, no Gabinete Técnico da Habitação.

No entanto, e dado que a problemática da habitação não pode ser entendida em sentido restrito, alargou o seu campo de estudo a outras matérias estreitamente correlacionadas. Assim, como colaborador do Instituto Nacional de Investigação Industrial, tem desenvolvido estudos sobre planeamento físico regional. Nessa qualidade, foi integrado na equipa daquele Instituto que procedeu ao inquérito com vista ao desenvolvimento regional dos Açores, tendo-se ocupado da parte referente a estruturas urbanísticas regionais. Ainda como colaborador do I.N.I.I. tem prosseguido em estudos de industrialização e ordenamento físico de parques industriais, no contexto temático de valorização regional.

MÁRIO JORGE BRUXELAS

Para aperfeiçoamento profissional tem realizado estágios e visitas de estudo em diversos países.

No decorrer da sua actividade profissional, tem sido chamado a participar em congressos e colóquios especialidados, dos quais se destacam: Congresso da União Internacional dos Arquitectos, que teve lugar em Lisboa; Colóquio do Habitat; Colóquio sobre Urbanismo; Colóquio sobre Turismo; Colóquios sobre desenvolvimento regional nos Açores, Abrantes e Viseu; e Colóquio sobre política da habitação, realizado recentemente.

É membro da União Internacional dos Arquitectos e do Sindicato Nacional dos Arquitectos, tendo sido eleito para a Direcção deste organismo em 1966 (não homologado) e reeleito para o mesmo cargo em 1968.

De formação liberal, tem participado activamente em movimentos associativos e democráticos.

Gonçalo Ribeiro Telles

Gonçalo Pereira Ribeiro Telles nasceu em Lisboa, na freguesia de S. José, em 1922.

GONÇALO PEREIRA RIBEIRO TELES

É engenheiro agrónomo e possui o curso de arquitecto-paisagista do Instituto Superior de Agronomia.

Pertenceu, desde 1951, aos quadros técnicos da Câmara Municipal de Lisboa, tendo trabalhado na Repartição de Arborização e Jardinagem e no Gabinete de Estudos de Urbanização, onde colaborou na elaboração do Plano Director de Lisboa realizado naquele Gabinete.

Em 1957, tomou posse do lugar de 2.º assistente do curso livre de Arquitectura Paisagista do Instituto Superior de Agronomia.

Tem tomado parte em diversos Congressos e Colóquios internacionais em especial no Congresso de Urbanização da «International Federation of Housing and Town Planing», realizado em Lisboa (1952), em Zurique (1956), no V Congresso da I. F. L. A. (International Federation of Landscape Architechts). Em 1957, tomou parte, na cidade de Colónia, no Colóquio de Arquitectura Paisagista, organizado pela «Deutschen Gesellschaft für Garten Kunsta und Landschaftsflege». Em 1960, tomou parte no VI Congresso da I. F. L. A., em Amsterdão.

Figuraram trabalhos seus nas seguintes exposições internacionais: Exposição de Arquitectura Paisagista de Zurique, Exposição Itenerante da I. F. L. A. de 1957, Exposição de Urbanismo de Viena de Áustria.

Tem publicados mais de quinze trabalhos e artigos em diversas publicações, entre elas «Cidade Nova», «Agros», «Arado», «Távola Redonda», «O Tempo e o Modo», «Arquitectura», etc...

Foi presidente geral da Juventude Agrária Católica e membro da Direcção Diocesana de Lisboa da L. U. C. Pertenceu á redacção do Jornal «Arado» onde colaborou assiduamente.

Foi, também, presidente do Centro Nacional de Cultura.

Na eleição para deputados, á Assembleia Nacional, em 1961, foi candidato da lista dos «monárquicos independentes», invalidada por despacho do Supremo Tribunal Administrativo, tendo desde então militado na ala esquerda do pensamento monárquico. É delegado eleito á Assembleia Regional de Lisboa da Ordem dos Engenheiros, ainda não homologado, e pertence á Secção de Protecção á Natureza da Sociedade de Geografia.

Foi um dos signatários do «Manifesto dos 101», nas eleições de 1965.

Francisco Salgado Zenha

Francisco de Almeida Salgado Zenha nasceu em Braga em 1923, tendo-se formado em Direito, em Coimbra. Foi o primeiro presidente eleito da Associação Académica de Coimbra, em 1944-45, depois desta Associação ter sido sujeita ao regime das comissões administrativas em 1936.

Pertenceu á Comissão Universitária de Coimbra do M. U. D. e á Comissão central do M. U. D. Juvenil. Fez parte das Comissões de Apoio á Candidatura do general Norton de Matos de 1949. Apoiou a candidatura do general Humberto Delgado em 1958.

Foi um dos subscritores do «Programa para a Democratização da República» em 1961 e candidato da Oposição Democrática pelo Círculo Eleitoral de Lisboa, em 1965.

Exerce a advocacia em Lisboa, tendo intervindo em inumeros processos políticos em que tem defendido réus de todas as tendências políticas.

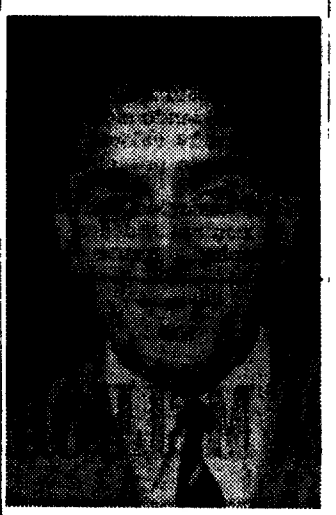
Fez parte do Conselho Distrital de Lisboa e do Instituto da Conferência da Ordem dos Advogados (1963-1968) e é membro da Comissão das Relações Internacionais e Delegado pelo Círculo de Lisboa ás Assembleias Gerais da mesma Ordem.

FRANCISCO SALGADO ZENHA

Tem publicado vários estudos e trabalhos sobre temas jurídicos e os Direitos do Homem, citando-se entre eles: «Um caso de medida de segurança sem crime»; «O Estatuto da Imprensa» (em colaboração com Francisco Pereira de Moura, Mário Neves e Rogério Fernandes); «Quatro Causas»; «Justiça e Polícia» (em colaboração com Duarte Vidal).

Pedro Santos Coelho

Pedro Amadeu de Albuquerque Santos Coelho, nasceu em 17 de Dezembro de 1940, em Lisboa, tendo terminado o curso da Escola Superior de Farmácia desta cidade, em 1960. Continuou os seus estudos na Faculdade de Ciências de Lisboa e no Instituto Superior Técnico onde terminou o curso de Engenharia Química em Julho de 1967. Foi colaborador no Movimento Associativo Estudantil, tendo no ano lectivo de 1965-66 sido delegado de curso e 1.º secretário da Junta de Delegados do Instituto Superior Técnico. No ano seguinte, foi eleito presidente da direcção da Associação dos Estudantes deste Instituto, tendo continuado a trabalhar no Movimento Associativo, depois de terminado o seu mandato, na comissão organizadora do IV Seminário de Estudos Associativos.

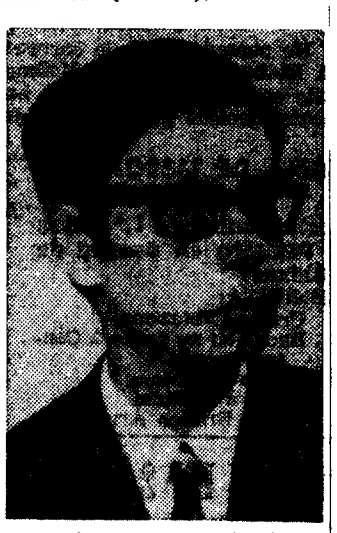


PEDRO AMADEU SANTOS COELHO

Actualmente, cumpre o serviço militar na Reserva Naval da Marinha Portuguesa, e prepara a licenciatura em Farmácia, na Faculdade de Farmácia de Lisboa.

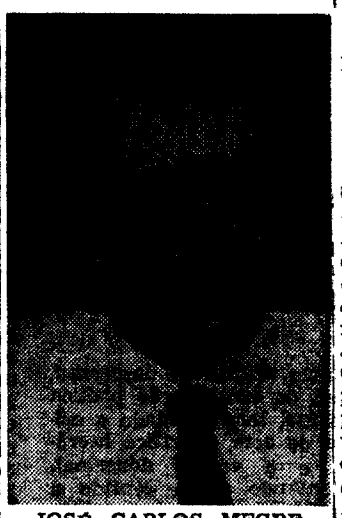
Mário Pina Correia

Mário de Castro Pina Correia tem 31 anos, e é natural de Lisboa. Empregado bancário, foi eleito, em 1968, director do Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito de Lisboa, cargo para que lhe foi recusada homologação. Tem sido, desde os 18 anos, dirigente, a vários níveis, de organismos juvenis da Acção Católica Portuguesa e foi membro das Comissões Central e Executiva do Grande Encontro da Juventude (1961-63). Foi presidente geral da Juventude Independente Católica (1962-1966) e membro da Junta Central da Acção Católica (1966-68).



MÁRIO DE CASTRO CORREIA

José Carlos Mégre



JOSÉ CARLOS MEGRE

José Carlos Sena Belo Mégre, de 30 anos, é natural de Lisboa. É professor do Ensino Secundário.

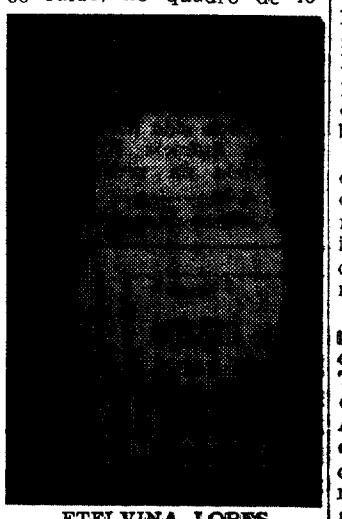
Enquanto estudante de Filosofia, tomou parte activa na crise universitária de 1962.

Foi secretário da direcção do Centro Nacional de Cultura (1959-60) e redactor e chefe de redacção do jornal universitário «Encontro» (1964-1968). Desempenhou, depois, cargos directivos na Juventude Universitária Católica (1967-68) e na Junta Central da Acção Católica (1968-69), donde se demitiu para poder aceitar a candidatura a deputado, uma vez que o desempenho de cargos directivos na A. C. P. foi considerado incompatível com a tomada de posições políticas concretas e publicas. Foi um dos delegados da A. C. P. ao Congresso Mundial das Juventudes Católicas (Berlim, Abril de 1968) que tratou o tema «A Construção da Paz».

Foi ainda um dos signatários do «manifesto dos 101», nas eleições de 1965.

Etelvina Lopes de Almeida

Etelvina Lopes de Almeida nasceu em Serpa, em 17 de Março de 1916. Terminado o curso liceal, ingressou no jornalismo e mais tarde, por concurso, no quadro de locutores da Emissora Nacional, donde foi demitida em 1948. Foi directora da revista feminina «Modas & Bordados».

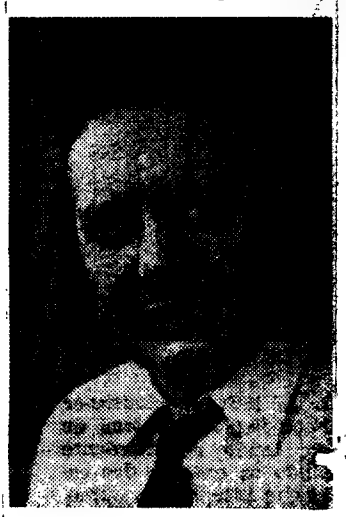


ETELVINA LOPES DE ALMEIDA

De formação democrática independente, participou nas actividades de várias associações femininas. Fez parte da direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores, sob a presidência do dr. Jaime Cortesão. Ligada, pelo seu trabalho em jornais e na rádio, aos problemas da mulher, escreveu um romance sobre a vida da mulher alentejana («Bia Catatroia») e, para crianças, os livros: «Maria Verdade», «O Tontinho da Esquina» e «O Tambor da Paz».

Mário Soares

Mário Alberto Nobre Lopes Soares nasceu em Lisboa, em 7 de Dezembro de 1924. Licenciou-se em Letras (Ciências Histórico-Filosóficas) e em Direito pela Universidade de Lisboa. Foi um dos fundadores, em 1945, do MUD Juvenil, de cuja Comissão Central fez parte. Como representante da Juventude pertenceu á Comissão Central do Movimento de Unidade Democrática (MUD) presidida pelo prof. Mário de Azevedo Gomes e na qual participaram, igualmente, Hélder Ribeiro, Bento Caraça, Maria Isabel Aboim Inglês e Manuel Mendes, entre outros. Foi secretário da campanha do general Norton de Matos, para a Presidência da Republica, em 1949, a cuja comissão central pertenceu.



MÁRIO SOARES

Desde 1955, foi membro do Directório Democrata Social, em estreita colaboração com Jaime Cortesão, António Sérgio e Azevedo Gomes, entre outros, tendo saído daquele agrupamento político após a morte do prof. Azevedo Gomes, ocorrida em Dezembro de 1965. Participou na campanha do general Humberto Delgado, cuja candidatura apoiou desde a primeira hora. Colaborou na redacção e foi um dos signatários do Programa para a Democratização da Republica (1961). Em 1965 foi candidato a deputado pela Oposição Democrática pelo círculo de Lisboa.

É membro da Comissão de Relações Internacionais da Ordem dos Advogados. Como advogado, interveio em inumeros julgamentos políticos no Tribunal Plenário e no Tribunal Militar.

Com larga colaboração dispersa por revistas e jornais, como a «Seara Nova», «O Tempo e o Modo», «Vértice», «Ler», Revista da Ordem dos Advogados, «Republica» e «Diário de Lisboa», pertence ao conselho redactorial do «Jornal do Foro». Publicou as seguintes obras: As ideias políticas e sociais de Teófilo Braga» (1950); «A Justificação Jurídica da Restauração e a Teoria da Origem Popular do Poder Político» (1954); o «Direito á Casa» (1966); «Escritos Políticos» (1969). Democrata e socialista, estreitamente ligado ás campanhas unitárias antifascistas das ultimas décadas, participou, como convidado, em Junho ultimo, no XI Congresso da Internacional Socialista em Eastbourne, Inglaterra, onde se afirmou partidário de um socialismo moderno realizado em liberdade.

CANDIDATOS DA UNIÃO NACIONAL POR COIMBRA

(Continuação da pág. central)

valores) pela Universidade de Coimbra.

Desde Novembro de 1962 que desempenha as funções de segundo assistente da Faculdade de Letras de Coimbra, tendo regido, até agora as disciplinas de Teoria da Literatura e de História da Literatura Portuguesa III. Como bolseiro do Instituto de Alta Cultura e da Fundação Calouste Gulbenkian, tem trabalhado no domínio da investigação e tem tomado parte em diversos colóquios e reuniões de estudo, tanto no País como no estrangeiro.

Entre outros é autor dos seguintes estudos: «Para uma interpretação do classicismo», Coimbra, 1962; «O teatro de actualidade no romantismo português», Coimbra, 1965; «Teoria da literatura», Coimbra, 1967 (2.ª ed. 1969); e «Notas sobre o canone da lírica camoniana», Coimbra, 1968.

DR. AGUIAR E SILVA

JOSÉ COELHO JORDÃO

Nascido em Alqueidão (Figueira da Foz), a 13 de Novembro de 1923, o sr. eng.º

ENG.º JOSÉ COELHO JORDÃO

José Coelho Jordão concluiu, em 1948, o curso de engenheiro silvicultor. Em 1949 passou a pertencer ao Plano de Fomento Agrário. Um ano decorrido, ingressou na Direcção-Geral dos Serviços Florestais, sendo, em 1953, colocado na Circunscrição Florestal de Coimbra, como adjunto do respectivo chefe, passando a pertencer, em 1958, á Administração Florestal da Figueira da Foz.

Desde 1960 que tem exercido vários cargos no Município da Figueira da Foz, do qual, na actualidade, é presidente. Desempenha, ainda as funções de vice-presidente da Junta Autónoma do Porto da Figueira da Foz, e fez parte da assembleia geral da Secção Regional de Coimbra, da Ordem dos Engenheiros, tendo sido seu delegado ao conselho geral.

Foi deputado á Assemblela Nacional na ultima Legislatura.

JOSÉ DOS SANTOS BESSA

Natural de Carapinheira do Campo (Montemor-o-Velho), onde nasceu a 25 de Junho de 1905, o sr. dr. José dos Santos Bessa fez o curso de Medicina na Faculdade de Lisboa. Na Escola Nacional de Agricultura de Coimbra, concluiu o curso de Regente Agrícola. Alferes médico em 1931, um ano após a formatura, manteve-se ao serviço activo durante vários anos, passando á situação de reserva no posto de capitão.

Foi presidente do Conselho Regional da Ordem dos Médicos durante vários triénios e exerceu, também, o cargo de vice-presidente da Camara Municipal de Coimbra. É membro da Comissão Nacional para o Estudo das Vacinações, e desde 1946 que se encontra ao serviço do Instituto Maternal, primeiro como chefe de serviços, depois como delegado e, mais tarde, como director clínico do Centro de Saude e Assistência Materno Infantil Doutor Bissaya Barreto.

Tem presidido nos ultimos anos, á comissão distrital de Coimbra da U. N. e é deputado pelo círculo de Coimbra desde 1945.

Publicou vários trabalhos sobre temas médicos e realizou conferências no País e no estrangeiro.

DR. JOSÉ DOS SANTOS BESSA

Em 1937, foi condecorado com a Ordem Militar de Aviz e, em 1943, com a Medalha de Mérito Militar e mais tarde recebeu a Comenda da Ordem Militar de Cristo.

MARTINS DA CRUZ

Licenciado em Económicas e Financeiras, o sr. dr. Manuel Martins da Cruz, de 52 anos, é natural de Lisboa.

Em 1963, fundou, em Lisboa, o Elos Clube da Comunidade Lusíada. Faz parte de diversas colectividades regionalistas, entre as quais a Casa das Beiras, de que é presidente.

Actualmente, é subinspector da Comissão de Coordenação Económica, requisitado na Junta Nacional dos Resinosos; colaborador do Comité Nacional Português

DR. MARTINS DA CRUZ

da Câmara de Comércio Internacional, e administrador de empresa.

Tem publicado várias obras sobre temas corporativos. É colaborador do Dicionário Jurídico de Administração Publica.

AUGUSTO CORREIA

O candidato Augusto Domingos Correia nasceu em Penela, em 14 de Outubro de 1928. É engenheiro pela Universidade do Porto, onde se formou, em 1953, com alta classificação.

Ingressou, em 1956, como engenheiro civil, na Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos do Ministério das Obras Publicas, qualidade em que serviu na Direcção Hidráulica do Tejo e em que serve, desde 1958, na Direcção Hidráulica do Mondego.

ENG.º AUGUSTO CORREIA

É presidente da Câmara Municipal de Penela desde 6 de Dezembro de 1960.

Amarante organiza uma Comissão de apoio à C. D. E. do Porto

Da Comissão Democrática Eleitoral do Porto, recebemos o seguinte comunicado:

«1 — A sede distrital da Comissão Democrática Eleitoral do Porto, sita à Rua do Almada, 43-2.º, e às comissões concelhias, têm continuado a afluir numerosos democratas com o objectivo de apoiarem a lista de candidaturas apresentada por *esta comissão.*

Registamos mais as seguintes declarações de apoio ás candidaturas: Domingos de Sousa Pereira (2.º assistente da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto); Carlos Eduardo Medina Ribeiro (estudante universitário); Maria Fernanda Almeida Correia (licenciada em matemáticas); António Gomes Oliveira (vendedor); Tito Bruno Lopes Cambra (publicista); Maria da Graça Campos Morais e Castro (estudante); José António de Campos (ex-administrador de posto administrativo ultramarino); Márcia Antunes Breia (estudante); Jorge Augusto de Morais de Castro Guedes (estudante); Carlos Alberto Garcia Frias; José Vitorino Ribeiro de Sousa Gaelão (estudante).

2 — Do concelho de Amarante informam-nos de que — anàlogamente ao que ocorre nos restantes concelhos do distrito — está em organização a respectiva comissão concelhia da Comissão Democrática do Porto. Os democratas que integram a comissão concelhia de Amarante (em organização), dentro do espírito unitário sem exclusões, amplo e aberto, apelam a todos os democratas do concelho para aderirem à comissão concelhia.

Na impossibilidade de fornecermos hoje os nomes de todos os elementos que constituem a comissão concelhia de Amarante (em organização), destacamos: Hugo Manuel Mota Cardoso da Silva (estudante de arquitectura); Álvaro Mesquita Silva (empregado de comércio); António Cunha Magalhães (empregado de escritório); António Pereira Inácio (empregado de escritório); Manuel Ilídio Magalhães Pinto Pinheiro (empregado bancário); Manuel Teixeira Costa (empregado de escritório); Manuel Ribeiro Morais Carvalho (proprietário); José da Silva (ajudante de maquinista); António do Carmo Martins de Lago Cerqueira (estudante); Luís Pereira da Silva (serralheiro); Adelino Marinho Brás Pinheiro (estudante); Valdemar Pinto Coelho de Abreu (empregado de escritório); Teófilo Pinto Alves (operário); António Torres da Costa (serralheiro mecânico); António Júlio Vale Teixeira Duarte (marchante); António Joaquim Marinho da Silva (estudante); Altino Pinheiro Coelho de Abreu (proprietário); Carlos Jorge de Meneses Ferreira Machado (estudante); Cipriano Araújo Baptista Magalhães (estudante); Maria José de Carvalho Teixeira (empregada de comércio).»

A C. D. E. DO ALGARVE JÁ TEM SEDE

FARO, 20 — Foi estabelecida a sede da Comissão Democrática Eleitoral do Algarve, na Av. da Republica, n.º 22, nesta cidade, (com o tel. 23689), para onde podem ser enviados fundos e toda a correspondência, das 11 ás 24 horas, todos os dias.

IMPRESSORES

Tipógrafos, Cilindrica e Minerva. Meios Oficiais e Aprendizes. Empresa nos Arredores de Lisboa. Indicar idade, locais e anos de trabalho, ordenado pretendido.

Resposta a este jornal ao n.º 345.

Adesões à C. D. E. de Braga

(Continuação da pág. central)

ciante), Jerónimo Alves Pereira (industrial de barbearia), João da Rocha Pereira (tipotipista), José Freitas da Cruz (comerciante), José Alberto Marques de Oliveira (comerciante), José Sampaio (advogado), José Manuel de Araujo Barbosa (estudante universitário), Joaquim Estanislau Fernandes Sousa Ribeiro (comerciante), Libertino Fernandes (serralheiro), Luís Joaquim Fernandes (industrial), Manuel da Silva Braga (industrial), Manuel Gomes de Macedo (controlador), Sebastião Pereira da Silva (tipógrafo), Adelino José de Freitas Veloso (agente comercial), Joaquim Ferreira Prata (proprietário), José Joaquim Magalhães Coelho (empregado de escritório), Inocêncio Gomes Lage (agente comercial), Francisco Ferreira Pinto (controlador civil), José Manuel Oliveira (estudante), Fernando Ferreira, Dionísio Peixoto da Silva (malheiro), António Abílio Ferreira (motorista), Julio Virgílio Valente da Silva (técnico), José F. Araujo (industrial), Armando Magalhães (controlador) Augusto Araujo Ferreira (viajante) Augusto Adão (motorista), António Couto Abreu (motorista), Alvaro Abreu (torneiro mecanico, Francisco Costa (empregado comercial), Francisco da Costa Barbosa Fernandes (empregado comercial), Mário Abreu (proprietário), Manuel da Silva (empregado de escritório), Alvaro Ernestro da Silva Soares (controlador), António de Sousa e Silva (empregado comercial), José Matos da Rocha (torneiro mecanico), António Gomes de Carvalho (empregado de escritório), Joaquim de Almeida Magalhães (chefe de policia de egurança Publica aposentado), Davi da Silva Barbosa (litógrafo), Alfredo Fernando Monteiro (metalurgico), Abel Augusto das Dores (metalurgico), Carlos Ribeiro Junior (desenhador), Manuel Fernandes da Silva (empregado comercial), Joaquim Dias Pereira (proprietário), Bento Loureiro Azevedo (comerciante), António Martins Pereira (agricultor), Agostinho da Costa Ribeiro (industrial), José Dias Ribeiro (industrial), José da Cruz (agricultor), João Ferreira Barbosa (industrial), Manuel Dias Ribero (operário), Armando Peixoto, Fernando Ferreira, Diamantino Rodrigues Machado (cinzelador), Alberto da Silva Esperança, Fernando Gomes Macedo (cobrador), Alvaro Ernesto Dias Soares, Aurélio José Rodrigues (empregado comercial), Alvaro Ferreira de Barros (metalurgico, João Pinto Ferreira (metalurgico), Félix Brito da Silva (metalurgico), Jaime Azevedo Marques (metalurgico), Agostinso Gomes de Oliveira Antunes (empregado de armazém), Manuel Ferreira Pinto (industrial), Basílio de Araujo Pinto (proprietário), João Ferreira, Francisco Martins da Costa, Alvaro Armando Azevedo da Fonseca (comerciante), António Correia Calhatro (marceneiro), Bento dos Santos (entalhador), Fernando Azevedo (industrial), Arnaldo da Costa (comerciante), Manuel José da Silva Braga (industrial), João Joaquim Lopes Correia (industrial), Francisco Gomes (torneiro mecanico), João Correia (comerciante), Israel Batista da Silva Dias (técnico), Narciso Lopes (técnico), João Ferreira Gomes Vieira (técnico), Manuel Gonçalves de Castro (gerente industrial), Joaquim Abreu (comerciante), Joaquim Macedo Portugal (funcionário publico aposentado), Jaime Valença (empregado comercial), Augusto Alves da Silva (chefe de gare), José da Silva (sapateiro), António Gomes Macedo (industrial), Manuel Fernandes (operário), Manuel Ferreira Braga (chapeleiro), Inácio Ferreira Marques (barbeiro), António Coelho Alves (viajante), José da Silva Ferreira (comerciante) António Xavier Ferreira Simões (gráfico), António Albino da Costa Macedo (comerciante), Gaspar Esteves (industrial), José Augusto Vidal (comerciante), Joaquim de Sousa Barbosa (comerciante), José Gomes (operário), António Gomes da Silva (empregado de café), Maximino Pereira Gomes (empregado comercial), António Ferreira (padeiro), Franquelim Gomes Cerqueira (litógrafo), Fernandes Alves de Sousa (marceneiro), Carlos Pinheiro Rebelo

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Externato **Sá de Miranda**

PRIMÁRIO ★ C. PREPARATÓRIO ★ LICEAL

● Inexcedível Corpo Docente
● Instalações funcionais a aprazíveis

R. ALEXANDRE BRAGA, 17 (À ESTEFANIA)
Telefs.: Secret. 45310 — Direcção 537532

ITAU INSTITUTO TÉCNICO DE ALIMENTAÇÃO HUMANA

Direcção de Júlio Roberto

CURSOS DE ALIMENTAÇÃO RACIONAL

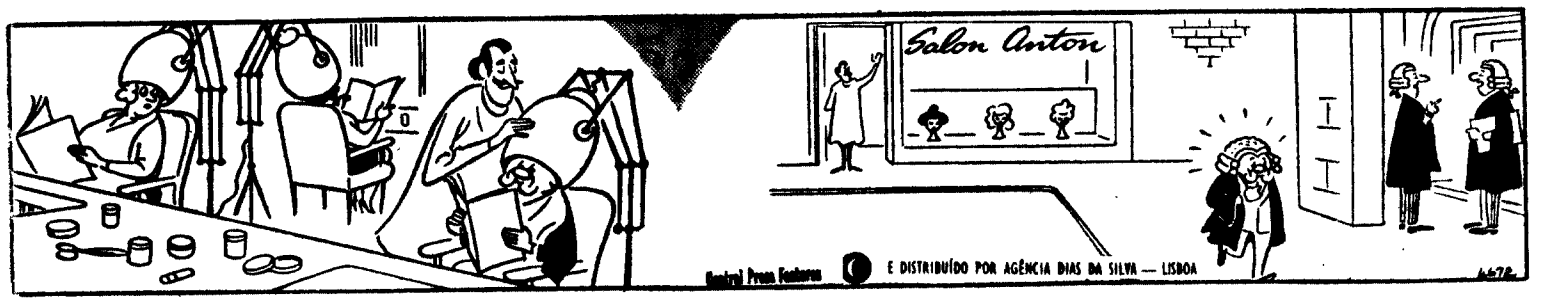
INSCRIÇÃO E INFORMAÇÕES

AV. DA REPÚBLICA, 46 A, R/C., ESQ.º — LISBOA
TELS.: 763307, 763201 e 763283

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 20 de Setembro de 1939 publicava:

«LONDRES, 20 — O «Daily Express» relata o fim heróico do capitão Heig-Jones, comandante do porta-aviões «Courageous»:

«O capitão — escreve — manteve-se, só, na ponte, enquanto o seu navio se afundava. Antes que a água lhe atingisse o rosto, o capitão tirou o boné e deitou-o ao mar. Depois, em cabelo, manteve o equilíbrio enquanto o barco mergulhava rápidamente, esperou a morte com serenidade. Os seus homens, que se debatiam no mar, levantaram os braços em sinal de despedida, quando viram o último gesto heróico do seu comandante, despedindo-se deles também.»

SELOS COMEMORATIVOS

Começam a circular, no próximo dia 24, os selos comemorativos do centenário do nascimento de Viana da Mota. A série compõe-se dos seguintes valores e tiragens: 1$00 — 9 milhões e meio; 9$00 — meio milhão.

São vendidos, como é hábito, sobrescritos alusivos ao facto, ao preço de 1$50, e apostas marcas de 1.º dia, nos seguintes locais: SIR, Rua de S. José, 20, Lisboa; e estações dos CTT de Batalha (Porto), Coimbra e Funchal.

Palavras cruzadas

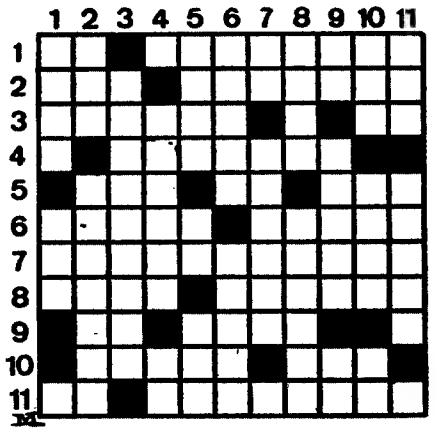
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5304

HORIZONTAIS: 1 — Caminhe. Resplandeciam 2 — Pronome pessoal. Aniquilamento absoluto por absorção no seio da divindade, segundo a religião budista. 3 — Idioma. Artigo (pl.). 4 — Som de trombeta. 5 — Cauda. Gemido. Preposição e artigo (pl.). 6 — Ajusta. Erva. 7 — Ridiculariza. 8 — Estado da América do Norte que tem Colombo por capital. Detestara. 9 — Idem (abrev.). Cidade da Roménia, junto ao rio Maros. 10 — Surja. Raiva. 11 — Apenas. Longa.

VERTICAIS: 1 — Vigia. Domínio. 2 — Acolá. Indivíduo imundo. 3 — Retraída. 4 — Espada. Símbolo químico do escândio. 5 — Aceda. Prefixo de privação. Ferro temperado. 6 — Divindade dos caçadores. Enrubescem. 7 — Partir. Rodada. 8 — Despacho. Suprimir. 9 — Siga. Repreende. Zomba. 10 — Espaço de tempo. Vila do distrito de Aveiro. Prefixo que designa direcção. 11 — Porém. Curar.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5303

HORIZONTAIS: 1 — Oc. O. Teimam. 2 — Puir. Escale. 3 — Andam. Coças. 4 — CHARUTO. E. A. 5 — Aos. Rol. Id. 6 — MULHER. 7 — C. Heróis. 8 — Ignoras. 9 — ESTÃO. MAIS. 10 — Ien. Fi. 11 — NO. ACERTAR.

VERTICAIS: 1 — Opaca. QUE. 2 — Cunhou. Siô. 3 — Idas. Cite. 4 — Orar. Magana. 5 — Mu u. NO. 6 — Te. Tolho. Fé. 7 — ESCOLHER. Ir. 8 — Ico. Eram. 9 — Mace. Rosada. 10 — Aia. 11 — Mésadas. Só.

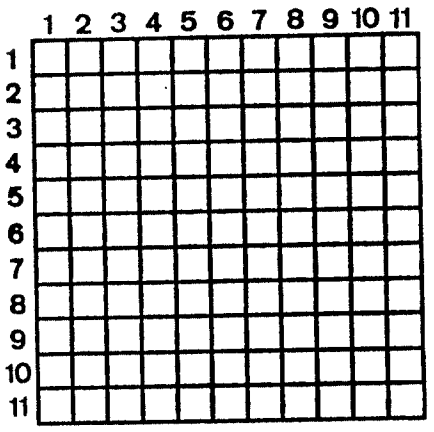
(**Provérbio:** O CHARUTO E A MULHER ESTÃO MAIS NO ACERTAR QUE NO ESCOLHER).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9147

HORIZONTAIS: 1 — Nome de mulher. Alimento líquido preparado pela cocção de diversas substancias em água. 2 — Freguesia do concelho de Castelo Branco. Cidade de Itália. 3 — Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Um cento. Colorido. 4 — Capital do Senegal. Aplaco. 5 — Guarnecera de asas. Possuirás. 6 — Despachar. 7 — Folha de videira. Sinal. 8 — Aprontar. Rio de França. 9 — Bigorna de aço e sem hastes. Cubo, em matemática antiga. Pedras de moinho. 10 — Ofício. Mexi. 11 — Costumara. Tostas.

VERTICAIS: 1 — Querida. Pés grandes. 2 — Pedras soltas. Avarento. 3 — Ilha hoje chamada Thiaki. Peça de ferro em que se apoia o couto da lança, quando se pretende investir. 4 — Aqui. Ave trepadora. Érbio (s. q.). 5 — Fixara. 6 — Pata. O mais. 7 — Daria morte a. 8 — Prefixo que designa afastamento. Nome de frutos. Manuscrito (abrev.). 9 — Atar. Uma das Espórades. 10 — Mau medicamento. Canção. 11 — Naipe das cartas de jogar. Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9146

HORIZONTAIS: 1 — Trancozelos. 2 — Rupia. Alado. 3 — Âmios. Sério. 4 — Pá. Ar. 5 — Ova. Cua. Uva. 6 — Atro. Copa. 7 — Aar. Era. 8 — Ob. Trará. Cs. 9 — Falai. Trios. 10 — Atava. Aarão. 11 — Ruram. Isara.

VERTICAIS: 1 — Trapo. Mofar. 2 — Rumava. Bati. 3 — Api. Ata. Lar. 4 — Nios. Ratava. 5 — Cás. Corriam. 6 — Cu. 7 — Zás. Acertai. 8 — Eles. Ororas. 9 — Lar. Uupa. Ira. 10 — Odiava. Coar. 11 — Soara. Aseoa.

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«LOBITO» a sair em 20 de Setembro — Com escala por **LEIXÕES**, para: **S. TOMÉ** (se necessário), **LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA** e **PORTO AMÉLIA.**

«VERA CRUZ» a sair em 23 de Setembro às 16 horas — Com escala por **LAS PALMAS**, para: **LUANDA** e **LOBITO.** Carrega até 20 de Setembro.

«LUCELA» a sair em 27 de Setembro — Com escala por **LEIXÕES**, para: **PRÍNCIPE, S. TOMÉ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇÂMEDES** e **PORTO ALEXANDRE** (se necessário). Carrega de 20 a 24 de Setembro.

«PORTO» a sair em 19 de Outubro — Com escala por **LEIXÕES** para: **LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA** e **PORTO AMÉLIA.** Carrega — Porão: de 12 a 16 de Outubro. Frigorífico: em 18 de Outubro.

«AMBOIM» a sair em 20 de Outubro — Directo a **LUANDA, LOBITO** e **MOÇÂMEDES.** Carrega — Porão: de 12 a 17 de Outubro. Frigorífico: em 18 de Outubro.

«BAILUNDO» a sair em 24 de Outubro — Com escala por **LEIXÕES** para: **LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA** e **PORTO AMÉLIA** (se necessário). Carrega de 17 a 21 de Outubro.

«INF. D. HENRIQUE» a sair em 31 de Outubro às 12 horas — Com escala por **FUNCHAL**, para: **LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES** e **BEIRA.** Carrega — Porão: de 23 a 28 de Outubro. Frigorífico: em 29 e 30 de Outubro.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA» a sair em 17 de Outubro às 18 horas — Com escala por **VIGO** e **FUNCHAL**, para: **TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU** e **PORT EVERGLADES (MIAMI).**

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens.

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefs. 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 2 33 42

TV dia a dia

HOJE PODE VER ...

2. PROGRAMA

O INTERESSE MAIOR da emissão desta noite no UHF, ou 2.º Programa, não 2.º canal, reside sem dúvida ùnicamente na exibição do filme de aventuras da série «Os Campeões» com Stuart Damon, William Gaunt e a elegante Alexandra Bastedo. No episódio intitulado «A Casa Embruxada» é todo ele passado em Cornwall — Inglaterra, mais pròpriamente em Trennick Housa, considerada como embruxada. Ninguém se atreve a visitá-la, nem a atravessá-la pelos seus jardins, até que um dia «Os Campeões» resolvem desvendar o mistério. Então tudo se esclarece e os pseudo-fantasmas, que não eram mais que traficantes de urânio com potências estrangeiras, são entregues á justiça para expiarem os seus crimes.

Aventuras do Seaspray

A SAFIRA NEGRA

A SÉRIE FILMADA, juvenil, «Aventuras do Seaspray» apresenta hoje uma aventura da família Wells, intitulada «A Safira Negra» que reune Walter Bronn, Owen Weingott, Mark Edwards, Susanne Haworth, Gary Gray, Agnes Vabson, Vincent Gil e Roger Cox.

Conta-nos a história que Dan Wells e seus filhos, Mike e Sue, vão passar umas férias ao rancho de Tin Mitchell. Durante um passeio, Sue encontra uma cabana onde o velho Gorman Joe está a morrer. Entrega a Sue um pacote e pede-lhe que o dê a miss Daisy e a seu filho Karl. Então...»

EUROVISÃO:

IX Campeonato da Europa de Atletismo

PELAS 17 e 1 os estúdios da R. T. P. abrem-se para ligar directamente à Eurovisão, de onde se transmitirá, do Estádio Karaiskaris, as provas finais de todas as modalidades que constituiram o IX Campeonato da Europa de Atletismo, que a cidade grega de Atenas organizou para este ano de 1969.

TV CLUBE COM MADALENA IGLÉSIAS

PELAS 21 e 35 reaparece no TV Clube Madalena Iglésias. Canta sete canções do se ultimo reportório preenchendo 16 minutos e 50 de agradável convívio.

O FUGITIVO

O SILÊNCIO QUEBRADO

LENTA mas inexoràvelmente o «caso Kimble» aproxima-se do seu termo. Esta noite, a penúltima da série, o final será no dia 27, o episódio intitulado «O Silêncio Quebrado» tem como realizador Barry Morse, que reuniu David Janssen, Laurence Naismith, Antoinette Bowver, e Paul Mantee.

«Um velho eremita louco, que vive nas montanhas na companhia de seus ferozes cães, recolhe o dr. Kimble e salva-lhe a vida. Quando um dia o velho adoece gravemente, o fugitivo vê-se num terrível dilema: deixar morrer o homem que o salvou ou arriscar-se a ser preso, vindo buscar remédios à cidade, onde a Polícia o procura activamente.

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Diálogos de Sábado; 20: Teledesporto; 20 e 30: «A Safira Negra»; 21: Telejornal; 21 e 35: TV Clube; 22: TV 7; 22 e 30: O Fugitivo; 23 e 30: Marcha do Mundo e Fecho.

II Programa — Às 21: Telejornal; 21 e 30: Os Campeões; 22 e 20: Portugal Africano; 22 e 50: TV Mundo—Sammy Davis Jr.; 23 e 30: Fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — **I Programa — 1.º Período** — Às 12 e 30: Abertura e Missa de Domingo; 13 e 6: Fecho. **2.º Período** — Às 14 e 55: Abertura; 14 e 56: Eurovisão — Campeonato da Europa de Atletismo; 18 e 35: Série Juvenil — «Daktari»; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: TV Rural, pelo eng.º Sousa Veloso; 20 e 15: Tarde de Ópera; 21: Telejornal; 21 e 35: Cinema no Mundo; 22 e 30: «Ladrão, precisa-se»; 23 e 30: Domingo Desportivo; 23 e 45: Marcha do Mundo e Fecho.

II Programa — Às 21: Telejornal; 21 e 30: TV 7; 21 e 55: Noite de Cinema; 23 e 15: TV Clube, com Andrée Paris; 23 e 35: Fecho

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

canal da crítica

ABAIXO A RETÓRICA PEDAGÓGICA!!!

Parece que no reino do Lumiar estão muito contentes com a actuação de D. Ana Maria Cid nos domínios da Pedagogia. Tão contentes que, com equilíbrio estável na programação, se mantém a palavra eloquente e torrencial de D. Maria. A criança agradece em geral e o António em particular agradeceu.

O quê! Não conhecem o António? O António era aquele menino que D. Maria encontrou no restaurante a almoçar com os paizinhos dele. E a mãezinha dele só dizia: «António, tira os cotovelos da mesa. António, não fales com a boca cheia», etc. Além disto António deixa cair o guardanapo e não agradece ao empregado que lho apanhou do chão. Além disso, o António entorna o copo de água e não pede desculpa. Sucede que os paizinhos do António não lhe ralharam por isto e sim por aquilo.

D. Ana Maria revolta-se veementemente. Com razão. Com toda a razão. Ora essa, não querem lá ver. A boa educação acima de tudo. Claro que a palestrante considera importantes as regras da sociedade mas só quando a idade chega. Considera também que «pôr cotovelos na mesa não significa tudo na vida». Para D Ana Maria, o mais valioso consiste em aperfeiçoar essa «riqueza interior que é a sensiblidade do indivíduo». Como se processa esse aperfeiçoamento? D. Ana Maria, neste ponto, executa uma verdadeira digestão do vazio, entre malabarismos por vezes anedóticos, a construção de frases sem outro objectivo além de fazer um figurango diante das camara, da televisão. «A realidade específica muito mais profunda...», «desenvolver o espírito da generosidade», «a criança deixa de ser egocêntrica», «as atitudes de cortesia brotarão como água límpida»... Deus! as palavras bonitas que a presença das câmaras inspira ás senhoras!

Seria injustiça acusar D. Ana Maria de total ausência de sentido prático na sua palestra de ontem O seu programa para o aperfeiçoamento da sensibilidade inclui, como primeira tarefa, a prática intensiva do «obrigado» e do «desculpe». Estão a ver? Afinal é tão tão tão — simples...

Quanto aos cotovelos da mesa, ninguém terá coragem de dizer a D. Ana Maria que tire os seus da mesa e se vá embora? A compreensão dos problemas da criança é, para as pessoas responsáveis, de importância vital. Não vamos perdê-la com retóricas, não? Obrigado

MÁRIO CASTRIM

INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS

Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2.º — ALGÉS
Telefone 21 49 10

INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

Inscri... ...horas

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário — Fim-de-semana; 18 e 05: Música de filmes; 18 e 15: Emissão Infantil, por Madalena Patacho; 18 e 45: Vedetas Pop; 19 e 45: Rádio Rural — Música e música; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Actualidades musicais; 20 e 40: 12.º Episódio do Folhetim «A Mão e a luva»; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: Actualidades; 21 e 30: Actualidades musicais; 21 e 40: Serão; 22 e 30: Poesia, Música e sonho, por Miguel Trigueiros; 23 e 05: Programa da noite; 2: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 18: O maestro Karl Boehm; 19: Espelho de mil faces, por António Manuel Couto Viana; 19 e 20: Música de piano — Obras de Prokofieff e Liszt — solistas; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Música de arco; 20 e 30: Ciclo de Melodias; 21: Concerto preenchido com obras de Vitali-Chaumont; 21 e 45: O Gosto pela música, pelo dr. João de Freitas Branco; 22 e 15: Requiem em Ré Menor (Cherubini) — Coro Checo e Orquestra Filarmónica da Checoslováquia, dirigida por Igor Markevitch; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

2.º Programa (Cultural MF 2) — 94,3 mc/s. — Às 23: Concerto pela Orquestra Nacional da O. R. T. F. dirigida por Léopold Ludwig — em gravações cedidas pela O. R. T. F., Radiodifusão-Televisão Francesa; 0 h.: Partita n.º 1, em si bemol maior (J. S. Bach) — Dinu Lipatti (piano); 0 e 20: Quarteto n.º 2, 1928) (Janacek) — Quarteto Vlach; 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s — Às 19 e 12: 1.º Disco; 19 e 15: Face a face com o Mundo; 19 e 30: Música ligeira; 19 e 44: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Conjuntos instrumentais; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Robbialac; 19 e 30: Teatro Trágico; 19 e 45: Rádio Jornal; Entre as 20 e as 21: Hoje convidámos...; 20 e 05: Orquestras famosas; 20 e 45: Vozes que são êxito; 21 e 03: Rádio Placard; 21 e 15: Música tradicional e palestra religiosas; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.» 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Tallismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 15: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbito; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa ó Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda Sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Presença Singer; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 02: Conjunto; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Viagens na nossa terra; 21 e 45: Hora luterana; 22 e 02: Uma vedeta na noite; 22 e 15: O mundo de amanhã; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18 e 05: Programa Sumol; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Diálogo com os que sofrem; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Verdade e vida; 21 e 30: Música e canções para o seu fim de semana; 21 e 45: Grande Plano; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Contos a ninguém; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 14 e 30 ás 19 e 30: **Rádio Voz de Lisboa** — Das 8 ás 10 e das 19 e 30 ás 22 — **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 10 ás 12 e das 22 ás 2 — **Rádio Graça** — Das 12 ás 14 e 30.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

Sporting-União de Tomar (encontro de dois «leaders») esta noite, no Estádio de Alvalade

• Belenenses-Benfica e C. U. F.-Porto os dois «jogos grandes» de amanhã

A expectativa começa a adensar-se em torno do «Nacional» de futebol. Entre as equipas que desfrutam de favoritismo, apenas a do Sporting, segundo a opinião unânime da crítica, apresenta, no momento, apuro de forma. As outras — e, muito em especial, a do Benfica, o campeão — têm oscilado, com mais ou menos acuidade.

Tornar-se-á benéfica a pronta arrancada do Sporting?

Agora, duas equipas, especialmente, chamam sobre si as atenções gerais: a do Sporting e a do Benfica. Para maior valorização do campeonato — e compreende-se bem porquê... Até onde chegará a «fúria» inicial dos «leões»? Como reagirá — pois, naturalmente, irá reagir... — o Benfica?

Eis um relance sobre os despiques da terceira jornada;

SPORTING-UNIÃO DE TOMAR — O jogo disputa-se esta noite em Alvalade e está a suscitar vivo interesse. Defrontam-se os dois primeiros, com 4 pontos. O Sporting é nitidamente favorito, mas os «leões» não esqueceram, por certo, ainda o empate que cederam, no seu reduto, na época passada, diante dos mesmos unionistas, de Tomar... Claro, os nabantinos deverão acastelar a defesa. Mas o certo é que este «novo» Sporting de Fernando Vaz parece afoitamente disposto a desfazer a lenda de que em Alvalade soçobra nte adversários acantonados em sistemática toada defensiva. Que o diga, por exemplo, o Sporting de Braga... Mas sucederá isso hoje também? É caso para dizer que tem a palavra... o ataque do Sporting! O ataque de uma equipa que no marcador do torneio exibe, de momento, um impressionante 6-0...

SP. BRAGA (2 pontos)-VITÓRIA DE SETÚBAL (1 ponto) — Os sadinos poderão ressentir-se dos esforços despendidos anteontem no encontro da «Taça das Feiras». Têm, no entanto, valor para tornear essa contrariedade e mais ainda a da deslocação. No entanto, os sportinguistas de Braga surgiram com excelente disposição e, no seu meio, tornar-se-ão, assim, particularmente perigosos. Que o diga o Leixões, que no «28 de Maio» perdeu, quando, oito dias antes, no Estádio do Mar, tinha cometido a proeza de infligir 2-0 ao Benfica...

BOAVISTA (1)-BARREIRENSE (2) — Fora de casa, os barreirenses parecem dispostos a dar que falar (que o diga, também, a Académica...). Todavia, os boavisteiros continuam a manifestar a vontade de dificultar a acção de quem quer que seja — e, até agora, têm-no conseguido. Para mais, actuam no seu campo...

C. U. F. (2)-F. C. PORTO (2) — Os portistas têm deligenciado reforçar o seu ataque, recrutando «pontas-de-lança» no Brasil, mas, amanhã, num terreno que se lhes tem tornado extremamente difícil, ainda apresentará a «prata da casa» na linha dianteira. Os cufistas, animados com o último êxito alcançado no campo do vizinho Barreirense, parecem fadados para outro cometimento do género. Conte-se, todavia, com a vontade de um F. C. Porto, que não deseja perder terreno, que continua com os olhos postos na conquista do título...

ACADÉMICA (1)-VARZIM (2) — Um tanto ou quanto inesperadamente, o ataque dos estudantes tem fraquejado um pouco no começo da época em curso — e logo em Coimbra, o que se tem tornado mais notado. Que sucederá, agora, ante um Varzim cuja defesa, nesta altura, apenas consentiu um golo? Ataque da Académica contra defesa varzinista... Será assim? Se for, quem ganhará o duelo?

BELENENSES (2)-BENFICA (2) — Um jogo «grande» — um «clássico» do futebol português. E que talvez se desenrole sob o signo do equilíbrio. No seu Restelo, os «azuis» irão decerto lutar com afinco para arrancar, pelo menos, um empate. Não se esqueça que este «novo» Belenenses persiste em regressar á glória doutras temporadas. Mas... e o Benfica já com o seu Eusébio e também com os seus Torres e Simões? Um ataque que desfruta ainda de imenso prestígio. Uma máquina de futebol que em forma se torna irresistível no ataque. Os benfiquistas, todavia, ainda não estão em forma... E um atraso na classificação já começará a revestir-se de certo dramatismo. O mesmo sucedendo, claro, em relação aos donos do Restelo. Pois eles também têm as atenções depositadas na obtenção do título.

LEIXÕES (2)-VIT. DE GUIMARÃES (1) — Agora, os vimaranenses, sob o comando técnico de Fernando Caiado, deverão procurar desfazer dois inêxitos nas primeiras jornadas. Todavia, o Leixões, no seu meio, redobra de força e voluntariedade. E sabe jogar. Quer dizer: favoritismo para os matosinhenses — mas muito condicionado. Porque decerto não tardará a reacção da equipa minhota, tão em evidência na outra época.

Artur Jorge, o excelente futebolista que se transferiu da Académica para o Benfica, treinou-se ontem pela primeira vez no Estádio da Luz. Uma nova esperança para o grupo de Otto Glória

I GINCANA PETROLÍFERA EM FARO

A delegação de Faro da Casa do Pessoal da «Sacor» vai realizar, no dia 4 de Outubro, pelas 15 horas, no Largo da Sé, naquela cidade, a I Gincana para automóveis, motorizadas e motociclos, estando as inscrições abertas a todos os empregados das companhias petrolíferas, seus agentes e revendedores em Faro.

As inscrições devem ser feitas através dos Grupos Desportivos das companhias, que as enviará á Delegação da Casa do Pessoal da «Sacor», apartado 145 — Faro, até ás 24 horas do próximo dia 27.

O «NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO

TIRSENSE E PENICHE — DOMINGO DE APREENSÕES

O mais importante confronto da jornada de amanhã, na Zona Norte do Campeonato da 2.ª Divisão é aquele que se realiza em Torres Novas onde o Tirsense vai ter tarefa difícil para manter a liderança.

Também o Beira-Mar não pode encarar com serenidade a deslocação à Marinha Grande. Tradicionalmente difícil no seu rectângulo o Marinhense pretende, lògicamente, acumular pontos e não vai desperdiçar o menor ensejo, sobretudo nos desafios em «casa».

Nos restantes jogos avulta em interesse o Salgueiros-Espinho e o União de Lamas-Leça dada a excelente carreira neste último embate, da equipa visitada, neste seu retorno ao torneio secundário.

Completa-se o calendário com os desafios Vizela-Gouveia, Viseu-Sanjoanense e Penafiel-Famalicão.

Torriense - Farense o maior despique da Zona Sul

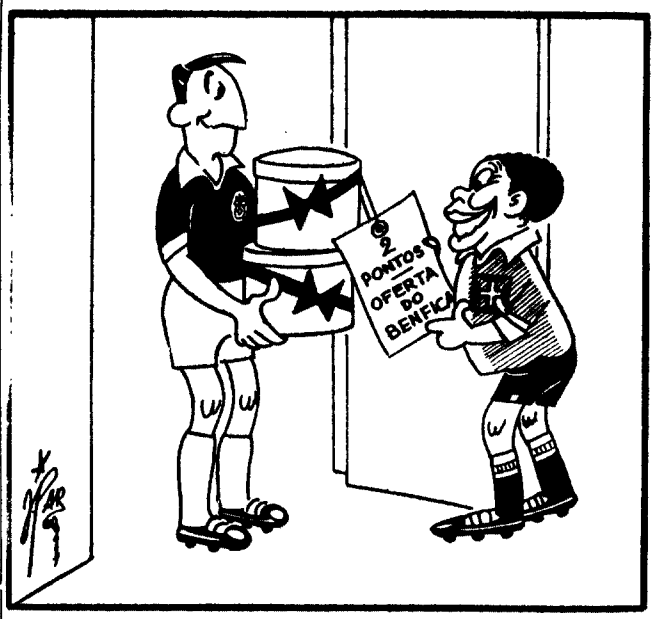
A deslocação do Farense a Torres Vedras é dificuldade de tomo para as pretensões dos algarvios, se atentarmos que ambos os protagonistas do encontro ambicionam alcançar a 1.ª Divisão.

Também para o Peniche a jornada não será de tranquilidade. Em Marvila, o Oriental bate-se com determinação e empenho e, acrescente-se, para se avaliar da grandeza dos problemas penichenses, que os visitados se apresentam nesta época em excelentes condições, dispostos a marcar destacada presença na Zona Sul.

Atlético e Portimonense jogam respectivamente nos terrenos do Luso e do Tramagal. Ambas têm ao seu alcance tarefa que pode render dois pontos, tal como o Lusitano que recebe o Sintrense.

Despiques emotivos prometem ser os do Montijo onde actua a novel União de Santarém e o de Sesimbra que vai ver o Seixal.

Em qual quer deles, no entanto, o factor «casa» pode ser de grande importância para o desfecho de qualquer das duas partidas.



Será que o Benfica se vai associar à festa belenense?

DOMINGO DESPORTIVO

ATLETISMO — Pentatlo Nacional Feminino e Grande Prémio de Viseu (2.ª jornada, no estádio do Fontelo, em Viseu, ás 10 horas.

— Torneio de Captação de Pista - 1969, 2.ª jornada, no campo da C. U. F., no Barreiro, ás 10 h.

CAMPISMO — Acampamento de Amizade Campista, no Parque das Tíbias, em Alenquer.

INAUGURAÇÕES — De melhoramentos na sede da A. D. da Brigada Naval, ás 11 horas.

NATAÇÃO — Prova da Meia Milha, em Cascais, ás 12 horas.

ROMAGENS — Do Belenenses, ao cemitério da Ajuda.

VELA — Festival da A. D. da Brigada Naval, ás 11 horas, em Belém.

TÉNIS DE MESA

QUANDO, OS JOGOS DAS PROVAS EUROPEIAS?

Benfica (equipa masculina) e Paço de Arcos (equipa feminina) campeões nacionais, de ténis de mesa, estão, neste momento, a contas com o problema de acerto de datas para a efectivação dos encontros das Taças dos Campeões Europeus.

Os «encarnados» pretendiam defrontar os campeões de França — o Amiens — no próximo dia 28, mas o seu adversário está interessado em só disputar o encontro no mês de Outubro.

Por eu turno, o Paço de Arcos deseja defrontar as campeãs da Bélgica — o La Ballete — em 10 de Outubro, mas a equipa adversária deseja disputar o encontro, antes dessa data.

Prosseguem, pois, as diligência para acerto de datas, esperando-se que a meio da próxima semana tudo fique arrumado.

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	12/9/69	19/9/69	Desvio %
GERAL	142,4	140,1	—1,6
METROPOLITANAS	138,2	135,8	—1,7
Bancárias	234,6	233,6	—0,4
Eléctricas	94,9	92,4	—2,6
Industriais	125,6	123,4	—1,8
Diversas	148,2	142,6	—3,8
ULTRAMARINAS	173,5	172,0	—0,9
Angolanas	179,0	177,4	—0,9
Moçambicanas	110,6	110,6	0

NÓS E O DESPORTO

escreve

Lídia Faria

● BRILHARETE EM MADRID

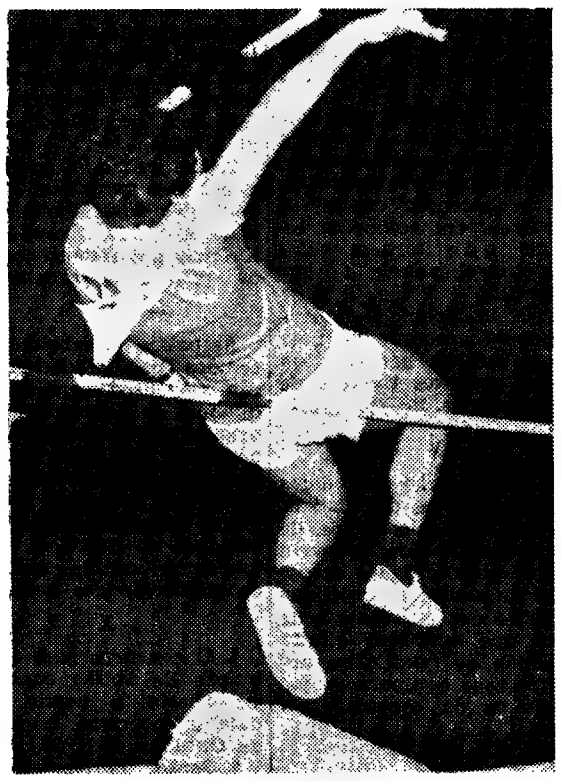
No magnífico Estádio Vellehermoso, de Madrid, efectuou-se, no último fim-de-semana, um torneio luso-espanhol de atletismo, no qual participaram, como os nossos leitores já sabem, atletas portuguesas.

Estiveram presentes oito raparigas da selecção de Lisboa: Fátima de Matos Fernandes, Umbelina Nunes e Manuela Simões, do Benfica; Céu Lopes, Dominique Daupias e Adília Silvério, do Sporting; e Amélia Carriço e Adelaide Marques, do V. de Setubal.

Foram disputadas nove provas, das quais as nossas representantes só não ganharam duas; o salto em comprimento e o salto em altura, em que triunfou, como era de esperar, a consagrada atleta espanhola, Sagrário Aguado.

Não faltou, portanto, brilho à actuação das nossas compatriotas, entre as quais é de toda a justiça destacar Céu Lopes, sem dúvida a melhor, que ficou a um décimo de segundo, apenas, do «record» nacional dos 400 metros, que aliás, já lhe pertence, de parceria com Eulália Mendes — 58,5 s.

Também merecem referência especial Maria Adelaide



Fátima Matos Fernandes saltando no «estilo Flossbury»

Marques, com 5,16 metros no salto em comprimento, e Fátima Matos Fernandes, que saltou 1,45 metros em altura. Uma vez mais, estas duas jovens provaram que são actualmente as nossas melhores praticantes nas suas disciplinas, de que serão num futuro próximo — não é difícil prevê-lo — as recordistas absolutas.

Em plano mais modesto, as restantes não deixaram, ainda assim, de corresponder ao que delas era razoável esperar-se, de todas, sem favor, se podendo dizer que cumpriram.

Mas se não posso negar-lhes os meus aplausos, sempre devidos a quem triunfe com esforço e lealdade, também não devo esquecer-me de que a vantagem que obtiveram não significa superioridade do nosso atletismo feminino em relação ao do país vizinho.

Na verdade, estiveram em Madrid as melhores atletas portuguesas, que todas elas pertencem, como é sabido, a clubes de Lisboa, e entre estes contarmos o Vitória de Setubal, já que, no resto do País, o atletismo feminino é praticamente inexistente. Mas porque a competição era só entre lisboetas e madrilenas, não estavam em Vallehermoso todas as boas atletas espanholas, muitas das quais não pertencem a clubes da capital. Se não fosse este o caso, outros seriam, não tenhamos ilusões, os resultados obtidos, no que respeita a vitórias.

Dizendo isto, não quero, muito pelo contrário, negar mérito ao comportamento das nossas moças, a quem sinceramente, cumprimento pelo triunfo alcançado em terra estrangeira.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

VITÓRIA DO PAÇO DE ARCOS SOBRE OEIRAS

NO «REGIONAL» DE HÓQUEI EM PATINS

Com o Benfica, a caminho do Brasil, disputaram-se os jogos da 3.ª jornada da 2.ª volta, do campeonato de Lisboa, de hóquei em patins (1.ª divisão).

Verificaram-se os seguintes resultados:

Salesiana-Parede ...	4-1 (4-1)
Oeiras-P. Arcos	2-4 (2-5)
Cascais-Sintra	2-2 (0-1)
Sporting-C.U.F.	2-3 (2-4)
Belenenses-Física ..	3-4 (5-4)

Entre parênteses registam-se os resultados da primeira volta.

Confirmaram os triunfos obtidos na primeira volta os salesianos (que foram ao ponto de conquistarem a mesma expressão numérica), Paço de Arcos e C. U. F.

De notável, o êxito do Paço de Arcos, que lhe permitiu abeirar-se do «leader», enquanto que afastou os oeirenses.

De resto, dos visitados apenas venceram os estorilenses, embora os cascalenses também não averbassem derrota, porquanto empataram.

A classificação actual é a seguinte:

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
BENFICA	14	11	1	2	78-34	37
Oeiras	13	8	2	3	56-31	31
Sporting .	14	6	2	6	50-46	28
Cascais ...	14	6	2	6	18-38	28
P. Arcos ..	10	8	0	2	48-26	26
Salesiana	14	4	3	7	45-52	25
C. U. F. ...	10	6	2	2	30-12	24
Belenens.	14	4	2	8	49-74	24
Sintra	13	3	4	6	36-52	23
C. Ourique	11	4	0	7	38-57	19
Física	13	2	2	9	36-67	19
Parede ...	10	3	0	7	18-34	16

Produções Lança Moreira

● Presenças no Restelo, Lavradio e Bessa

Produções Lança Moreira programaram para amanhã os relatos directos e integrais dos seguintes encontros do Campeonato Nacional de futebol da Primeira Divisão:

BELENENSES-BENFICA — através do emissor de Lisboa de Rádio Clube Português.

BOAVISTA-BARREIRENSE — pelo emissor do Porto de Rádio Clube Português.

DESPORTIVO DA CUF-F. C. DO PORTO — no horário dos Emissores do Norte Reunidos.

Tal como todos os domingos, durante estes relatos Produções Lança Moreira estarão em permanente contacto com a Redacção do «Diário de Lisboa», donde serão fornecidas frequentes e completas informações de toda a actividade desportiva do dia, tanto do País como do estrangeiro, incluindo resultados «em cima da hora» dos jogos que se realizam nos outros campos e, ainda, a «chave» do Totobola.

No intervalo, o comentador desportivo Mário Cilia ocupar-se-á, em breve mas oportuno apontamento, de mais uma edição da rubrica «O Caso da Semana».

Lembramos ainda aos nossos leitores a audição, todos os domingos ao meio-dia no emissor de Lisboa de Rádio Clube Português, da revista desportiva «Golo!...», em que se comentam e apresentam os principais acontecimentos da semana.

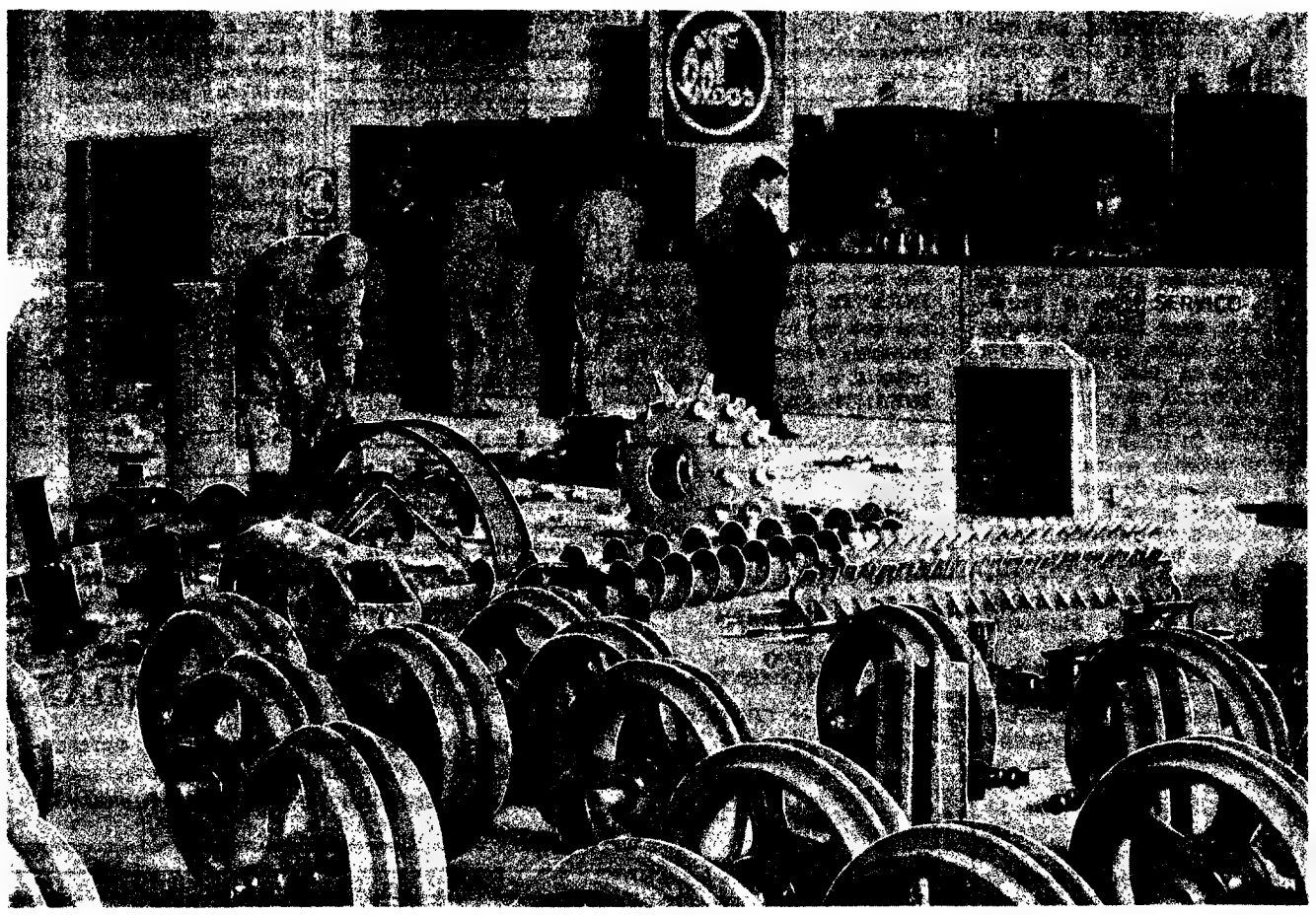
COLABORAMOS CONSIGO

os nossos stocks são a sua segurança

Temos adequados stocks de peças sobresselentes em vários pontos do país

Sabemos perfeitamente, o que a falta de uma peça, no momento preciso, pode representar numa campanha.
É por isso, Senhor Lavrador, que colaboramos consigo, mantendo, em vários pontos do país, adequados stocks de peças que lhe dão a segurança necessária, a certeza de que a substituição de qualquer peça na sua Ceifeira-Debulhadora se pode fazer com toda a rapidez.

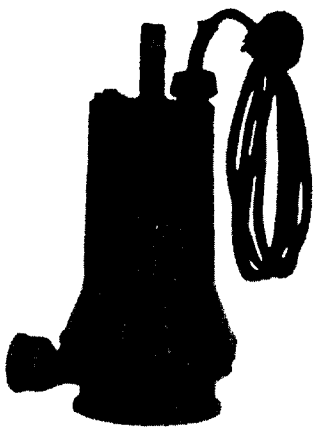
morrison



SOCIEDADE INDUSTRIAL AGRO-REPARADORA, LDA.

Ceifeiras-Debulhadoras
CLAAS '69

claas



ELECTROBOMBAS SUBMERSÍVEIS

JUNG

As bombas submersíveis Jung são o resultado dum estudo profundo das diversas necessidades urbanas e industriais em permanente desenvolvimento. Desde a pequena fossa ou cave, às grandes ensecadeiras, na drenagem de obras de construção, em minas, ou na elevação de esgotos, há sempre um tipo adequado às respectivas necessidades. Muito robustas e de extrema facilidade de utilização, podem ser adquiridas em 10 modelos diferentes, ou mais, sob consulta.

Estão equipadas com disjuntor e podem ter incorporado um sistema patenteado de comando automático por bóia.

Tipo	Motor cv	Tensão V	Boca "	Altura em metros 1	2	4	6	8	10	12	14	16	18	20	22
U 66	0,5	220	1 1/4"	14	13	9	7	4	1			caudal em m³/h.			
U 75 D	3/4	380	1 1/4"	10,5	10	9,8	9	8	6	3,5					
U 100 D	1	380	1 1/2"	18,5	18	17	15	13	5,5	7	1				
U 200 D	2	280	2"	32	31	30	25,5	24	20	18	13	4,5			
U 300 D	3	380	4"	36	36	34,8	34	31	29	25	22,5	20	16	5	1
UK 2	2	380	3"	65	58	44	30	16							
US 3	3	380	2"	100	90	75	52	24	6						
UT 5	5,5	380/660	4"	100					15						
UT 7	7,5	380/660	4"	100					70	40	20	5			
UT 10	10	380/600	4"						115	90	65	40	20	5	

LUSOVEMA

SOCIEDADE DE EQUIPAMENTOS ELECTROMECÂNICOS S. A. R. L.

Avenida de João XXI, 6, r/c., direito

Tel. 71 65 72 Lisboa-1 Tel. 72 86 32

Federação das Caixas de Previdência

OBRAS SOCIAIS

BOLSAS DE ESTUDO

Abertura do concurso para a concessão, no ano escolar de 1969/70, de quatro mil e quinhentas bolsas de estudo

I

A Federação de Caixas de Previdência — Obras Sociais, em conformidade com o disposto na alínea *d)* do art. 4.º dos seus Estatutos, aprovados pela Portaria 17 967, de 23 de Setembro de 1960, e no art. 8.º do Regulamento de bolsas de estudo aprovado por despacho ministerial de 23 de Outubro de 1962, e publicado no «Diário do Governo», II série, de 9 de Novembro de 1962, declara, para os devidos efeitos, que se encontra aberta a inscrição para a concessão de bolsas de estudo prevista nos diplomas atrás referidos.

II

No ano escolar de 1969-70, a Federação concederá 4500 bolsas de estudo a alunos do ensino liceal ou ensino técnico profissional e a alunos de cursos médios e superiores que frequentem estabelecimentos de ensino oficiais e particulares e que, sendo filhos de beneficiários das Caixas de Previdência integradas na Federação ou beneficiários das mesmas Caixas, mereçam ser auxiliados pelas suas qualidades de trabalho e de inteligência e pela sua formação moral.

III

1. A bolsa, que poderá ser concedida em dinheiro ou por outra forma adequada tida por mais conveniente, será fixada, para cada caso, conforme as circunstâncias o aconselharem, entre 3000$00 e 10 000$00, a pagar no número de prestações que for fixado.

2. Para efeitos de determinação do montante da bolsa, atender-se-á, designadamente, à natureza e ao ano do curso que o aluno frequenta, às despesas inerentes à sua situação escolar e às possibilidades económicas dos beneficiários da Previdência.

IV

1. Além das bolsas previstas na base anterior poderão ser atribuídos, nos termos da 2.ª parte do n.º 3 do art. 3.º do Regulamento, subsídios destinados a satisfazer, separada ou cumulativamente, despesas com matrículas ou propinas, livros e transportes.

2. Os subsídios são inacumuláveis com as bolsas e destinam-se a candidatos que, satisfazendo os requisitos gerais da obtenção destas, se encontrem em condições especiais que tornem mais aconselhável aquela forma de auxílio.

3. A importância do subsídio será entregue de uma só vez ou nos períodos em que os encargos tiverem de ser satisfeitos.

V

As bolsas serão concedidas aos beneficiários das Caixas, com um ano, pelo menos, de contribuição, que provem não ter possibilidades económicas de assegurar o prosseguimento dos estudos a seus filhos que confiram direito ao abono de família ou outras pessoas equiparadas para efeitos da concessão do abono.

VI

A concessão de bolsas a beneficiários das Caixas que estejam a frequentar qualquer dos cursos previstos na Base II também só poderá ser atribuída aos que não disponham de meios para prosseguirem os seus estudos.

VII

1. Sem prejuízo do previsto nas Bases II, V e VI, os candidatos a bolseiros devem satisfazer, nomeadamente, às seguintes condições:

a) Terem obtido, não sendo repetentes, no ano lectivo de 1968/69:
- Classificação mínima de «Bom» nos exames: do segundo ano do liceu; do antigo ciclo preparatório do ensino técnico; de admissão ao liceu ou cursos técnicos para habilitados com o ciclo complementar do ensino primário; ou do ciclo preparatório da Telescola.
- Média não inferior a 14 valores na totalidade das cadeiras, cursos ou disciplinas que, segundo o plano de estudos respectivo constituem o ano.

b) Não possuirem habilitação de qualquer outro curso secundário, médio ou superior, conforme pretendam a concessão de bolsa para a respectiva frequência de qualquer destes graus de ensino.

c) Não beneficiarem de bolsa de estudo ou de vantagem equivalente, concedidas por outra entidade.

2. Os alunos cuja candidatura se baseie em classificação de ano a que não corresponda exame de passagem de ciclo ou equivalente devem ainda satisfazer à condição de terem obtido, nos últimos exames desta natureza a que foram submetidos, a classificação exigida na alínea *a)*.

3. No cálculo da média referida na alínea *a)*, relativamente aos alunos que frequentam o 1.º ano de cursos superiores, serão considerados, quanto às disciplinas nucleares do exame de aptidão, não as classificações obtidas no curso médio, mas as alcançadas naquele exame.

VIII

1. Na atribuição das bolsas, são condições de preferência a mais elevada classificação média dos dois últimos anos e os menores rendimentos do agregado familiar, com exclusão do abono de família.

2. Em rendimentos de montantes aproximados, provenientes do trabalho ou de bens próprios, dar-se-á preferência aos requerentes que os auferiram do trabalho.

IX

As bolsas ou subsídios concedidos pela Federação serão suspensos ou cancelados quando o beneficiário não mostre aproveitamento, não cumpra os seus deveres, passe a receber bolsa de estudo ou vantagem equivalente concedidas por outra entidade ou deixe de reunir quaisquer outras condições de atribuição dos benefícios.

X

1. O concurso para a atribuição de bolsas considera-se aberto a partir desta data e encerrará no dia 20 de Outubro de 1969.

2. Serão, porém, considerados os pedidos apresentados posteriormente a 20 de Outubro de 1969, desde que respeitem a alunos que tenham concluído depois da mesma data os exames referentes ao ano escolar de 1968/69, e sejam formulados dentro de um prazo de 10 dias, a contar da data da realização do último exame.

XI

1. A inscrição para o concurso far-se-á dentro do prazo estabelecido, mediante a entrega, na Sede da Federação, à Avenida Miguel Bombarda, n.º 1, Lisboa, do boletim em impresso próprio, devidamente preenchido.

2. Os boletins de inscrição poderão ser obtidos na Federação de Caixas de Previdência — Obras Sociais ou na sua Delegação do Norte, à Avenida dos Aliados, n.º 206, 1.º, Porto, ou ainda em qualquer das Caixas federadas.

Lisboa, 20 de Setembro de 1969.

Pela Federação
de Caixas de Previdência
— OBRAS SOCIAIS —
O Presidente,
Henrique Veiga de Macedo

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 181/69

Faz-se saber que durante o prazo de 20 dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no Diário do Governo, são aceites na 4.ª Repartição - Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Av. 24 de Julho, n.º 171, propostas para o concurso público referente à «EMPREITADA N.º 298/69/GTH-MONTAGEM DE BOCAS DE REGA E RESPECTIVAS REDES EM OLIVAIS-NORTE, OLIVAIS-SUL E CHELAS», com base de licitação de 955 633$20 (Processo n.º 114/69/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 23 891$00 e o definitivo de 5% da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo a que se refere a alínea a) do art.º 5.º do programa do concurso público acima referido.

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis, na referida repartição, nas horas de expediente e o seu programa e caderno de encargos foram publicados no Diário Municipal n.º 10 732, de 17/9/969.

Para ser admitido a este concurso é necessário que os proponentes estejam inscritos e classificados como empreiteiros de obras públicas na 1.ª ou 6.ª Subcategoria da I Categoria — ou 1.ª ou 3.ª Subcategoria da V Categoria. 1.ª Classe ou superior.

A abertura das propostas realiza-se às 10 horas no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio.

Paços do Concelho de Lisboa, em 17 de Setembro de 1969.

O PRESIDENTE
António Vitorino França Borges

F. N. A. T.

ADMISSÃO DE PESSOAL

Está aberta a inscrição, até 11 de Outubro de 1969, para a admissão de pessoal a realizar por concurso de provas públicas, entre individuos do sexo masculino, maiores de 21 anos e com menos de 40 anos de idade, para a categoria de 3.º Oficial, com habilitações literárias mínimas do 2.º ciclo dos liceus ou equivalentes.

Todos os esclarecimentos serão prestados na Sede deste Organismo — Calçada de Santana, 180, Lisboa-2.

O SECRETARIO-GERAL

COVA DA MOURA

IDALINO MOREIRA DE CARVALHO, proprietário dos snack-bars e restaurantes COVA DA MOURA e INFANTE SANTO, participa aos seus clientes e amigos que no próximo, domingo, COVA DA MOURA se encontra reservado para um banquete, continuando, todavia, a funcionar normalmente todos os serviços do INFANTE SANTO.

REJUVENESCIMENTO

Análises científicas efectuadas em Lisboa, Paris, New-York e num instituto russo de toda a idoneidade, provaram ser uma verdade irrefutável o rejuvenescimento humano à base de algas em farinha, provando, também, serem as algas marinhas do mar de Benguela, às quais chamaram «Hypnea-Cervicornis», as mais ricas do mundo — 24,3 % de proteínas digestivas, grande teor em iodo e sais minerais.

Das algas «Hypnea-Cervicornis é feita a farinha «CERVIS», que garante o Rejuvenescimento, Virilidade e Longevidade, auxiliando a circulação do sangue e tendo influência nas doenças gástricas, arterio-esclerose, obesidade, prisão de ventre, bócio endémico e artrite reumatóide e acção definida sobre a tiroideia e secreção da tiroxina.

À venda nas farmácias

DEPOSITÁRIO EM LISBOA:

M. C. ALMEIDA
Rua 21. n.º 22
Bairro da Encarnação
Telefone: 31 14 39

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

Hospital Júlio de Matos

SERVIÇO DE ABASTECIMENTOS

GRUPO III — CONCURSO PARA REPARAÇÕES EM CALDEIRAS, INSTALAÇÕES DE VAPOR, AUTOCLAVES DE COZINHA, ESTUFA DE LAVANDARIA E OUTRAS MÁQUINAS

Até ás 17.30 horas, do dia 6 do próximo mês de Outubro, encontram-se patentes no Serviço de Abastecimentos deste Hospital, todos os dias uteis, das 10 ás 13 e das 14 ás 17.30 horas, excepto sábados em que o Serviço encerra ás 13.30, as condições para o concurso em referência.

LISBOA, em 17 de Setembro de 1969.

O CHEFE DO SERVIÇO

Importante empresa espanhola, construtora de maquinaria para envasilhamento de produtos líquidos (vinhos, azeites, leite, cosméticos, etc.), precisa nomear

DELEGADOS DE VENDAS

em Portugal. Os interessados devem-se apresentar no dia 22 de Setembro, no Hotel Embaixador, em Lisboa e perguntar pelo sr. Juan Ramoneda.

ARMAZÉM

Precisa-se ao Norte do Rio Tejo, arredores de Lisboa. Área coberta mínima 1.000 m2, com terreno adjacente e bom acesso a camiões.

Resposta em carta á Delegação deste Jornal — Rua do Almada, 30-2.º — PORTO, ao n.º 105.

TIVOLI

(M. 12 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
RAQUEL WELCH
JIM BROWN e BURT REYNOLDS num filme de violência e amor
100 ARMAS AO SOL

ROMA

(Adultos) Tel. 727778
Às 15.30 e 21.45 h.
Uma novela de Graham Greene
OS COMEDIANTES
com Richard Burton, Elisabeth Taylor, Alec Guinness e Peter Ustinov
70 m/m PANAVISION ALETROCOLOR

CONDES

(Adultos) Tels. 322523-326710
Às 15.15, 18.15 e 21.30
OS COMEDIANTES
Richard Burton, Elizabeth Taylor, Alec Crinnes e Pether Ostinov
(Ar condicionado)

SÃO JORGE

(Adultos) Tel. 54183
Às 15.15, 18.15 e 21.30
EM 2.ª SEMANA
Um novo filme de CLAUDE LELOUCH
VIVER, AMAR MORRER
com Amidas — Caroline Cellier

[illegible]

(M. 17 anos) Tel. 556131
Às 15.15, 18.15 e 21.30
a mais bizarra concepção de sexo na era do espaço.
BARBARELLA
com Jane Fonda e Ugo Tognazzi

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743
Às 15.15, 18.30 e 21.45
5.ª SEMANA
UMA CARREIRA SENSACIONAL
(O Medico Della Mutua)
com Alberto Sordi, Bue Valozi e Evelyn Stewart
AR CONDICIONADO

POLITEAMA

(M. 12 anos) Tel. 32 63 95
HOJE: 15.15, 18.15 e 21.30
UM FELME BARBARO... CRUEL... FEROZ
DUELO DE MORTE
com James Garner, Jason Robards e Robert Ryan
O mais terrível ajuste de contas, à pistola, entre feras humanas no Far West
Panavision — Col. De Luxe

LIZ

(Adultos) Tel. 45560
As 21 h.
EU, EU, EU... E OS OUTROS
HOJE às 31.30 ESTREIA

ESTADOS [illegible]

(Adultos) Tel. 779095
Às 18.30 e 21.45
Um filme de Alain Resnais
AMO-TE, AMO-TE
c/ Claude Rich, Olga Georges e Picot

[illegible]

(Adultos) Tel. 55 51 34
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Um filme de PIETRO GERMI
SEDUZIDA E ABANDONADA
com Stefania Sandrelli

ESTÚDIO

(Adultos) Tel. 55 51 34
Às 15.30, 18.30 e 21.45
6.ª SEMANA
A obra fundamental de Roman Polanski
REPULSA
com Catherine Deneuve e Ivonne Furneaux

ODEON

(M. 12 anos) Tel. [illegible]
HOJE: 15.15, 18.15 e 21.30
EM 2.ª SEMANA TRIUNFAL
O FILME PORTUGUÊS MAIS DESEJADO
JOÃO RATÃO
Realização de Jorge Brum do Canto
com Oscar de Lemos, Maria Domingas e António Silva
CANÇÕES ADMIRÁVEIS!

VOX

(M. 21 anos) Tel. 726868
As 18.30 e 21.45
9.ª SEMANA DE ENCHENTES
HELGA
(O segredo da maternidade) comentado em português
(Ar condicionado)
AVISO:
É indispensável a apresentação do bilhete de identidade, quando haja duvida na avaliação da idade.

EDEN

(M. 12 anos) Tel. 828768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Uma obra de JÚLIO VERNE adaptada por JEAN GIONO!
Technicolor Technoscope
A ESTRELA DO SUL
com Orson Welles, George Segal e Ursula Andress

EUROPA

(Adultos) Tel. 661016
Às 15.15, 18.15 e 21.30
O ÊXITO QUE CON QUISTOU LISBOA!
Technicolor — 70 m/m
BARBRA STREISAND e OMAR SHAREFF em
FUNNY GIRL

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) As 15 e 21 h.
A BORBOLETA VERMELHA
O ESTRANGULADOR DE BALTIMORE

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30 h.
Um filme audaz e inquietante!
QUANDO BEIJAS UM DESCONHECIDO
c/ Paul Burke, Carol Lynley e Martha Hyer

ALVALADE

(Adultos) Tel. 763090
[illegible]
Um filme audaz e inquietante
QUANDO BEIJAS UM DESCONHECIDO
c/ Paul Burke, Carol Lynley e Martha Hyer

LUMIAR

C. Carriche Tel. 791577
Às 21.30 h. (M. 12 anos)
Um grande espectáculo musical
De novo reunidos a estrela e os produtores de
MÚSICA NO CORAÇÃO
Julie Andrews em STAR!
c/ Richaard Crenna, Michael Craig
Música, romance e espectáculo, e melhor criação de JULIE ANDREWS

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 260729
HOTEL DA MALANDRICE
Às 17 e 21.30
c/ Walter Chiari, Grazziella Cramata

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 618375
Às 21.30
SINFONIA PARA UM INIMIGO
c/ Charlton Heston

LIDO

Praça D. João I — AMADORA
Às 15.30 e 21.30 (M. 17 anos)
O melhor filme de CANTINFLAS!
O mais cómico!
O BOLERO DE RAQUEL
Um festival de gargalhada

IMPERIAL

(Adultos) Tel. 45988
Às 21 h.
ANSIA DE AMAR
O ÚLTIMO COMBOIO DO QATANGA

CURSOS TÉCNICOS DE
DECORAÇÃO • PINTURA
ARTES DECORATIVAS
CERÂMICA • ESMALTAGEM
ESTÃO ABERTAS AS MATRICULAS
A PARTIR DE 15 DE SETEMBRO
ESCOLA PAIXÃO
AV. ALMIRANTE REIS, 58, 3.º E. — TELEF. 5 27 26

«O PIPAS»
RESTAURANTE TÍPICO
AMBIENTE CARACTERÍSTICO
Especialidades em peixes e mariscos
Rua das Flores CASCAIS

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

A B C — Às 20 e 45 e ás 23 h.: «Ena, já fala» (17 anos).
TEATRO GIL VICENTE — Às 22: «A mapa» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «Amor ás riscas» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e ás 23: «Ri-te, Ri-te» (17 anos)
VARIEDADES — Às 21 e 45: «Os direitos da mulher» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «Convite a um pistoleiro» (12 anos).
PARIS — Às 21: «O perigo vem das mulheres» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «Zorba, o Grego» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «Missão inquietante» (17 anos).
IDEAL — Às 21: «Caçadores de escalpes» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «Hondo, o destemido» (12 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Johnny Reno» (12 anos).

● Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS — CINE-TEATRO — Às 21 e 15: «A vingança do condenado» e «Máscara para todos» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Gibraltar» e «Johnny Yuma o vingador» (17 anos).
PAREDE — ROYAL — ROYAL-CINE — Às 21: «Uma mulher de cimento» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 21 e 30: «O hotel da malandrice» (17 anos) e CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «Os dez mandamentos» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «A chamada» (17 anos).

● Linha de Sintra

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21: «Resgate humano» e «Escape livre» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Guarda o Tesouro» e «A Este do Sudão». (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Django» e o «Sucesso» (17 anos).
CACEM — CINEMA S. JOÃO — Às 21: «Viva Django» e «Party em Pijama» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «O segredo de Biel North» (12 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: «Ladrões de bicicletas» (17 anos).
BRICEIRA — CASINO — Às 21: «Doutor vemos a lete» (17 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Poucos dólares para Django» (12 anos).
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «O homem, a mulher e o dinheiro» e «Homicídio em S. Francisco» (17 anos).
BARREIRO — GINÁSIO — Às 21: «Duelo sem tréguas» e «Um tiro ás escuras» (17 anos) e CINE-BARREIRENSE — Às 21: «O continente perdido» e «O preço de um homem» (12 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15 — «O homem da aventura» (12 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO-ARTÍSTICA — Às 21 e 30 — «Django atira primeiro» e «Os filhos do Leopardo» (17 anos).

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno C

ALVALADE — Sanes, Av. da Igreja, 31-C (776905) e Aeroporto Av. Gago Coutinho, 101-D (à Av. D. Rodrigo da Cunha) (722364) e Rio de Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C (á Av. Estados Unidos da América) — (721409).
ALCANTARA — Vieira Rosa, Rua Prior do Crato, 74 (660182).
ALMIRANTE REIS — Castro, Av. Almirante Reis, 76-A (44373).
ALTO DO PINA — Ibéria, R. Barão de Sabrosa, 235-A (á Alameda) (728277).
AVENIDAS NOVAS — Campo Pequeno, Av. da Republica, 58-D-E (77661) e Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20 (44995) e Cruz Nunes, Pr. Duque de Saldanha, 14 (41845) e Nevada, Av. Luís Bivar, 11-13 (44824).
ARCO DO CEGO — São Jorge, Av. Rovisco Pais, 52-A-B (534027).
AREEIRO — Algarve, Av. de Roma, 7-B (777478).
ARROIOS — Bastos, Rua Morais Soares, 91-F (844350).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (811216).
BAIXA — Silva Carvalho, R. dos Fanqueiros, 126 (326579).
BELÉM — Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias, 63-A (611454).
BENFICA — Santo Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-A (704628) e Vitex, Est. de Benfica, 373-B (780548) e J. Ribeiro, Estrada da Luz 199-A (780969).
CAMÕES — Santos, Pr. Luís de Camões, 24 (322798).
CAMPO DE OURIQUE — Pinheiro, R. do Campo de Ourique, 181-183 (686640) e Lima, Rua D. Maria Pia, 358-A (686136) e Urbana, de Freitas, Rua Silva Carvalho 1-B (662838).
CAMPO DE SANTANA — Silmar, R. de S. Lázaro, 128 (42829).
ENTRECAMPOS — São Miguel, Pr. Francisco de Morais, 1 (77469).
ESTRELA E LAPA — Tagus, Prolong. da R. Possidónio da Silva, 162-A (669485) e Mota Capitão, Rua de São Félix, 45-A (660720).
CAMPO GRANDE — Cabrita, C. Grande, 220-222 (772897).
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 — Gaiinheiras (790969).
CAMPOLIDE — Júdice de Oliveira, R. de Campolide, 54-A (684424).
GRAÇA — Silva, Calçada de St.º André, 16 (862074) e Brasileira, Rua dos Sapadores, 87 (842725).
ESTEFÂNIA — Poncada, R. Rebelo da Silva, 9 (49340).
JANELAS VERDES — Reis Garrido, R. das Jan. Verdes, 90 (662327).
LUMIAR — Central do Lumiar, R. do Lumiar, 17 (790480).
MARQUÊS DE POMBAL — Liberal Av. da Liberdade, 219 (43641).
OLIVAIS — Central dos Olivais, Rua Alferes Barriaro, Ruas 7-C Olivais-Norte (315539) e Antunes Rosas, R. C I para a Praça Cidade do Luso, Olivais-Sul (313610).
PICHELEIRA — Luzmar, R. João do Nascimento Costa, 6-A (728395-720703).
RATO — Vicente de Jesus, Largo do Rato, 3-C-D (681947).
REGO — Laranjeiras, R. Filipe da Mata, 60-162 (76085).
RESTELO — Belém, R. Frietão Vaz 10-A (á Encosta do Restelo) (612248).
SANTO AMARO — Gomes, Sucs., R. da Junqueira, 326 (638193) e Costa, R. dos Lusíadas, 32 (636704) e Bilene, R. Aliança Operária, 49-A-B (636620).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Conceição, Calç. D. Gastão, 30-32 (381279).
S. BENTO — Penin, R. da Cruz dos Polais, 52 (678531).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Branco — Av.º Comb. G. Guerra, 29 (Tel. 212070).
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 2428391).
PAÇO DE ARCOS — Godinho de Silva, Avenida Patrão Lopes, 4 (2432039).
OEIRAS — Central, R. João Teixeira Simões, 6 (2430058).
PAREDE — Alsis — Av. Gago Coutinho — R. das Caixas de Previdência (Tel. 2472948).
ESTORIL — S. João (Tel. 261186).
MONTE ESTORIL — Lopes Rua Hangar, 3 (260008).
CASCAIS — Marginal, Av.º Marginal (280078) e A. Costa, R. Freitas Reis, 24 (2802 48.

● Linha de Sintra

AMADORA — Caveca — R. Elias Garcia, 209 (Tel. 9300 19); Fiesa — R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); Confiança — Av.º D. Nuno Álvares Pereira, 18-A (Tel. 938149).
DAMAIA — Lemos — R. de Goa, 8-A (Tel. 971121).
QUELUZ — Correia, L. do Mercado, 3 (950905) e «Zeller, R. da Republica, 83 (950045).
CACEM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).
MEM MARTINS — Quimia — Est. Mem Martins, 285 (T. 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Telef. 980456).
SINTRA — Marrazes — L. Afonso de Albuquerque (Tel. 980058).
COLARES — Colares — Abreu (Tel. 299088).

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos de Costa, 10 (Tel 234 37).
ALHOS VEDROS — Portugal, Av. do Bela Rosa 8 (224230).
ALMADA — Algarve, R. Fernão Lopes, (270271).
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Estrada Nacional (21-8 (224 41).
BARREIRO — Avenida, Av.º Alfredo da Silva, 88 (2273212).
COVA DA PIEDADE — Império, Rua do Boa Esperança 3-A (274356).
MOITA — União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (239025.
MONTIJO — Higiene, R. José Joaquim Marques, 142 (230370).
SESIMBRA — Leão Av. Salazar (229471).
SETÚBAL — Costa — Largo da Misericórdia (Tel. 22760). Brasil — P. do Brasil (Tel 24788).
SEIXAL — Soromenho — R. Paiva Coelho, 38 (Tel 22 18560).

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 861353 ✻ Companhias Reunidas, 537011 ✻ Gazeidia 538821 ✻ Gazeidia idem e feriados, 382069.

BOMBEIROS — Sapadores, 322222 ✻ Voluntários, 538524.

POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ✻ Segurança Publica, 866141 ✻ Judiciária, 585880 ✻ Marítima, 326456 ✻ Internacional, 362721 ✻ Viação e Trânsito, 42205 ✻ G.N.R. (área rural), 36865.

SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 ✻ Enfermagem permanente, 766161 ✻ Enfermagem de urgência, 48738 ✻ Hospital de Santa Maria, 775171 ✻ Hospital de S. José, 860131 ✻ Sangue, oxigénio e soros, 771168 ✻ 771169 ✻ Transfusões, soros ✻ oxigénio, 538524 ✻ Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763456.

TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ✻ Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 ✻ Caminhos-de-ferro (Estoril), 861121 ✻ Estação fluvial (T. Paço), 325345 ✻ Estação Marítima de Alcântara, 663195 ✻ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✻ Estação fluvial (Belém), 638511.

BOM APETITE

CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(M 15 anos)

NOVO RESTAURANTE SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211 (M/ 15 anos)
aos sábados e domingos JANTARES DANÇANTES c/ conjunto privativo
(Encerrado às 3.ª-feiras)

CHOUPAL
CERVEJARIA E RESTAURANTE
SERVIÇO REQUINTADO
AMBIENTE SOSSEGADO
AR CONDICIONADO, MUSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ AS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE 9 (Junto ao Parque Mayer)
Telef. 42963

RESTAURANTE
MONDEGO
COZINHA À PORTUGUESA
TRAV. DO FORNO, 15 e 19 (ao Rossio)
TELEFONE 36 81 60

APÓS AS REFEIÇÕES CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa
Propriedade da Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor João G. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 03 71-8-9 e 32 11 84-6
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1966
Lisboa 2 — Portugal

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o céu estava muito nublado nas regiões do Norte e Centro e pouco nublado ou limpo nas regiões do Sul; vento fraco a moderado do quadrante oeste; aguaceiros em alguns locais do Norte.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 28°; mínima: Penhas do Saúde, 4°,5. TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 18°; na água do mar: 16°,8.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado; vento fraco ou moderado do quadrante Norte; condições favoráveis á ocorrência de nevoeiro ou neblina matinais no litoral Oeste, a norte do cabo Carvoeiro.

Amanhã
Nascer ás 7 e 23
Ocaso ás 19 e 36

Dia 25 Dia 3 Dia 11 Dia 18

MARÉS:

PREIA-MAR: **Dia 20** — 10 e 49 (3,3 m); 23 e 50 (3,2 m). **Dia 21** — 12 e 21 (3,5 m). **Dia 22** — 1 e 10 (3,4 m); 13 e 32 (3,8 m). BAIXA-MAR: **Dia 20** — 4 (1,9 m); 17 e 10 (1,7 m). **Dia 21** — 5 e 46 (1,8 m); 18 e 38 (1,6 m). **Dia 22** — 7 (1,6 m). 19 e 40 (1,3 m).

Credenciais do novo embaixador de França

Na segunda-feira, ás 11 horas, no Palácio Nacional de Belém, o Chefe do Estado recebe o embaixador de França, em audiência solene, para entrega de credenciais.

I Exposição Avícola na Póvoa de Varzim

PÓVOA DE VARZIM, 20 — Foi inaugurada, durante a tarde, a I Exposição Avícola da Póvoa de Varzim, organizada pela Comissão Municipal de Turismo, com o patrocínio do nosso prezado colega «O Comércio do Porto» e do quinzenário «O Lavrador».

O certame, que abrange seis secções está patente nas instalações do casino e encerra-se na quarta-feira. Inclui-se no programa das Festas das Dores que hoje aqui começaram.

A VISITA DO SECRETÁRIO ALEMÃO DA DEFESA

O secretário de Estado do Ministério da Defesa da República Federal Alemã, sr. Karl-Gunther von Hose que há dois dias se encontra de visita ao nosso país, esteve esta manhã nas oficinas de Material Aeronáutica de Alverca, onde foi recebido pelo respectivo director.

O visitante era acompanhado, além de por todos os elementos da sua comitiva, pelo secretário de Estado da Aeronáutica, brigadeiro Pereira do Nascimento, pelo vice-almirante J. Sousa Uva e pelo almirante secretário-adjunto da Defesa Nacional, Sequeira Araujo. Em seguida as individualidades alemãs — já em companhia das portuguesas — dirigiram-se para os Serviços Centrais de Ligação Alemães em Portugal.

Realizou-se depois um almoço oferecido pelo secretário da Defesa Alemão, em que participaram numerosas individualidades e durante o final foram trocadas saudações. O sr. Karl-Gunther von Hose regressa amanhã á tarde ao seu país.

A MODA E O HOMEM

Joaquim Barbosa foi ver, e...

...de Paris, Londres, Milão, Turim e Roma, regressou a Lisboa o conhecido alfaiate Joaquim Barbosa — Av. Infante Santo — que naquelas cidades apreciou as últimas criações da moda masculina.

MARCELLO CAETANO NA COVILHÃ E EM VISEU

VISEU, 20 — Proveniente da Covilhã é esperado a meio da tarde nesta cidade o prof. Marcello Caetano, que se incorpora pessoalmente no funeral do prof. Mário de Figueiredo.

O Presidente do Conselho, em cuja companhia viaja o ministro do Interior, pernoitou no Hotel de Turismo de Castelo Branco, depois de visitar a sede da Fundação D. Maria Clementina Godinho de Campos, em Galvelas, e ser saudado á passagem por Niza.

Esta manhã o prof. Marcello Caetano visitou na serra da Estrela a zona da Torre, a mesma para a qual esteve prevista a instalação de um teleférico, almoçando já a caminho de Viseu, na Pousada de S. Lourenço.

O Turismo no Algarve

Foi declarado de utilidade pública turística prévia o Hotel D. Sancho, a construir na praia do Carvoeiro (Lagoa-Algarve).

Cursos de Aperfeiçoamento do Sindicato dos Profissionais de Escritório

Terminarão no próximo dia 30 as inscrições no Centro de Aperfeiçoamento Profissional, do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa, com vista ao ano lectivo de 1969/70.

Ministram-se naquele Centro os seguintes cursos: Legislação do Trabalho e Previdência Social, Contribuições e Impostos, Arquivologia, Estenografia em Português, Operador de Mecanografia (cartões perfurados), Operador de Máquinas de Contabilidade, Contabilidade, Correspondente, Perfuradores Mecanográficos, Gestão Financeira-Económica de Empresa, Audiovisuais de Alemão (ano unico), Francês e Inglês (2.º ano).

Funciona ainda um curso básico, destinado aos alunos cujas habilitações de base não lhes permitem ingressar directamente nos cursos acima mencionados.

Este curso básico inclui as disciplinas de Português, Francês, Inglês, Alemão, Matemática, Noções de Comércio e Contabilidade, das quais os alunos frequentarão aquelas que constituirem precedência para o curso a que se destinam. As aulas terão início na 1.ª semana de Outubro.

NOVO CASINO ESTORIL

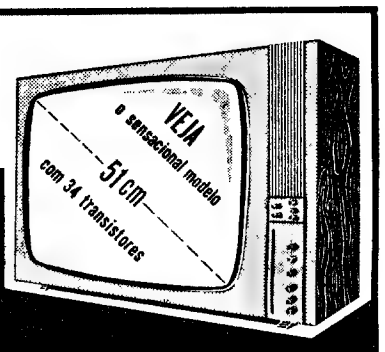
AMANHÃ
«MATINÉE», às 17 horas
no
SALÃO RESTAURANTE
SAMANTHA LEE
● THE PERRARDS
● MARIA DA FÉ
● FANTÁSTICA BALLET

MUSICA PARA DANÇAR
SHEGUNDO GALARZA
E SEU CONJUNTO
JIRINA'S COMBO
FERRER TRINDADE
E SUA ORQUESTRA
(M. 17 anos)

Preços
Chá completo: 40$ (taxas e impostos não incluídos)

No CINEMA
Hoje, ás 17 horas
«MATINÉE» INFANTIL
(M. 6 anos)
e ás 21.30
O HOTEL DA MALANDRICE
(M. 17 anos)
AMANHÃ, ás 17 e 21.30
ASSALTO AO CARRO BLINDADO
(M. 12 anos)
Ambiente climatizado

SALORA
Premiado com MEDALHA de OURO
O TELEVISOR DE ALTA QUALIDADE TOTALMENTE FABRICADO E MONTADO NA FINLÂNDIA.
·COM VHF E UHF ·MELHOR IMAGEM
·MELHOR SOM ·TÉCNICA AVANÇADA
·QUALIDADE EXCEPCIONAL



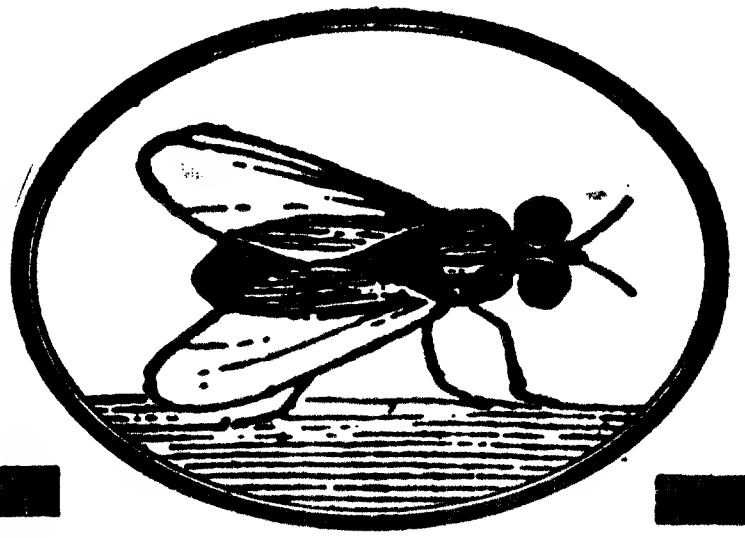
Pretendo receber publicidade e preços.
Nome _____
Morada _____
Localidade _____

à venda nas boas lojas
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
RAFAEL BURGUETE, LDA
Lisboa-R. António Enes, 20-1-t. 53 50 57
Porto-R. Alfredo Magalhães 99

O BANCO TOTTA-ALIANÇA

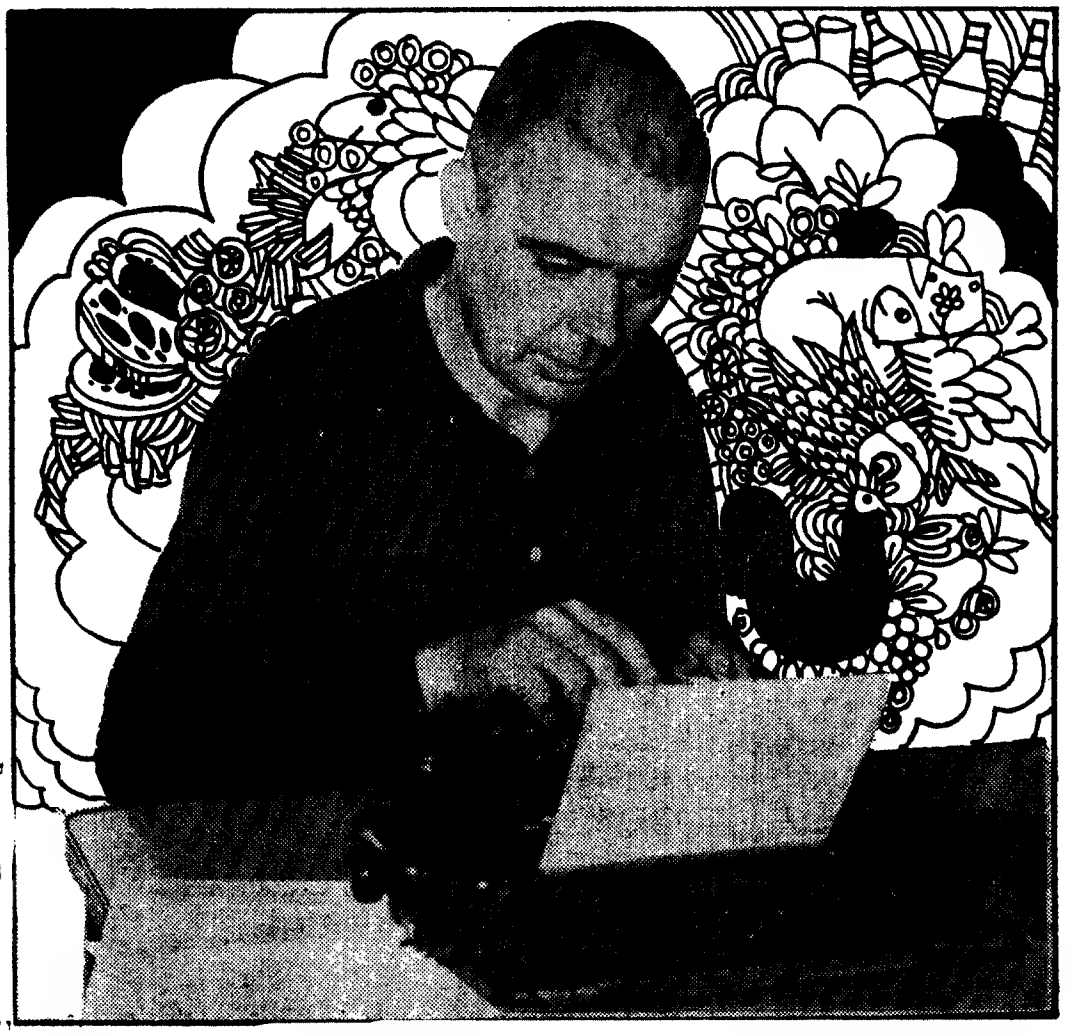
Comunica que, a partir de 22 de Setembro, para maior comodidade dos Clientes, o SERVIÇO DE PAGAMENTO DE LETRAS é transferido da Rua Áurea, 75 para a Rua do Crucifixo, 57.

24



hcesaropz°-
qtdinulmx.·

A MÁQUINA DE ESCREVER TAMBÉM VENDE PÃO



- Perna de cadeira com filamentos de lâmpada fundida
- Volante de automóvel com rosas amarelas
- Fechadura com ponteiros de relógio
- Água fixa e verde

texto
de
pedro alvim

ORA aqui está uma ementa que o sr. Cândido Pinto jamais matraqueou nas teclas da máquina de escrever. Tem sido sempre, ao longo já de muitos anos, o prato da gente que trabalha sem aventura. Sem um grito. É o bacalhau assado, a sardinha, a costeleta reduzida, o franguinho amarelo e triste. Buscando as letras no teclado nacional, manhã após manhã, Cândido Pinto preenche as ementas de restaurantes e tabernas existentes na Rua do Crucifixo e na Rua de Santa Justa. Não leva nada por isso: é um desporto como outro qualquer.

— Sim...?

— Sim. Há tipos que fazem palavras cruzadas. Eu faço ementas. Gosto disso. Gosto de escrever o nome dos pratos e pensar nas pessoas que os vão comer.

Conhecido, na zona, pelo «Camisola Verde», este homem que assim tão candidamente se entretém, os dedos no teclado todas as manhãs, tem uma curiosa maneira de agir para o cumprimento do seu dever-passatempo. Entra pelas 10 horas e pico, nos restaurantes de livre trânsito conquistado há muito, e vai direito...

— Vou direito ao frigorífico. Abro e espreito... Vejo o que lá está. Isto e mais aquilo. Sei as manhas da casa, abanco a uma mesa, ponho-me a escrever a ementa. E raramente me engano... Conheço todos os pratos aqui da área. Às vezes, á hora do almoço e do jantar, passo pelas mesas e vejo os clientes a ler o que escrevi. Sinto-me contente, sabe? Penso assim: «Mal sabe aquele tipo

que está a comer bacalhau cozido porque me deu para escrever bacalhau cozido na ementa... Podia ter escrito bacalhau assado. Ou frito... Enfim — depois de ter olhado o frigorífico sobe-me a inspiração á cabeça. E os patrões dos restaurantes aceitam quase sempre as minhas sugestões. Quando não apareço, mandam á minha procura os moços e criados. Que vá que escreva. Que varie. E o «Camisola Verde» lá vai... Lá vai e faz o serviço. Tac, tac, tac.

— «Camisola Verde» porquê?

— Porque gosto de alface, que é verde, e que ponho nas ementas sempre que ela está no frigorífico, cá em baixo, ao pé dos tomates e dos pimentos.

— E há tarde que faz o senhor?

— Sou testemunha num cartório e vou para uma venda de pão que tenho na Travessa do Forno, ali ao Rossio. E aí é que está o segredo...

— Qual segredo...?

— É que só faço as ementas dos restaurantes e tabernas que ficam com o meu pão!

— Nesse caso, isso de bater ementas á máquina já não é um passatempo tão inocente como as palavras cruzadas...

O homem sorri:

— Se não é um passatempo, é um jogo. Jogo nas teclas da máquina e vendo o meu pão. Nunca ouviu dizer que a vida é um jogo?

Cândido, afinal, não é cândido — e a ementa exótica do topo desta crónica é que é verdadeiramente cândida.

KARAISKAKI

Isto de atletismo é mesmo assim: há os óptimos, os bons, os médios e os maus. Portugal não está nem nos óptimos (Alemanha Oriental, França, U.R.S.S., Polónia Inglaterra, Alemanha Ocidental) nem nos bons (Itália, Checoslováquia, Jugoslávia, Suécia, Hungria). Há dúvidas quanto à nossa classificação — médios? Maus? Convém não sermos demasiado pessimistas. Afinal Barceló de Carvalho correu os 400 metros planos em 47,2 segundos!

em 5 PONTOS

GRÉCIA

Os Campeonatos Europeus de Atletismo escolheram este ano um local condigno: o estádio ateniense de Karaiskaki. Nada como a Grécia! A Grécia manda, a Grécia está na vanguarda, a Grécia tem um concursista de vara (Papanikolau) que manda chover na *vanguarda destes pinchos tão especiais. Além do mais* a Grécia ganhou a maratona de 1896 (Spirydon Lonis), cobrindo-se de infindável glória. *Entre parêntesis:* a escolha da Grécia não foi mal recebida. Problemas políticos? Todos temos problemas políticos. Varsóvia ou Londres, tanto faz. (É claro, escolheu-se Atenas).

JÜRGEN MAY

Estes Campeonatos Europeus de 1969 não nasceram escorreitos; um pouco mais e tinhamos aleijão pela certa. Sucedeu que o atleta da Alemanha Oriental (República de Pankov, como diz a Imprensa bem informada) Jürgen May cavou há menos de três anos para a congénere ocidental. Agora Bonn queria fazer alinhar May com as suas cores — camisola branca, calção branco —, mas os do outro lado piaram. E a Federação Internacional disse de sua justiça: só com três anos de permanência no novo país. O que May não podia provar.

ORA BOLAS !

Já que May não podia provar (alterar o calendário? Impossível), os colegas da nova equipa solidarizaram-se com ele e responderam aos gregos: «não». Foi o pânico em Karaiskaki. Porque isto é mesmo assim: sem alemães ocidentais não há hipótese, sai tudo coxo, mentiroso, fora da mãe. Os de Pankov (quer dizer, da R. D. A.) aproveitaram e puseram-se a coleccionar medalhas. É pá, não há direito!

BARCELÓ

Barceló de Carvalho, nem oriental nem ocidental, correu uns impecáveis 400 metros planos em tempo «record», 47,2 segundos. De nada lhe valeu, porque foi eliminado. Mas ainda não vimos isto referido em parte nenhuma: o tempo de Barceló era melhor do que o de alguns quatrocentistas apurados para as meias-finais. Barceló? Um enganado. «A Mosca» é por Barceló.

É CLARO

É claro que os Campeonatos Europeus encerram uma lição: desporto a sério vale a pena ser praticado. O resto só serve para enganar. Mesmo o pobre do Papanikolau não convence ninguém — desporto à sombra da Acrópole? Quem sabe disto são os franceses, os ingleses, os polacos, os russos e os alemães orientais. Papam as medalhas todas. São uns beras. São uns tipos porreirissimos. (Depende do que lhes quisermos chamar — «sans rancune»).

CARL «LUV» PETERSEN

CARINHO, BOLA E APREÇO

«Eusébio deixou o campo escutando inequívoca manifestação de carinho e apreço.» O testemunho, por idóneo, não nos deixa qualquer dúvida: veio no jornal «A Bola» (edição de 15 de Setembro de 1969, pág. 6). Ao fim de 83 minutos de jogo, com o Vitória de Guimarães cilindrado já por quatro golos, o mais criticado dos futebolistas portugueses em actividade tinha ganho pùblicamente a sua causa: dinheiro a sério, espectáculo completo. Quem não concorda que fique em casa.

Ora bem, o Benfica conta com Eusébio, Eusébio conta com o Benfica, há um longo campeonato a disputar que Eusébio certamente facilitará. Também a Taça dos Campeões Europeus terá em primeira página o nome do moçambicano. Êxito à vista? Não se sabe, estes dinamarqueses do K. B. K. são simples «sparring-partners»... Para já a tranquilidade voltou ao Estádio da Luz e o treinador Otto Glória adia a úlcera para o Verão.

Eusébio, agora vamos abrir esses dentes brancos num sorriso! O quê, tu duvidavas? A malta gosta de ti, Eusébio. A malta acha que quatro mil contos, enfim, não é, mas águas passadas nunca moveram moinhos. Os moinhos da malta — desculpa lá o truque retórico — precisam do teu grão para trabalhar de oito em oito dias.

Porque os números são francamente irrespondíveis. O futebol português dispõe de 25 mil praticantes, números redondos e incluindo enorme percentagem de amadores; o futebol holandês regista qualquer coisa como vinte e três vezes mais (578 mil). Temos menos futebolistas porque temos menos campos e menos treinadores (ou vice-versa), e temos poucos professores de ginástica, as criancinhas não há meio de se habituarem à necessidade de exercício físico, etc., e sem criancinhas ginasticadas não podemos ter desportistas adultos em quantidade e em qualidade (e mesmo isso, mas a conversa já vai longa, ganharia bastante se fosse revisto por um prisma não competitivo). O Eusébio é que safa a malta.

A MOSCA

MAGAZINE DO DIÁRIO DE LISBOA

Máquina de escrever igual a pão
Eusébio
Paião, um brinde pela música
Tropicalismo
A balada na rua
Rogério Paulo
Mosca de bibe
Pisa-papéis
Luna-Parque
As raparigas do «Suave»
Codobés
Alta fidelidade
Cartoon de Manuel Simões
Desenhos de Ferreiro

Há sempre um Portugal desconhecido

UMA CARTA DE ROGÉRIO PAULO

Lisboa, 14 de Setembro de 1969 — Ex.mo Sr. Dr. A. Ruella Ramos — Mui Digno Director do Jornal «Diário de Lisboa» — LISBOA.

Ex.mo Senhor:

Publicou o «Diário de Lisboa», no seu Suplemento «A Mosca» de 13 do corrente uma espécie de jogo-adivinha familiar, com a minha fotografia e o meu nome, que me obriga a vir junto de V. Ex.a solicitar-lhe a publicação integral desta carta com a urgência que o caso requer para mim.

Não vou até ao ponto de pedir que me concedam um espaço igual ao que gastaram comigo nesta brincadeira — meia página —, pois parece-me que as colunas do «Diário de Lisboa» deverão ser poucas para, dentro das tradições de seriedade que têm sido sua norma, se ocuparem de assuntos mais importantes.

Quero ainda pedir desculpa do meu estilo não ser tão brilhante como o que já foi entusiàsticamente reconhecido, no Suplemento desse Jornal, a personalidades que estão acima do Organismo que ao premiar o meu trabalho, ou melhor, um meu trabalho estritamente profissional, provocou este súbito interesse sobre mim.

Nesse jogo-adivinha familiar são referidos alguns dados biográficos meus que, embora quase verdadeiros, são demasiado incompletos, o que dificulta de tal modo a charada que obriga o seu ou seus autores a darem a solução logo a seguir. Teria sido mais fácil ao leitor se utilizassem apenas detalhes da minha vida profissional, afinal o fulcro da minha actividade pública. Mas uma vez que preferiram orientar o joguinho noutro sentido há que rectificar os elementos propostos e acrescentar outros.

O referido jogo-adivinha propõe como dados do problema os seguintes:

«Actor português. Embaixador de Gil Vicente e ex-deputado da Oposição. Prémio do Secretariado Nacional da Informação. Quem é? Onde fica?

Há sempre um Portugal desconhecido.

R.: Rogério Paulo.»

Expõe, portanto, os dados e responde apenas à 1.ª questão (quem é?) deixando a 2.ª (onde fica?) em suspenso.

Ora, como o assunto me diz respeito, proponho que o jogo apresente as seguintes premissas, seguramente mais verdadeiras:

«Actor português. Intérprete de Gil Vicente, de Raul Brandão, de Costa Ferreira, de Luís Francisco Rebello, de José Cardoso Pires e de muitos outros mais. Candidato a deputado da Oposição em 1956. Prémio «Eduardo Brasão» da Secretaria de Estado da Informação. Colaborador da revista «Seara Nova». Um dos actuais proponentes da lista oposicionista de candidatos a deputados da Comissão Democrática Eleitoral (C. D. E.) de Lisboa.

Há sempre um Portugal desconhecido.

Quem é? Resposta: Rogério Paulo.»

Quanto à tal segunda pergunta (onde fica?) tenho o maior prazer em ser eu próprio a apresentar a solução ainda que não seja senão para evitar aos intervenientes no joguinho familiar esforços e canseiras que os desviem dos altos trabalhos em que, certamente, estão empenhados a favor da cultura portuguesa

Portanto, aí vai:

«Onde fica? Fica onde *sempre* esteve, onde continuará a estar, independentemente de prémios — venham de onde vierem — que nunca solicitou, vivendo apenas do seu trabalho, sem subsídios, sem fortuna pessoal e democrata convicto sejam quais forem as consequências.»

Mas como também eu me entretenho por vezes com brincadeiras inocentes, embora não com os mesmos intuitos nem utilizando os mesmos processos, permito-me propor uma nova adivinha-familiar, resultante da outra, mas desta feita com o aliciante de eu próprio não conhecer as respostas:

«Quem são, de que vivem, onde não ficaram, onde estão agora, onde irão para os autores (ou autor) anónimos do joguinho espirituoso?»

Todavia, para uma das questões parece-me fácil encontrar a resposta:

Onde estão? Onde é natural que estejam pessoas que ainda utilizam a tristemente célebre táctica de provocarem declarações para servirem os seus processos de actuação!

É bem verdade que «há sempre um Portugal desconhecido»...

Quero afirmar a V. Ex.a, Sr. Director, que não são incidentes deste tipo que farão diminuir a muita estima e consideração que tenho pelo «Diário de Lisboa»

Subscrevo-me com a maior simpatia,

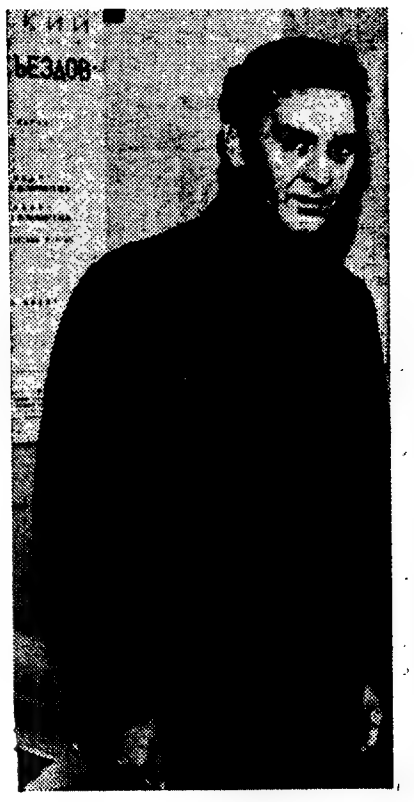
ROGÉRIO PAULO

JOSÉ CARDOSO PIRES

A RESPOSTA DE «A MOSCA»

E COMENTÁRIO DEFINITIVO EM ENCONTRO DIRECTO MOSCA-ROGÉRIO PAULO

Entre José Cardoso Pires, na qualidade de orientador e responsável de A MOSCA, e Rogério Paulo, realizou-se a seguinte entrevista, na qual se dá esclarecimento cabal á carta-protesto que se publica na íntegra, como mandam as regras do fayr e da Imprensa.



ROGÉRIO PAULO

José Cardoso Pires—Pelo que me disseste ontem pelo telefone o que te magoou sobretudo na crítica que te fez *Mosca* foi o tom violento do humor.

Rogério Paulo: — Exactamente. Primeiro que tudo devo dizer que posso concordar com o humor apesar de não ser humorista. E talvez tenha dificuldades em perceber um determinado tipo de humor. Mas, enfim, estou disposto a aceitar, sempre aceitei, porque sou democrata, todas as espécies de crítica desde que sejam feitas directa e objectivamente e que eu tenha o mesmo direito de responder a essas críticas.

J. C. P. — Respondeste numa carta que te será publicada na íntegra. Estás agora a discutir frente a frente com o responsável de *A Mosca*. Mas, bem, quais são os pontos fundamentais que tu consideras na tua carta?

R. P. — Os pontos fundamentais são em primeiro lugar o tom jocoso e de que, apesar de tudo, eu creio que não sou merecedor.

J. C. P. — Sim, mas é verdade que há um tom de Mosca, um tom de humor que encerra uma crítica, e eu, como responsável de A Mosca, não deixo de sublinhar isso. Todavia, concedo que no teu caso foi excessiva e violenta. Aí tenho que conceder. Que pontos fundamentais consideras a seguir?

R. P. — A seguir quero que fique bem nítido o seguinte: foram apresentados determinados dados biográficos da minha actividade extra-profissional. Esses dados, de que eu tenho muita honra, considero-os incompletos ao serem apresentados assim. Se se apresenta uma biografia apenas com dois elementos incorre-se num erro por omissão...

J. C. P. — O que não está em causa, visto que não se pretendeu dar uma biografia. Pretendeu-se sintetisar, em dois dados e mais num terceiro elemento extra, uma incongruência. Foi essa contradição que se quis pôr em foco. Pôs-se em foco um cidadão que por um lado é actor com uma carreira conhecida e que a certo passo, no parecer de A Mosca e no meu, pessoalmente, toma uma atitude negativa.

R. P. — Há muita gente séria que não será dessa vossa opinião, e tenho tido demonstrações disso.

J. C. P. — Sim mas é a minha opinião, e não só a minha, como tu sabes. Tu, que tens responsabilidades a que maior parte dos actores não se arrogam, ao receberes o Prémio do Secretariado suscitas que se pergunte «Mas o que é isto? Onde está a coerência disto?» E tens tido dissabores por isso mesmo, como sabes.

R. P. — Apenas quero fazer um pequeno preâmbulo. É evidente que ao aceitar o Prémio da Secretaria de Estado e Informação, é evidente, é lógico, que muitas pessoas estivessem de acordo e outras não. Porque devo dizer que tenho encontrado em pessoas que me merecem igual consideração opiniões diferentes.

A outra coisa que me magoou foi que, na altura em que recebi o Prémio, publiquei uma carta em que fazia determinadas afirmações de

(Continua na página seguinte)

A RESPOSTA DE «A MOSCA»

(Continuação da pág. anterior)

independência e de me manter na minha posição, e que, depois disso, aderindo publicamente a uma candidatura eleitoral, demonstrei que a minha carta não era mentira. O que me chocou foi A Mosca ter publicado aquela sátira depois dessa minha adesão.

J. C. P. — Não. O problema que se põe, o problema que eu pessoalmente ponho, é outro. É que tu tens um tipo de coerência, digamos assim, que eu e muita gente não aceita. Assumes uma atitude frontal democrática que não te impede de aceitares um prémio que se reveste de indiscutível significado. Outras pessoas o têm aceitado e ninguém se pôs aos saltos de espanto.

R. P. —O que é estranho. É estranho, sim senhor. Mas, enfim, eu não gosto de falar em nomes. Estamos aqui para esclarecer um problema...

J. C. P. — E é só esse problema que está em causa.

R. P. — Exacto. Eu sou um actor profissional. E tu, que és escritor, tens o direito de rever a questão do Prémio porque os prémios de literatura são dados a quem concorre a eles. Nós, actores, não. Representamos uma peça, não fazemos nada para obter seja o que for, e acordamos premiados.

J. C. P. — Mas podes rejeitá-lo.

R. P. — Pois posso. Simplesmente não rejeito prémios venham donde vierem, mas também não os solicito. Podem-me então dizer que isso é legalizar um juri...

J. C. P. — Exactamente. Entre prémio e premiado pressupõe-se, erradamente ou não, uma identidade.

R. P. — Pois. Podem-me dizer assim «mas então isso é a mesma coisa que legalizar um juri. Se você aceita, legaliza...» — e esse argumento já foi utilizado. Mas eu até hoje só recebi três prémios em Portugal e de nenhum deles conhecia o juri. Em 1962 deram-me o Oscar da Imprensa e, como me disseram que a decisão provinha de todos os ramos do jornalismo, acredito que, no meio deles, houvesse muitos elementos que não percebiam nada de teatro. Portanto, eu podia responder: «Rejeito o prémio porque não sei quem é o juri. Não sei se o juri tem idoneidade teatral para me atribuir um prémio!» Mas não o rejeitei.

J. C. P. — O Oscar da Imprensa é um prémio muito diferente!

R. P.—Vem agora o prémio da Secretaria do Estado e eu aceito-o. Apenas sei que existe uma pessoa que é membro do juri e que é o dr. Luís de Oliveira Guimarães — que foi crítico de teatro da *Republica*. De resto, não sei mais nada. Outorgam-me um prémio, eu limito-me a não o rejeitar, a não agradecer. Juan Antonio Bardem, o conhecido realizador espanhol recebeu o Prémio Nacional de Cinema quando estava (e continuou) detido. E dizia-me ele muito lògicamente. Se te premeiam um trabalho profissional, a vitória é tua». Este é o meu ponto de vista e não vejo nele incoerencia. A incoerência só existia se ao aceitar o prémio eu fosse obrigado a fazer qualquer profissão de fé — ou de falsa fé, nesse caso.

J. C. P. Ninguém falou em profissão de fé. Fala-se de um problema, de um acontecimento, inesperado numa pessoa, em determinado clima e em determinado país que somos nós, Portugal.

R. P. — Nada me foi pedido pela Secretaria de Estado, nada dei em troca, nem existe nenhuma espécie de contacto... nem coisíssima nenhuma. Nunca tive nem tenho qualquer espécie de subsídio pessoal. O estar agora no Teatro Nacional ou ser de uma companhia cá de fora é idêntico porque todas as companhias recebem subsídios.

J. C. P. — Nesse caso, se amanhã o Secretariado de atribuisse novo prémio recebia-lo?

R. P. — Um prémio profissional? Estrictamente profissional?

J. C. P. — Um prémio do Secretariado como aquele que te foi atribuído.

R. P. — Então teria a mesma atitude: não o rejeito, não agradeço, não tenho nada a ver com isso.

J. C. P. — Não recusavas, portanto.

R. P. — Não recuso prémio nenhum, recuso todas as condecorações. É este o meu ponto de vista.

J. C. P. — Bom, outro pormenor. Na tua carta há aqui uma passagem que me parece francamente desagradável. Esta: «*Quem são? Onde estiveram, onde ficaram, etc...*» estes tipos que escreveram aquilo a teu respeito. Ora o responsável sou eu e estou aqui. Estamos aqui para nos explicar.

R. P. — Desculpa. É preciso esclarecer isso, e então fica esclarecido publicamente. Eu nem sequer sabia que eras tu.

J. C. P. — Sou eu, portanto. Achas necessária alguma explicação sobre isso?

R. P. — Nenhuma. O mais que eu posso dizer é que fico satisfeito por ter verificado que, ao fazer uma pergunta, que eu tinha o direito de fazer, (visto não saber de quem se tratava) tu, dignamente, teres vindo dizer: «sou eu o responsável». Esse simples facto, põe ponto final a qualquer espécie de discussão.

J. C. P. — Portanto prescindes de qualquer esclarecimento sobre onde é que *eu estou, quem sou, o que é que faço, de que é que vivo...*

R. P. — Uma vez que sei que és tu, prescindo.

J. C. P. — Sabes, portanto, quem sou, quem sempre fui, o que é que eu faço e quais as minhas posições?

R. P. — Agora, que sei que és tu a assumir as responsabilidades muito bem. Sei muitíssimo bem quem és e tenho muita pena que este incidente tivesse provocado um litígio entre mim e ti. Retiro qualquer suspeita a este respeito evidentemente, mas hás-de conceder que pelo menos te cabe dizer qualquer coisa sobre quem...

J. C. P. — Quem tu és?

R. P. — Quem sou eu e se interpretas este ataque contra o meu carácter como justo.

J. C. P. — Não é isso que está em causa.

R. P. — Não. É isso que está em causa.

J. C. P.—Bem, Rogério, eu defino-te assim: tu és um democrata que se afirma publicamente como tal; mas aceitas, ao contrário do meu ponto de vista pessoal, uma dicotomia entre o homem e o artista quando recebe um prémio do Secretariado...

R. P. — Ao qual não concorreu...

J. C. P. — Ao qual não concorreu mas que o não rejeita e que, por outro lado, considera isto consentâneo com as suas tomadas de posição em relação a um estado de coisas que tem no Secretariado um elemento significativo de responsabilidade cultural.

R. P. — Sim, senhor. Mas frisando sempre que sempre receberia qualquer prémio venha donde vier desde que isso não implique, da minha parte a menor quebra de independência. Se aqueles a que eu me oponho como cidadão responsável reconhecerem que, profissionalmente, fiz um trabalho profissional bom, isso para mim não quer dizer nada.

Mas aproveito para por um problema que me parece oportuno nesta conversa: eu sou contra prémios em Teatro neste momento em Portugal porque o teatro está em crise.

Por isso não fiz parte de juri de nenhum prémio, de teatro representado, jamais o farei nem aceitarei instituir prémios seja do que for. Simplesmente, eu não aceitei um prémio. Eu não *rejeitei* — o que é totalmente diferente. Não rejeito nem agradeço. Como não rejeito críticas que me façam, nota. E quero que fique claro que não entendo, que se premeie marginalmente o Teatro sem ter resolvido os problemas fundamentais que lhe estão na base da situação dramática (passe a ironia) em que se encontra.

J. C. P. — Aqui há outro aspecto particularmente desagradável na tua carta. Este período: «*Onde estão as pessoas que ainda utilizam a tristemente célebre táctica de provocarem declarações para servirem os seus processos de actuação?*»

R. P. — Eu quando escrevi isso, escrevi, natural e lògicamente, zangado porque não sabia a quem me dirigir. Fui agredido e defendi-me. Agora, que estamos aqui nesta conversa cordial, quero que essa frase passe a ser interpretada de outra maneira e, a partir deste instante, fico muito contente que esta conversa tenha *provocado* um esclarecimento de muitas coisas entre ti e mim, entre mim e A MOSCA e possívelmente entre mim e os leitores.

J. C. P. — Fechamos, portanto?

R. P. — Está fechado

J. C. P. — Assinado, *A MOSCA*.

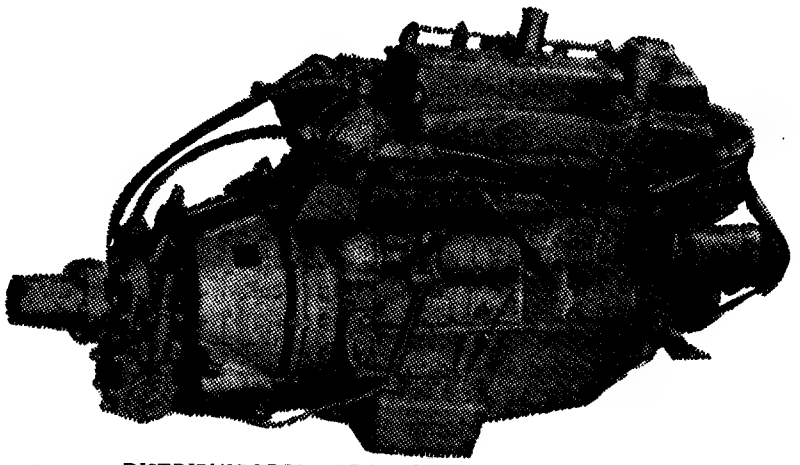
R. P. — Assinado *Rogério Paulo*.

PERKINS DIESEL

A MARCA QUE CRIA UM AMIGO EM CADA CLIENTE

MOTORES MARÍTIMOS de 3, 4 e 6 cilindros ★ 21 a 124 S. H. P.

★ Grande stock de peças para estes motores



Consultem os DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL:

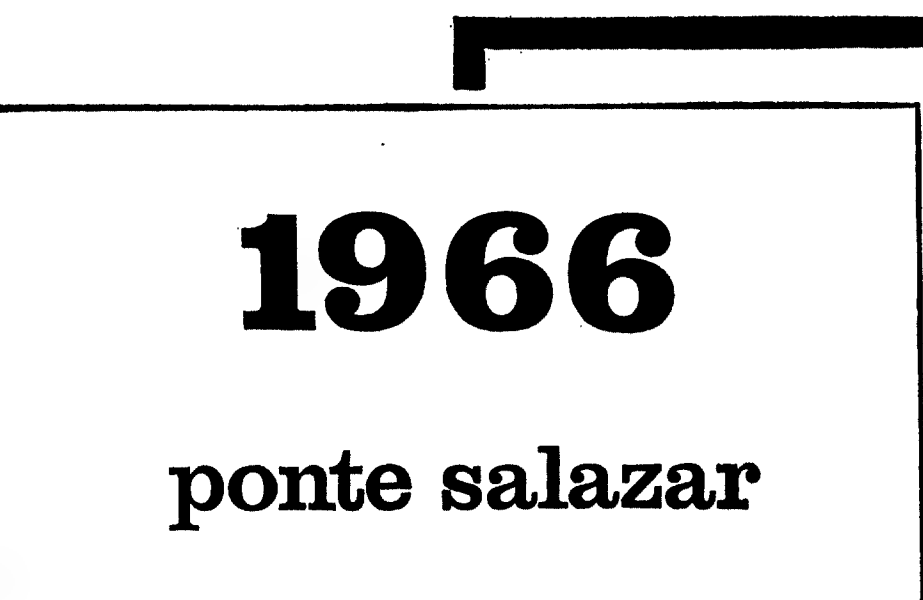
AUTO-INDUSTRIAL

S. A. R. L.

LISBOA — AV. DUQUE DE LOULÉ, 93 — TEL. 562551 — COIMBRA — LEIRIA — PORTO
ESTORIL — AV. DE NICE, 4 — TEL. 263396 — CALDAS DA RAINHA — SANTAREM
— TORRES VEDRAS

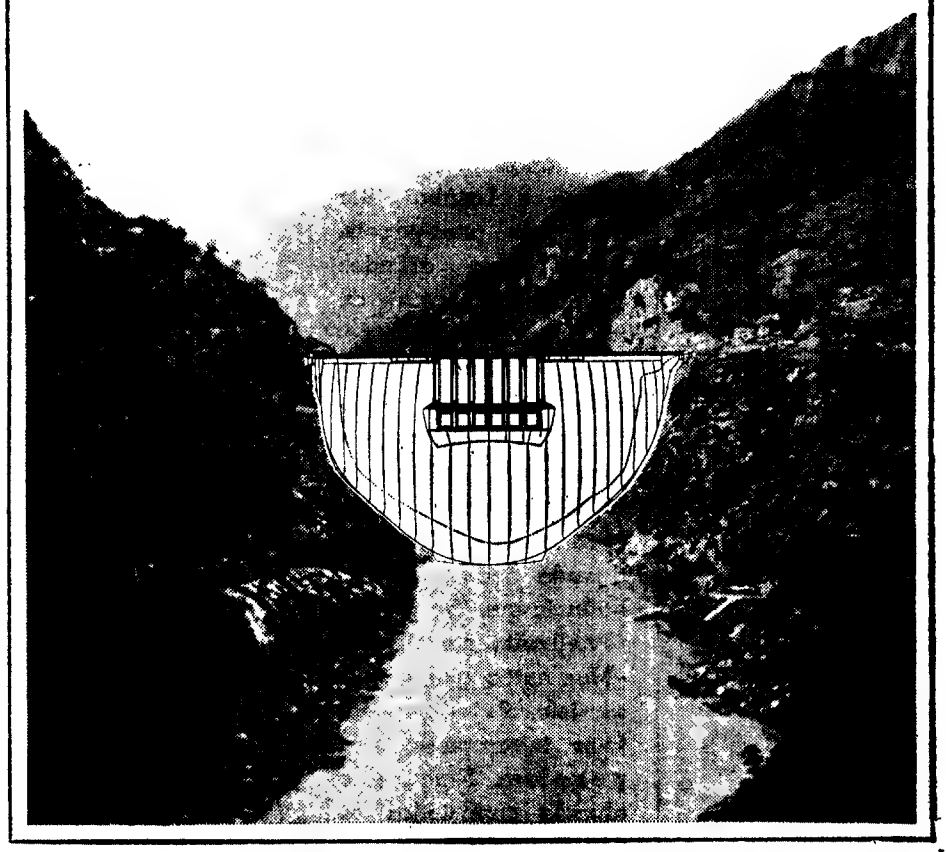
1966

ponte salazar



1969

barragem cabora-bassa



SEMPRE

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

presente na colaboração aos maiores empreendimentos

o Banco do Povo ao serviço de Portugal

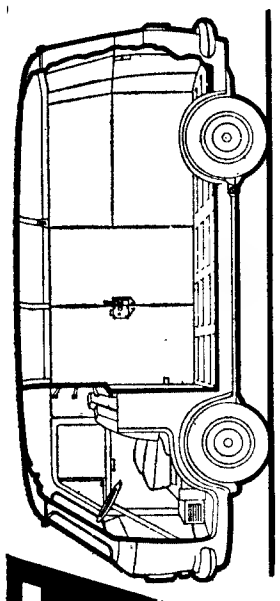
RELANTE

FIAT PORTUGUESA

■ Altura do estrado de carga a 41 cms do solo (descarregado)
■ Alternador
■ Servo-Freio
■ Carga de 1130 Kg. incluindo condutor
■ Condução suave.

Porta trazeira com 1,12m de largura e 1,30m de altura

1,40m × 1,30m

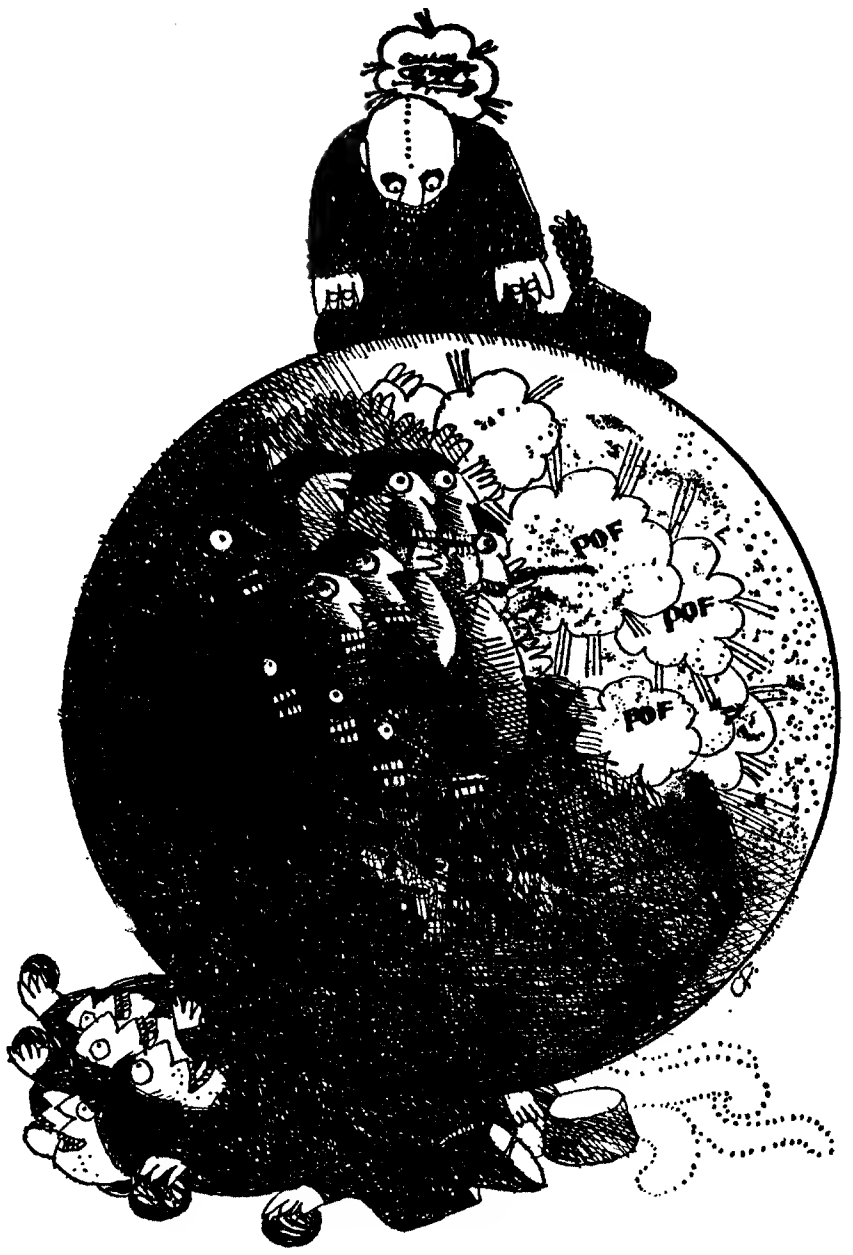


Capacidade 6,5m³ - Porta lateral com 1,40

FIAT 238

A SAIR BREVEMENTE
O NOVO FURGÃO FIAT
O MAIS ECONÔMICO COM
6,5 m³ DE CAPACIDADE

OS PISA-PAPÉIS SÃO (TAMBÉM) ARMAS DE ARREMESSO



Desenho de Ferreiro

A procura de pesa-papéis intensifica-se por todo o País. Andam por aí uns senhores, uns anónimos, outros Torres e Lozanos, em busca de pesa-papéis. Publicam grandes anúncios nos jornais de maior circulação e pedem, exigem, pesa-papéis. Oferecem quantias verdadeiramente atractivas: de 2 mil a 30 mil escudos. Espanta-se o olho do leitor quando depara com o anúncio que lhe propõe semelhante negócio. «Mas então que vem a ser isto...?» — pergunta-se interroga-se, fica perplexo. Ninguém o elucida com todos os pontos nos ii. Permanece tudo muito misterioso, muito vago—e muito atraente.

Que diabo! Receber uns contarecos largos por um pesa-papéis não deixa de ser uma coisa agradável... Toca de vender o pesapapéis! Pertencia à avòzinha...? Ela não é mais do que pó, cinza, esticadinha para toda a eternidade. Não levará a mal. Aqui tem, senhor comprador, o pesa-papéis. É de vidro — e tem flores lá dentro. Mariposas. Fantasias deliciosas. Até uma cobra, enrolada, enroladinha, intacta para todo o sempre... Quanto vale, pois, o pesa-papéis? É neste preciso momento que o pesa-papéis começa a correr um grande perigo...

PORTUGUESAS, portugueses: Os pesa-papéis de Portugal estão em perigo. O inimigo tenta apossar-se deles. Com que intenções? Difícil é a resposta: alegam esses senhores que não coleccionadores. Mas o inimigo pode muito bem fazer-se passar por coleccionador. Uma forma, enfim, de camuflagem. Acautelai-vos, cidadãos, com esse apelo publicitário que, à primeira vista, parece ir ao encontro das vossas dificuldades económicas. Acautelai-vos — e prestai atenção.

A defesa dos pesa-papéis portugueses deve merecer, inclusive, a nossa especulação. Deste modo, convém dizer, para já, que, nos meses de Junho e Julho passados, um milionário americano se veio instalar em Madrid e começou a comprar pesa-papéis de maneira magnífica. Como um Deus. Como um rei. Como um príncipe. E não só os comprava através de informações particulares, como também através de anúncios gigantescos publicados no periódico «Pueblo». Um, dois, três — muitos. E constou, a certa altura, que esse milionário americano viria a Lisboa a fim de adquirir, pelos mesmos preços, os pesa-papéis desta boa gente portuguesa.

E foi então...

FOI então, portuguesas e portugueses, que principiaram a surgir anúncios nos jornais da capital. Nos jornais do Porto. Talvez em jornais da província. Foi então, portuguesas e portugueses, que os nossos pesa-papéis começaram a ter procura. Uma procura doida. Destravada. As ofertas, no entanto, não igualaram as do milionário americano. Eram (e são) muito mais baixas. Ora isto, cidadãos, significa que algo de errado existe (e persiste) em tal negócio. O quê?

Portuguesas, portugueses: ainda vos não ocorreu que talvez alguém tente vender por atacado ao milionário americano, por enorme preço, os pesa-papéis comprados a vós por tuta e meia? Ainda vos não ocorreu que esses provàveis intermediários irão fazer dinheiro à custa da vossa ingenuidade e da vossa brandura de costumes? Ainda vos não ocorreu que o melhor seria vender os pesa-papéis directamente ao milionário americano? Pois meditai — e decidi. E lembrai-vos que um pesa-papéis é uma óptima arma de arremesso: faz sempre «galos» na cabeça.

CETAVLEX
PARA AS QUEIMADURAS DO SOL

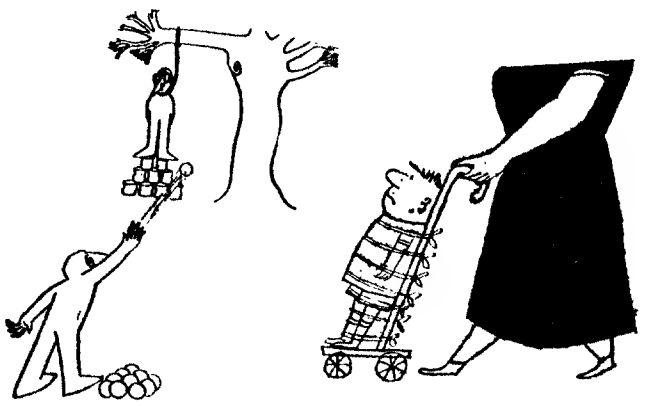
LUNA-PARQUE

UM dia destes eu e a Lena (a minha mulher) resolvemos ir, depois do jantar e da cozinha arrumada a meias, a um cinema, ceia e uma voltinha no carro, á beira-mar, pela fresquinha. Sabem como é, uma «luazinha de mel» para matar saudades?! No projecto cabia até, se calhasse, um «boite» com musica suave, luzes «e tal coisa», enfim, tudo a conjugar-se para dar certo. A «farra» prometia...

As manobras complementares estavam, totalmente, previstas: a Ana e o Jucas, os nossos pequenos, ficavam já deitados. De olho á escuta e ouvido á espreita «actuaria», até que adormecessem, a vizinha do 2.º esquerdo — a D. Delfina — que, coitadinha, nos é muito chegada. Já lá diz o rifão: «As vizinhas são para as ocasiões eo resto são tretas!». Pois se os pimpolhos, mal tomam lugar nos beliches, até fazem lembrar — palavra, que não digo isto por serem meus — dois anginhos... nós, «potenciais galdérios-por-uma-noite», nem tínhamos medo, que eles, na sua inocência, dessem cabo da velha. Ainda se fosse de dia... mas áquela hora? Portanto, eu mais a mãe, antevíamos toda uma soirée por nossa conta (e se estávamos «melados», caramba!).

Ora já me tinha soado, um rôr de vezes, que quantas mais contas um homem deita á malvada da vida, mais furados lhe saem os projectos. Estava em crer, que era exagêro. Pois, afinal, não é! Se não acreditam afinem-me esses olhos e, depois, digam-me quem tem razão?

Faltavam, aí, dez para as nove, quando os dois furacões desarvoram pela sala dentro para virem sentar-se, a cavalo, nos meus joelhos (um em cada): «Vocês já deviam estar na cama!». «Pai, levas agentáfeira, pai, levas?» «Está bem, amanhã. Agora, malta, beijoca e andando...». «Hoje, pai, hoje!». E eram beijos, abraços, narigadas: mini chantagm pura. Tanto barulho, que a minha mulher, que estava a arranjar-se, veio disparada ver o que se passava. Zut! Em corrida arrancaram do meu colo em direcção á mãe, que o pai dissera que sim, que os levava *nessa noite* á feira, que gostavam muito de nós, que no dia seguinte a sopa era um vê se te avias... truques. A Lena olhou para mim, eu olhei para ela e meia hora depois entrávamos «todos» satisfeitos — como se impõe a quem se propõe passar uma fatia de noite (fininha) no «Luna-Park» da capital deste conhecido Portugal — pela porta principal, sabem, aquela que tem lindas luminárias e um coreto (zinho) do cimo do qual uma banda (também «zinha), a barulhar, vê os foliões passear.



Dez puxões (de braços) depois, começou o nosso regabote particular com o Jucas a pedir «torrante de alicão» e eu, que não, por causa da digestão. De resto, aquilo era torrão de Alicanteá! P'ra espantação minha e da mãe amainou a borrasca porque, afinal, o que ele queria era «torrante»...

Logo vis-a-vis com o portão (até parece de propósito) voam raso os discos e mais os aviões. Fui-me a eles com a costela dos descobrimentos alçada e mais o Jucas de repelão. Ao fim da primeira volta, impelido pelo entusiasmo da histórica missão, arranquei-lhe a chiclet da boca e largueia-a no vácuo com a seguinte inscrição:

«Aqui voaram dois portugueses valentes, que mais longe não vão, porque vivem cá contentes!»

Com enérgica sapatada arranquei dum olho uma lágrima nervosa e voltámos, á terra, impantes de orgulho. Em aterragem perfeita esbarrámos num «Palácio de Fantoches» com um macaco por cima e muita alegria lá dentro... mas muita tristeza cá fora! Os miudos cavaram dos «falsetes» e levaram-nos para longe.

Recompostos, passámos á beira do «Poço da Morte», que, não sei se já repararam, é «propriedade do proprietário» o que, também, não admira visto ser ele o dono.

Os carros de choque foram a etapa seguinte. É lá, que muito sonhador se arvora em senhor de grande automóvel, em passeio de recreio por estância turística onde se pratica a «conquista» (não poucas vezes bem sucedida...).

E lá fomos nós p rás cacetadas de lado, rés-vés, esquina, quase «á balda»... de frente e que não porque é proibido!

Saímos dos carros e íamos passando ao largo do «Castelo Fantasma» onde, três ou quatro ilusionistas — (des)iludidos, se esforçam por fazer tremer de medo, com monstros de papelão e pasta, «foliões», que todos os dias enfrenetam, sem bulir, fantasmas e pragas muito mais terríveis, que as sugeridas, em ambiente de ficção, pelas ingénuas e inofensivas armações de arame. De repente a Ana «pediu-nos»: «Quero ir nisto!». A «pedir» a minha filha é um amor. Disse-lhe, que «a coisa» metia medo ás meninas mas, olhando de soslaio para o Jucas, acrescentei logo, que, também, metia aos meninos e os «afoitos» desistiram, antes de lá entrarem.

E, distraídamente, recomeçámos a andar. Quando demos por nós, de Ana e Jucas nicles. «Onde é que os maraus se meteram?». No carroussel, pois claro! Girafa para um, zebra para outro, reprimenda, não muito convicta, aos dois, 7$50 pó homem e meia duzia de cambalhotas para mim, que a Lena, nestas andanças, esquiva-se as mais das vezes. É um prazer a alegria dos miudos e, simultâneamente, um choque o contraste dela com a indiferença ou conformismo dos acompanhantes adultos e a necessidade quantitativa de gente, gente, gente, evidenciada, a preceito, pelo dono do «divertimento». Alguma vez, ele, se integra no jogo? Olhem-no e mais á máquina: enxada aumentada em tamanho e modificada na forma, mas nunca veículo de felicidade. Mas, ora bolas, a gente vem á feira é para se divertir. Toma! Murro na bola, rebola a bola em redor do arame. Riso daqui, grito dali, riso geral, parcial farsa-quase total. E de fora muitos! que não indo sobre as ondas de maré-viva do gira-gira, gira-lua gira-sol, gira-dia-após-dia, cabeceiam de sono, evitando raiva, alheios á alegria «contagiante», que no alto nasce e lá baila — (longe) — baila nos olhos dos outros (poucos) privilegiados. Acabou a corrida e há já outra a seguir: «É entrar, que ainda pára!...».

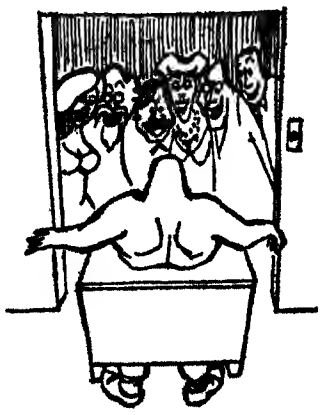
Fomos dali, subindo pela «Rua das Sardinhas» e coitado de quem se meter por esse território adentro sem protecção (máscara ou seja lá o que for) anti-fumo-fagulha de carapau ardido, arrisca-se (mas muito) a ter de ser socorrido no posto B. S. B. mais á mão (se lá chegar...). Experimentem. Antes, porém, acenem a familiares e amigos e tendo pé de meia ou burra bem recheada, melhor será (obstante a apertos de ultima hora e confusões que só dão chatice) escolher herdeiros e fazer testamento. O seguro morreu de velho, mais vale principalmente e quem avisa amigo é. Entretanto, tudo isto se poderá evitar, se os foliões, em trânsito na citada rua, optarem por uma locomoção rastejante (com boca e fossas nasais rentinhas ó empedrado) já, que, como sabem, as emanações frango-sardínicas altamente tussigénicas, têm a particularidade de só actuarem um meio metro, bem medido, pracima do assoalho. Por isso, viva a locomoção preventiva, viva!

Lá no topo, á esquerda, está a tenda alienatória das mais visitadas: a da «Vaca-Parreira». Se perde o clube da simpatia: vira-tinto, que é pra esquecer. Se ganha: vira-na-mesma, que é para festejar. Constantemente, portanto, se-vira-vinho, não importa quando, como e porquê?! E sempre se vai dando de comer a um milhão de portugueses, pelo menos é o que eu oiço dizer...

E os tirinhos do pregão engatilhado: «Oh! Cavalheiro, venha daí acertar na mosca...» E, mais de banda, o «Baile das Elas», cujos eles, permanentemente-respectivos ou necessáriamente-eventuais, aguentam á espera cá fora. Nesta zona foi dominante o desinteresse do Jucas e da Ana e, bem assim, o nosso. Não, que sejamos puritanos clássicos mas porque essa é uma espécie de alegria a taxímetro, que deixa á vista «aquilo, que já não existe, aquilo, que se baniu porque era imoral para a nossa moralizada sociedade e desonroso para todos nós.»

E voltámos até ás farturas, uma delícia tão oleosamente suculenta, que provoca no estômago uma digestão francamente ruminante.

De fugida, uma vista de olhos (panorâmica) á pastelaria onde paquidérimicas-madames de média e alta-roda (relativamente, escrevendo, claro) fazem passagem de modelos



simplesinhos, que o ambiente não justifica primores maiores (...) e divulgação de originais tregeitos das «boquinhas», borradas de encarnado vivo, ao tragarem bolinhos, que aliviam as carteiras dos maridos e cujos glúcidos lhes sobrecarregam as panças, de adiposidades-extra, que serão, posteriormente, se for caso disso, massajadas e destruídas nalgum instituto de beleza (?).

E porque os pimpolhos já pestanejavem, resolvemos abandonar o recinto onde, em cada noite, milhares se revolvem, se divertem, riem e saltam de esquecimento em derrota, de derrota em esquecimento, numa fuga (quase) completa, dando «tirinhos» para mostrarem a muita perícia, muita capacidade e segurança, que os habita.

Os garotos ainda quiseram um balão orelhudo dos que caem de pé quando se atiram ao ar. Eram lindos e grandes. Com que cuidadado os levavam, a Ana e o Jucas, que nem para trás olharam. O sonho dessa noite foi cor, balões, carroussel e muitas voltas de avião, lá no ar. A parte de pesadelo vivêmo-la a Lena e eu. Eles, têm tempo de sobra.

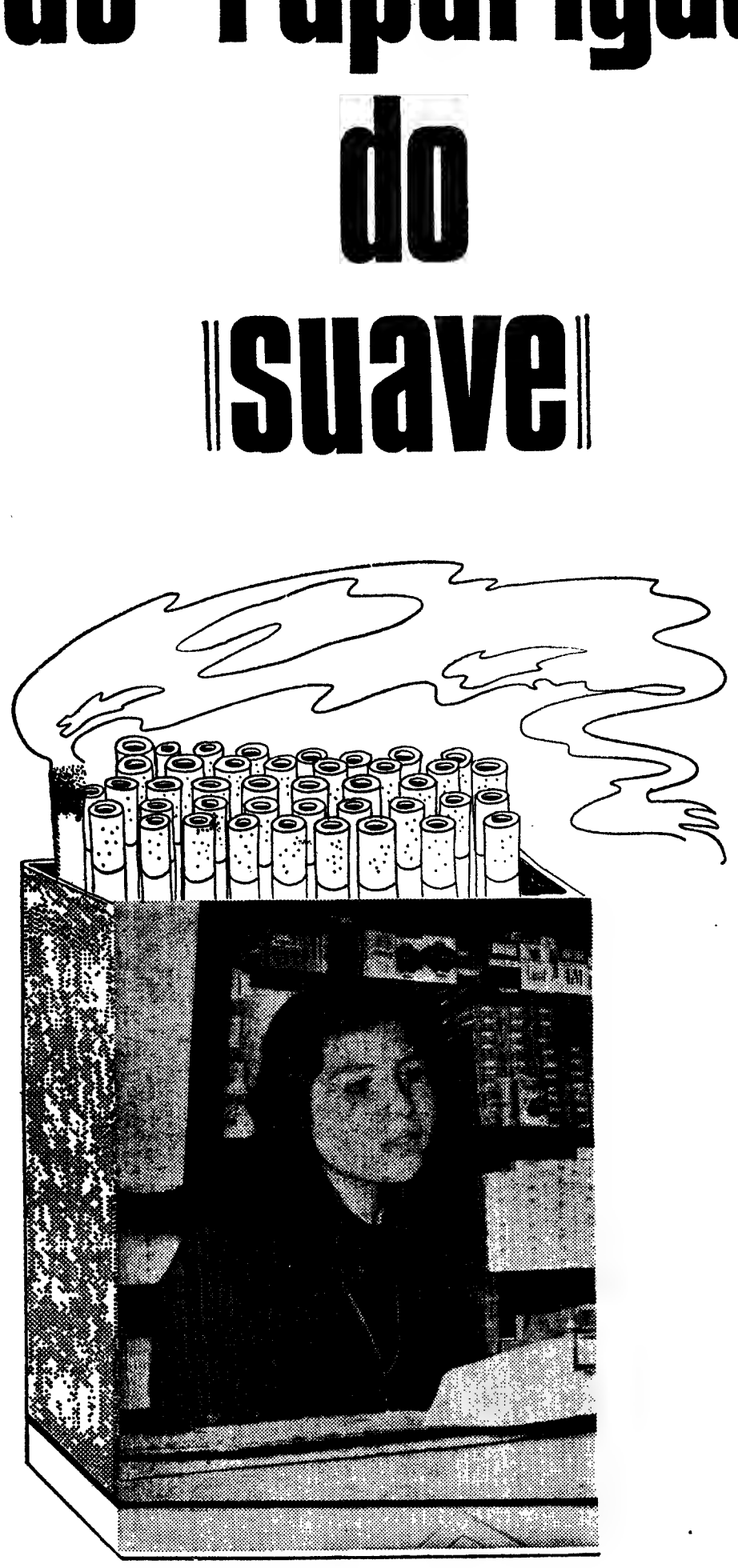
No dia seguinte restavam as orelhudas e transparentes minhocas, a definharem as pobres.

Para nós, surgirá nova oportunidade da tal volta á noite, depois do jantar e da cozinha arrumada a meias, a matar saudades, sabem como é?!

Talvez voltemos á feira, noutra altura, a ver a «Barraca dos Espelhos». Dos que deformam as pessoas. Esquecêmo-nos de a visitar, desta vez, ou, distraídamente, julgámos, que a tínhamos visto durante o tempo todo.

JÚLIO

as raparigas do «suave»



Três pés de uma planta «medicinal» mandados pelo embaixador francês em Lisboa á sua soberana, Catarina de Médicis, estão na origem do nosso vício do tabaco. O sr. Jean de Nicot achava que essa planta possuía inumeráveis virtudes e a História recompensou-o, embora com ironia: vem do seu nome a palavra «nicotina».

«A Mosca» foi ouvir as sacerdotizas do culto. O que vendem, como vendem, quem são no quotidiano por vezes tão insípido as meninas das tabacarias? Estão satisfeitas, insatisfeitas, assim-assim? Que fazem elas fora do microcosmos comercial? Têm problemas, sonhos, aspirações, náusea da mediania (e do tabaco)? É verdade: que dizem também as donas dos estabelecimentos? Algumas não podem empregar ninguém e são elas mesmas — isto dito sem qualquer malícia — as meninas das suas tabacarias.

«Enquanto o Destino mo conceder, continuarei fumando.» Sim, mas onde compramos essas horas de fumo, quem intercede por nós nas ruas da cidade?

«Metade vítimas, metade cúmplices, como toda a gente» (Jean-Paul Sartre). Rossio, fim de tarde. As pessoas movem-se apressadas, cruzando-se em todos os sentidos. Alguns transeuntes param olhando as árvores; há grupos em conversa às portas dos cafés. Procurávamos um rosto jovem, debruçado na janelinha de alguma tabacaria. Ali!

Chama-se Idalina Santos Pereira e tem dezassete anos. Está aqui há cerca de um mês, não gosta muito do «ambiente». Trabalha das 13 às 15 e das 19 à uma da manhã, o que perfaz oito horas diárias. Quanto ganha? Quinhentos escudos por mês. Além deste emprego tem outro, da parte da manhã, numa fábrica de laranjadas em Belém. Vive num quarto alugado com uma amiga.

Antes que lhe fizéssemos qualquer pergunta atirou-nos de chofre: «Tenho sido uma moça muito infeliz!» Averiguámos: pràticamente abandonada pelos pais, foi educada num colégio de freiras no Porto.

O seu grande sonho é ser artista de teatro. Disse-nos «ter igualmente jeito para fazer rir e fazer chorar». No Colégio actuou em duas peças: uma imitação do filme «Música no coração» e «Lágrimas de sangue» (perdoem-nos a ignorância, mas desconhecemos esta peça). Desde que veio para Lisboa anda a tentar «relacionar-se» com gente do teatro.

— Como tem feito isso? — perguntámos.

— Estou a frequentar um meio que não é talvez muito próprio para mim. Mas... É uma «boîte», não me lembro do nome. Vou com umas moças amigas que são ballarinas. Vai também um rapaz amigo que é poeta, e o Filipe de Brito, o acordeonista...

Habilitações de Idalina: frequência do 1.º ano comercial (há mais nestas condições).

Gostaria de saber línguas; francês, inglês... e aproveita os tempos livres (quais?), para o fazer lendo «uns livros» (não sabe o nome). Lê também livros religiosos e foto-novelas. Gostou tanto da última que no-la contou. Em resumo é assim: uma rapariga está noiva (é fatal como o Destino); mas como tem uma doença mortal não sabe se tem o direito de fazer viúvo, antes de tempo, o futuro marido. Para cúmulo, é órfã e o padrasto quer matá-la. Claro, acaba por casar, tem cinco dias de lua-de-mel que são um mimo, cura-se, o padrasto vai para o xadrez — é bem feito, para não andar a perseguir gente indefesa! — e pronto: são muito felizes e têm muitos meninos «gordos e bons».

Depois de contar a «trágica» novela, Idalina confessa-nos que os homens são uns chatos: têm a mania de se meter com ela quando está a trabalhar. Coisas de portugueses! Os estrangeiros são muito mais delicados. Quer dizer: o português é delicado para com o turista e vice-versa

—Já lhe aconteceu apaixonar-se á primeira vista, aqui ao balcão?

— Já. Olhe, por esse que estava aí — era um empregado do café ao lado—mas perdi cedo as ilusões.

E com um ar seguro de si:

— De qualquer modo é preciso a gente apaixonar-se e perder as ilusões. Faz parte da experiência da vida, não acha?

UM AMOR ATÉ À MORTE

Largo de Camões. Dorinda Elvira Morais Correia, olhos expressivos e um sorriso simpático, tem dezoito anos. Trabalhava há meses nos Armazéns Grandella quando viu um anuncio que pedia uma empregada de tabacaria, e resolveu mudar de emprego. Está satisfeita, gosta do seu trabalho e não tem aborrecimentos. Pelo menos ainda não teve tempo para ter aborrecimentos...

Ganha 650$00 por oito horas diárias — está á espera de aumento, «quando o negócio der mais». Foi o que o patrão disse! Vende um pouco de tudo: tabaco, acessórios, revistas, artigos de papelaria, perfumaria, etc. O costume.

No seu trabalho de «janela» já lhe aconteceu sentir um «coup de foudre» por um cliente, coisa que aliás considera perfeitamente natural. Mas não foi por nenhum galã, não senhor: Dorinda não gosta de «bonecos». Tem um fraquinho pelos homens «altos, morenos, muito homens». Ou não fosse ela uma portuguesa de gema!

As suas aspirações são simples: uma vida com menos dificuldades económicas, casar e poder dar uma vida «decente» aos filhos que tiver.

— Gostaria de continuar a trabalhar quando se casasse?

— A vida está muito má. Uma mulher tem que ajudar o marido. Se ele ganhasse bem preferia ficar em casa.

Nos dias de folga — domingos e feriados — gosta de ficar em casa. Às vezes lá vai ao cinema ver um filme «romantico». Dos ultimos que viu recorda especialmente «As sandálias do pescador» e «Longe da Multidão». Foram dois filmes que lhe encheram as medidas». Quando não vai ao cinema faz croché, lê a «Flama», «Donas de Casa», um livro ou outro da Corin Tellado — autora que aprecia imenso — e foto-novelas. Estas agradam-lhe porque acabam bem: «Logo na primeira página em que os vemos juntos, sabemos que vão ser felizes».

— Diga-nos, Dorinda, acha que na vida real acontecem coisas assim?

— Não, é muito raro — disse-nos com um arzinho desiludido —, mas pode haver parecido... Igual, igual, nunca há.

«Não, não gosto de ler. Uma vez por outra passo os olhos por uma

Mas gostaria que houvesse. Um amor assim tão terno, tão difícil e que dura «até que a morte os separe», não é um sonho bonito?

BORDADINHOS E «TRICOTS»

D. Eduarda de Abreu e Silva tem 68 anos. É viuva, sem filhos, mas com uma grande quantidade de sobrinhos, alguns deles já «trinetos». À nossa pergunta sobre o ordenado, respondeu-nos com uma sonora e bem humorada gargalhada: «Eu? Sou a patroa!».

Está muito satisfeita com o negócio — os lucros não são maus — e não o trocaria por qualquer outro. Aborrecimentos... sabe lá o que são! A sua boa disposição é permanente. Até porque não perde tempo:

«E saboreio no cigarro a libertação de todos os pensamentos.
Sigo o fumo como uma rota própria.
E gozo, num momento sensitivo e competente,
A libertação de todas as especulações
E a consciência de que a metafísica é uma consequência de estar
Mal disposto.
Depois deito-me para trás na cadeira
E continuo fumando
Enquanto o Destino mo conceder, continuarei fumando.»

ALVARO DE CAMPOS

val fazendo uns «bordadinhos», uns «tricots», há sempre umas contas para conferir, que isto de fornecedores... não vão eles enganar-se!

O que se vende mais não são propriamente os artigos de tabacaria, mas sobretudo artigos de papelaria e material escolar. É que ali para as bandas da Travessa do Abarracamento de Peniche, onde se situa a tabacaria, há umas poucas de escolas.

Os passatempos da sr.ª D. Eduarda são, além dos «bordadinhos», uns passeios com a família e umas leituras de «coisas antigas», tais como «A Cidade e as Serras» e outras assim. «Modernices» não são com ela.

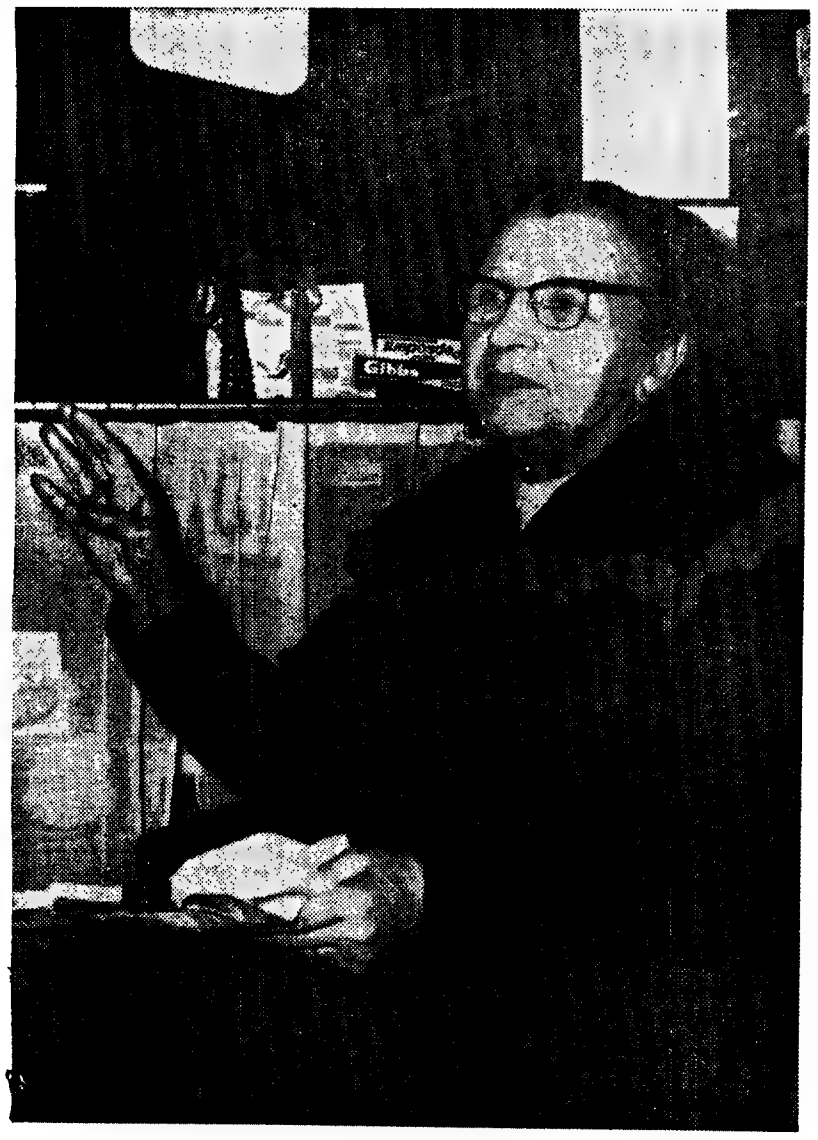
Perguntámos á nossa interlocutora se costuma ir ao cinema ou ao teatro: que sim, que vai. «Olhe, por acaso tenho ali dois bilhetes para hoje».

— Se não somos muito curiosos, diga-nos o que vai ver.

— Ai isso não sei — foi a resposta pronta — mas é no «Laura Alves»! — como se o nome do teatro justificasse, só por si, a ida ao espectáculo.

E á despedida, com um olhar misto de malícia e

D. Leonete foi uma vez aõ Buçaco e voltou — como se diz — maravilhada.



Uns bordadinhos, uns «tricots», uns passeios... Ah, nada de perder a boa disposição!

vez uma fotonovela.»

Têm problemas, sonhos aspirações, náusea da mediania (e do tabaco)?

bom humor: «Então, já coscuvilharam tudo?».

AH, SER MÉDICA!

Descemos a Rua Nova do Almada. Entrámos numa tabacaria grande, daquelas que vendem montes de coisas e têm um grande balcão e várias empregadas. Uma delas, magra, ruiva, sardenta, chamou-nos a atenção: chama-se Maria Manuela e tem vinte e três anos. Recebe 900$00 por oito horas de trabalho diário.

Gosta deste emprego. Aborrecimentos? Nunca com homens, só com mulheres — «são mais refilonas».

Nos tempos livres faz várias coisas. Entre elas, ler. Prefere as fotonovelas — são histórias agradáveis, ajudam a passar o tempo e não a chegam a impressionar. Contou-nos que houve um livro que a impressionou realmente: foi o «Kama-Sutra». Porquê? Talvez porque as descrições eram um tanto inéditas, imprevisíveis.

Se tivesse possibilidades económicas gostaria de ser médica. Mas como só uma minoria tira os cursos que lhe apetece... Apesar de tudo Maria Manuela ainda não perdeu as esperanças; está a tentar fazer o segundo ciclo do liceu. Depois...

— E se fosse médica, gostaria de ter alguma especialidade?

— Parteira. Obstetrícia.

— Porquê? Gostava de ajudar a pôr as crianças no mundo?

— Pôr crianças no mundo é uma virtude — atirou-nos fria e incisiva.

Tenciona casar. Mas o seu ideal de felicidade é ajudar os outros a serem mais felizes, aliviando-os dos seus males físicos.

AH, SER ENFERMEIRA!

Entrámos depois numa tabacaria da Rua D. Pedro V. A dona chama-se Leonete — um nome de que não gosta mesmo nada —, tem cinquenta e cinco anos e é casada. Está aqui «porque calhou», o seu sonho era ser enfermeira. Mas o pai não quis.

O negócio não dá grande lucro: «chapa ganha, chapa batida», mas como os fumadores não diminuem, sempre dá uns trocos. E há uma coisa que se vende «que é uma beleza!»: as revistas de quadrinhos, especialmente as fotonovelas.

— A senhora também as lê?

— Eu e os outros! Ao menos, enquanto as leio, não penso na vida. — E com um largo sorriso: — Então não há fotonovelas tão bonitas?

Além de foto-novelas D. Leonete lê quase tudo o que lhe passa pelas mãos. Dizemos quase porque há um género de leituras que ela se recusa terminantemente a fazer: são os livros de «cow-boys» e os policiais. Porquê? Porque tem medo que lhe tirem o sono.

— Diga-nos uma coisa: costuma ter aborrecimentos com os clientes?

— Agora! Aqui com a «velhota» ninguém se mete!

E rindo:

— Não que eu tenho mau génio!

Confessou-nos que o seu maior desejo é viajar, dar uma volta pelo mundo todo. Foi uma vez ao Buçaco e voltou maravilhada.

AH, SER ENFERMEIRA! (continuação)

Rua de S. Nicolau abaixo, reparámos numa rapariga de ar tímido á janela duma tabacaria. Fomos ter com ela.

Chama-se Lucília, é solteira, vinte e quatro anos. Arranjou este emprego porque de momento não lhe surgiu outro. Trabalha oito horas diárias — ás vezes mais — e ganha 900$00 por mês. Anda a tirar um curso de dactilografia para tentar um outro emprego, talvez num escritório. O seu sonho? Ser enfermeira da Força Aérea. É uma verdadeira vocação, pelo menos ela assim pensa. Já frequentou um curso de enfermagem mas «chumbou» no exame. Ainda não perdeu as esperanças: «Até aos trinta e cinco anos há muito tempo!».

Horas vagas não tem: todas são poucas para estudar. Além do curso de dactilografia quer fazer o primeiro ciclo. Para que serve a quarta classe hoje em dia? Mas sempre vai lendo umas fotonovelas, sobretudo as brasileiras. São umas histórias tão bonitas! E acha mesmo que podem acontecer na vida real. Não a ela: é pessimista. Não, nunca se apaixonou á primeira vista: «Sou difícil nisso...».

— O que costuma fazer aos domingos?

— Fico em casa, vou visitar pessoas amigas, vou ao cinema.

— Que filmes prefere?

— Aqueles em que entram actores conhecidos. Olhe, gostei imenso da «Piscina», por causa do Alain.

O sorriso era tímido. Aproveitámos para comprar um policial. «Quer que embrulhe?». Não, não era preciso.

LER PARA QUÊ?

Rua do Loreto. Uma daquelas tabacarias de «janelinha», com as paredes atapetadas de revistas e jornais. Dentro, uma mulher jovem — trinta anos atraentes, cabelos longos, ar sofisticado, um tanto ou quanto «négligé». Vai mascando pastilha elástica enquanto os olhos passeiam, vagos, distraídos, indiferentes.

Chama-se Adília Lusa da Conceição, é casada e tem três filhos: duas meninas de doze e oito anos e um rapazinho de onze. Os dois mais velhos frequentam o liceu.

D. Adília é a dona da tabacaria. Gosta de estar ao balcão e declara, inclusive, sentir «vocação» para isso. Aborrecimentos não tem: toda a gente da zona a «considera».

Nesta minitabacaria vende-se de tudo: tabaco, cachimbos, isqueiros, artigos de papelaria, perfumaria e barbearia e máquinas fotográficas.

Enfim, o movimento é bom. A proprietária declara-se inteiramente satisfeita, não ambicionando mais nada: «Sou aquilo que sou e sinto-me bem assim», são as suas palavras.

D. Adília não tem horas vagas; entra ás 9 da manhã e sai ás 11 da noite, e depois ainda há os filhos para cuidar, os trabalhos domésticos para fazer. Ao balcão procura distrair-se o mais possível; observa quem passa, dá uns dedos de conversa, e uma vez por outra passa os olhos por uma foto-novela, o que lhe «distrai o espírito» da vida real.

— Costuma ler mais alguma coisa?

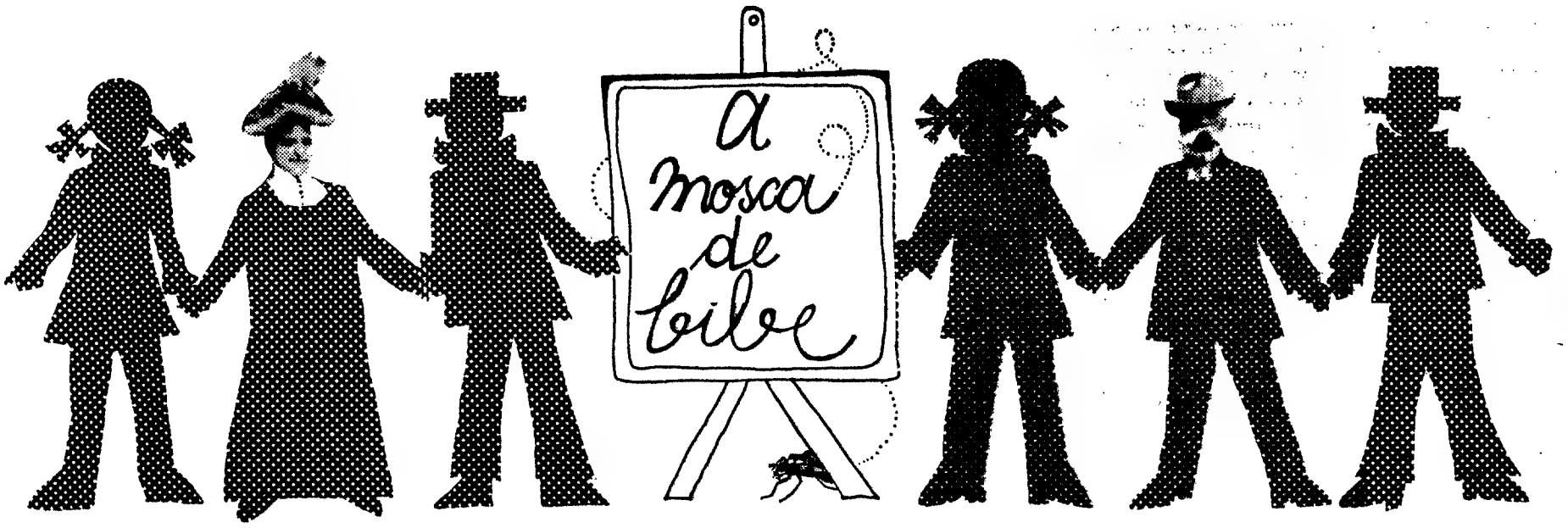
— Não. Não gosto de ler.

— O que faz aos domingos? Vai ao cinema?

— Há bastantes anos que não vou. Não tenho tempo. — E com uma censura velada: Tenho três filhos!

Deixámos D. Adília a conversar. A pastilha elástica dava-lhe um trejeito especial á boca.

Reportagem de Maria da Conceição VIDAL



REDACÇÃO

Pois era o que eu pensava quando pedi aos senhores para não publicarem a minha carta o meu pai leu-a e passei a semana inteira na cama de rabo para o ar então é para isto que os senhores querem a liberdade pois se a tiverem fica logo uma

data de gente com várias coisas a arder como eu que não me posso sentar senão para a semana e faz-me diferença ai não haviam de ver se o meu pai tivesse batido no vosso o chinfrim que não faziam mas não há-de ter o OPEL não há-de ter o OPEL não há-de ter o OPEL nem que eu fique deitada até ao Natal e daí os senhores do Diário de Lisboa nem falo quando alguém está a morrer afogado vocês dizem coisas bonitas de quem a salva principalmente se for um cão porque o jornais gostam muito dos cães que salvam pessoas mas vejam lá quem é que veio salvar-me quando o meu pai me atravessou ao colo dele para se vingar de não saber escrever redacções como as minhas ele a dar a dar pumba pumba e eu a berrar ai ai e a minha mãe a chorar e a minha avó a rezar se calhar a pedir mais força para o meu pai ai não que ela é do contra principalmente contra mim desde que houve aqueles azares que eu já contei e outros que só conto se os senhores me pagarem melhor agora cada vez que escrevo uma redacção bumba no rabo que é uma coisa doida e por isso os senhores têm de me dar mais que é para a ajuda do creme Nivea que é o que me faz melhor já experimentei um outro que comprei numa loja e que era hidratante e anti-rugas e não me fez nada ás dores só não sei se me tirou as rugas porque não vejo o rabo mas sinto-o lá isso sinto e de que maneira o meu pai ficou tão zangado que nem falou durante quatro dias era como se eu não existisse isso podia ser bom é claro porque quanto menos derem por mim e quanto menos perguntarem onde é que eu estou mais feliz eu ando mas ele desta vez não falava mas também não tirava o olho de cima de mim eu tenho estado a pensar nisto de eu agora ser jornalista e queria saber se os outros jornalistas não têm obrigação de vir socorrer-me quando o meu pai resolver fazer aquilo que ele chama exercer o poder paternal que é bater-me no rabo até ele parecer rosbife que é uma carne cheia de sangue que eu vi na montra dum talho na Baixa sir porque a verdade é só uma e é que me dói como burro mas isto é um risco de se ser jornalista não é e eu acho que me deviam ajudar para a semana já escrevo as minhas redacções com outro nome mas não digo qual digo qual é que é para ele não desconfiar e não começar outra vez a exercer o tal poder paternal no meu rabo que já está encarnado que se um touro me visse de costas era um ar que se me dava ia parar a Moscovo que é uma cidade que há na Russia e quando soubessem que eu era portuguesa obrigavam-me a cantar o fado e como eu canto mal se calhar punha-se um russo a exercer o tal poder maternal pumba pumba a verdade é que eu qualquer dia não tenho rabo e depois sempre quero ver como é que me vou sentar ora eu tenho estado a pensar nisto porque há partes do corpo que fazem mais falta do que outras e essa é uma delas por isto e por aquilo e eu pensei que além de me pagarem mais porque têm de pagar lá isso têm que a escravidão acabou também devem pagar uma compensação fui ver esta palavra ao Dicionário pelo que me acontece por eu escrever as minhas redacções é o que se chama um acidente de trabalho que eu sei dum caso dum homem que caiu duma oliveira abaixo e feriu o rabo e pagaram-lhe dinheiro verdadeiro daquele que faz tlim tlim e a mão do meu pai está sempre a cair no meu rabo o que é quase a mesma coisa e a respeito de tlim tlim nicles nem vê-lo por isso é que eu tenho andado a pensar que o Diário de Lisboa tem de me pôr o rabo no seguro ou nos acidentes de trabalho ou numa coisa que as companhias têm e que se chama responsabilidade civil porque lá se ela é civil ou não isso não sei mas quem tem a responsabilidade do que me está a acontecer ao rabo é o Diário de Lisboa e se não fazem alguma coisa peço ao sr. Solnado para o levar ao Zip Zip e o Diário de Lisboa passa pela vergonha de toda a gente como ele está ou me pagam mais e me põe o rabo no seguro ou é o que eu faço.

ANDARES

VENDEM-SE

Em Benfica, Venda Nova, Queluz, Amadora, Algés, Linda-a-Velha, Carnaxide, Sassoeiros e Parede, c/ 3 a 5 casas assoalhadas, 2 casas de banho, cozinha, roupeiros, etc.

TERRENOS C/ PROJECTO APROVADO

FACILITA-SE PAGAMENTO

JOÃO PROTÁSIO NALHA

Rua Luciano Cordeiro, 25-1.º-Dt.º — LISBOA

Telefs. 539200, 2910079 e 785200

uma leve pressão...

um funcionamento perfeito

FLUXÓMETRO ÁQUA hipólito

sem êmbolo

O fluxómetro "ÁQUA HIPÓLITO" possui um conjunto de características únicas:

- Regulação do volume e da força de descarga
- Conjunto superior substituível
- Canal de equilíbrio de pressões com limpeza automática
- Construção sem êmbolo e sem peças deslizantes

CASA HIPÓLITO, LDA. — TORRES VEDRAS — TELEF. 3·53·553 - PBX

—Estou cansado, vou-me embora. Na próxima época não toureio em Espanha.

Esta confidência de El Cordobés a José Manuel Carril, enviado especial do «Pueblo» a Torrevieja, é a ultima bomba lançada pelo famoso diestro no ambiente já de si pouco tranquilo da tauromaquia espanhola. Manuel Benítez mostrou-se peremptório:

— Quero descansar, pronto.

O jornalista insistiu com ele: quem sabe se a decisão não seria apenas produto dum momento? Diz-se que o travesseiro dá bons conselhos. Mas o andaluz contra-atacou:

—Estou a dar-te uma notícia em primeira mão. Se não a aproveitas falo com qualquer colega teu.

TOURADA À CHUVA

No dia 11 deste mês Manuel Benítez cortou relações com Paquito

Ruiz e o caso foi comentado em vários tons pela Imprensa. Vinte e quatro horas depois, ao fim de uma viagem tormentosa, por estrada, El Cordobés vestia o *traje de luces* para tourear mais uma vez na sua praça desmontável em Baza. Com ele alternavam Palomo Linares, sócio de «guerrilha», e Utrerita.

A corrida realizou-se debaixo dum aguaceiro tremendo. Aficionados de guarda-chuva tinham esgotado a lotação. E houve touros mesmo! Palomo cortou quatro orelhas e um rabo, Utrerita quatro orelhas e dois rabos. Quanto a El Cordobés, umas magras palmas premiaram a lide no seu segundo touro. O primeiro teve que ser despachado de qualquer maneira. Nem sempre a «festa» é o que se espera — e o contestatário n.º 1 sabe-o bem.

DUZENTAS ORELHAS

A guerra empreendida por El Cordobés e Palomo Linares contra os empresários foi bastante criticada, até mesmo por alguns amigos indefectíveis dos dois matadores. Pensava-se, em resumo, que a coligação tinha poucas probabilidades de amortizar o capital empatado. Mas o certo é que este cartaz atraiu verdadeiras multidões onde quer que se apresentasse e as corridas «mano-a-mano» vão já em 70.

Só á sua conta El Cordobés cortou para cima de 200 orelhas (e dezenas de rabos), fazendo hesitar mais uma vez os críticos renitentes — é «tremendista», não é «tremendista»? Avalie-se agora o espanto produzido pelas palavras que ele disse a José Manuel Carril e que o diário madrileno publicou na sua edição de 13 de Setembro.

«Estou cansado, vou-me embora. Na próxima época não toureio em Espanha...»

NOVE ANOS SEM PARAR

Os argumentos de El Cordobés são simples: sente-se esgotado, há nove anos que toureia sem parar. O publico reclama sempre o melhor. O publico é egoísta, quer emoções sobre emoções, esquece que o toureiro não é uma simples máquina de lidar reses bravas.

Mas o abandono será provisório, válido por uma unica temporada. Nesse ponto El Cordobés não deixou quaisquer duvidas ao jornalista:

— Não é desistência. Quem desiste são os vencidos, e eu e Palomo Linares ganhámos! Sim, ao princípio ninguém apostava uma peseta em nós. Depois começámos a tourear «mano-a-mano» e foram enchentes umas a seguir ás outras. Quem tinha razão?

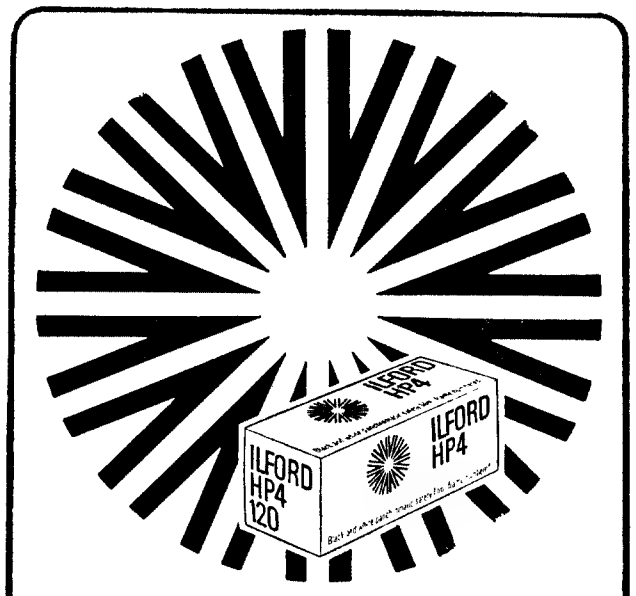
«QUERO MORRER TOUREIRO»

El Cordobés sabe que a sua decisão acarreta consequências graves para Palomo Linares. Irá este ceder? Instalar-se-á na América Latina?

— De qualquer modo — diz ele — não atraiçoo Palomo. O compromisso será respeitado até ao fim: só depois é que eu começo as minhas férias. Palomo é um grande toureiro e um tipo extraordinário, aprecio-o bastante. Desejo-lhe boa sorte.

Rico, descomplexado, com um defeito maior que é o seu orgulho de ex-vagabundo, Manuel Benítez desmente também as notícias postas a correr sobre a retirada definitiva (aliás, notícias que periódicamente se espalham desde há anos...) Ele tem uma resposta na ponta da língua:

— El Cordobés não cortará nunca a «coleta». El Cordobés nasceu toureiro e quer morrer toureiro.



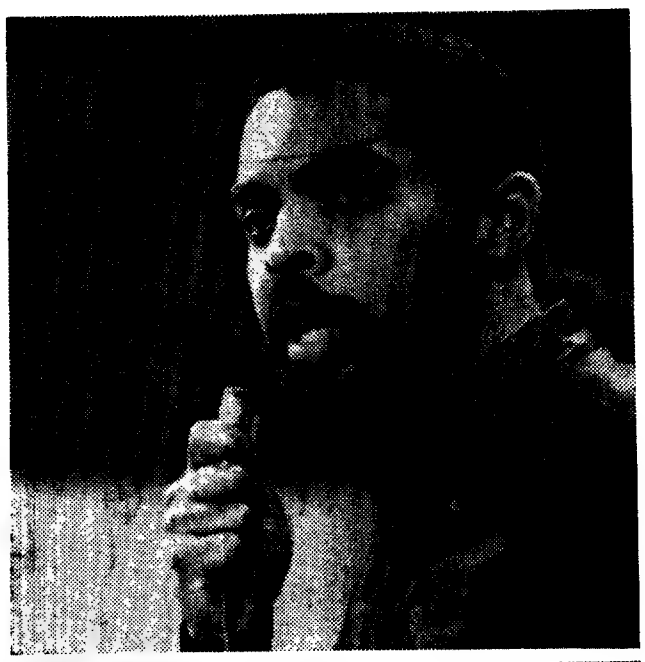
CARREGUE A SUA MÁQUINA
COM PELÍCULA ILFORD
E...DISPARE TRANQUÍLO
Com ILFORD fotografa melhor
À VENDA EM TODAS AS CASAS
DE ARTIGOS FOTOGRÁFICOS DO PAÍS
Representantes:
ESTABELECIMENTOS M.SIMÕES JR.,S.A.R.L.
Rua dos Douradores,21½-Telef.361545- Lisboa

TROPICALISMO

CAETANO — A Tropicália foi uma coisa espontâneamente nascida, sem uma visão muito clara anterior ao acontecimnto. Quer dizer, veio a chamar-se de Tropicália ou Tropicalismo, a uma série de acontecimentos culturais no Brasil, principalmente em música popular, de difícil definição. Mas pode dizer-se que nasceu de uma briga formal em relação a ideias que se tinham da musica popular brasileira. Residiu essencialmente numa desvinculação de um tipo de tradicionalismo e de nacionalismo que já não nos interessava. A coisa mais gritante do início do nosso movimento foi a assimlação desabusada das formas americanas mais modernas da chamada musica Pop. Em princípio isso pareceu a todos uma tentativa de internacionalização da musica brasileira. Mas essa assimilação das formas internacionais jovens, tinha um outro sentido para nós, que era o de reencontrar o Brasil, ou melhor a linguagem cultural brasileira, de uma maneira mais livre. Daí partimos para uma revisão da linguagem brasileira no campo da música popular.

GIL — Era efectivamente uma desvinculação do tradicionalismo, dos cânones, dos códigos vigentes da chamada musica brasileira. Essa desvinculação é que dava o carácter surpreendente na nossa musica, provocando uma certa reacção nas pessoas mais presas ao formalismo tradicional.

CAETANO — Acho importante acentuar que essas pessoas não estavam ligadas ás formas tradicionais brasileiras. Tinham uma noção equívoca dessa ligação. Porque na verdade o que se chamava de tradição era o importado um pouco mais velho. Era já um produto híbrido, altamente influenciado principalmente pela musica americana, pelo cool-jazz.



GIL — Eles não ousavam dizer seu nome, como costumamos dizer!

CAETANO — No início estavam connosco, participavam connosco, os Mutantes, Rogério Duprat, pessoa que no aspecto técnico da musica foi da maior importância em todo o trabalho, a Gal Costa, que hoje é dos maiores sucessos populares no Brasil, a Nara que tinha uma adesão intelectual ao nosso trabalho, e fora da música uma série de pessoas ligadas ao teatro como José Celso Martins e ao cinema como Glauber Rocha. Depois sentimos o apoio crescente de outras pessoas, cujo trabalho é importante mas não aparece, não é de consumo. Mas o movimento, esta virada, partiu conjuntamente de mim e do Gil. A minha musica anterior ao Tropicalismo estava também vinculada ao que se costumava chamar de musica popular brasileira.

GIL — Só que por questões de lançamento,, essa musica não foi muito divulgada. Eu estava já lançado no mercado e o Caetano ainda não com muita intensidade. Quando o trabalho dele se intensificou, foi justo na época em que estávamos fazendo um tipo de música diferenciada da que vínhamos fazendo antes.

CAETANO — Foi importante para mim a participação num festival com a canção «Domingo no Parque». Aliás os festivais no Brasil têm essa grande vantagem de possibilitarem o aparecimento concreto e definitivo, em termos de sucesso, das coisas novas.

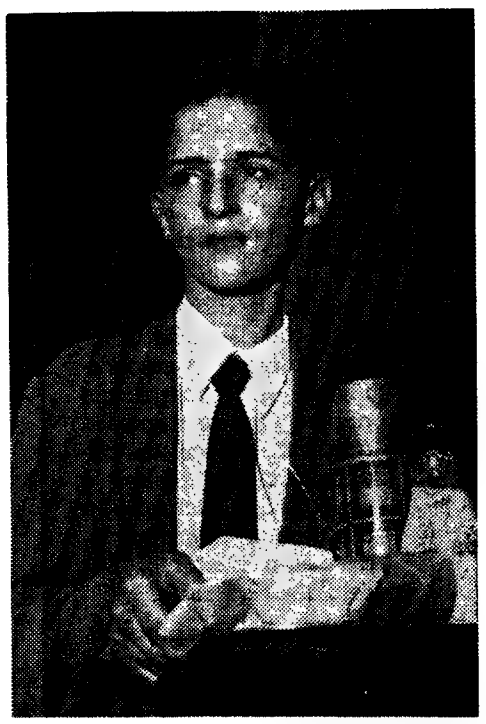
CAETANO VELOSO E GILBERTO GIL

(Especial para A Mosca

a balada na rua

QUE pensa o homem da rua dos jovens que, dia após dia, cantam a esperança de um mundo mais redondo, isento de arestas, com amor e flores? Será que essa gente que aí vai, nos paralelepípedos de todos os dias, continua a deleitar-se com as ancas mexidas de Madalena Iglésias, a voz atirada aos olhos de Simone de Oliveira (estamos a vê-la no pequeno «écran»), os manirismos de Calvário? Não haverá uma fadiga que leve os ouvidos nacionais (já não dizemos nacionalíssimos...) a apreenderem outro tom, outro ritmo, outro som? Outras palavras, enfim, que digam mais, que, por momentos, nos transformem em estátuas atentas e maravilhadas? Ora ouçamos quem, na rua, se cruza connosco.

... E o moço disse que gostava de ouvir aqueles barbudos que aparecem no Zip-Zip...



«O Calvário apresenta-se muito bem vestido... Mas gosto dos baladistas!»

«Não desgosto, não senhor. É outra coisa, sabe? E a gente vai-se habituando...»

NUNCA UM DISCO

GOZANDO as férias escolares, muito descontraído na esquina de uma rua, á espra de tudo, á espera de nada, o aluno do ensino comercial Sérgio Manuel Garcia Miranda logo nos atirou á cara com o nome de Roberto Carlos.

— Esse só...?

O moço coçou a cabeça, fungou, pensou um momento. E disse, depois, que sim, que gostava de ouvir aqueles barbudos que apareciam no Zip-Zip.

—Nem todos são barbudos...

Ele concordou. Não se lembrava dos nomes mas certas actuações, certas canções, agradavam-lhe imenso. Muitas até.

—Eras capaz de comprar um disco com canções dessa malta nova?

Aí o moço expôs um problema: nunca tinha comprado um disco na sua vida. Isso era coisa para os que tinham dinheiro. Ele...

— Mas gostas...?

— Gosto, pois!

MAIS BEM VESTIDO...

TAMBÉM dessa malta nova, que conta e canta, dedos nas guitarras, dedos nas violas, não desgosta Américo de Jesus Francisco, empregado numa leitaria.

De bandeja na mão, o aroma do café a evolar-se de uma pequena cafeteira, casaco azul, camisa branca, gravata preta, Américo, um anónimo, um não intelectual, disse-nos estas palavras simples, cuja sinceridade respeitamos:

— Gosto dos baladistas. Ms gosto também de ouvir o António Calvário.

—E não notas neuhuma diferença...?

— Bem, o António Calvário apresenta-se mais bem vestido...

OUTRAS PALAVRAS

UM motorista de táxi, Manuel Mota. Veículo parado, um passageiro a sair, troco demorado, tlim-tlim, e ele a responder-nos:

— Não desgosto, não senhor. É outra coisa, sabe? A gente, ao princípio, pode não gostar. Depois habitua-se e gosta mesmo. Começamos a fazer comparações, este com aquele, esta com aquela, e chegamos á conclusão de que está a acontecer qualquer coisa de novo. As palavras são outras... Quer saber uma coisa? É como quando os gajos chegaram á Lua.

ACEZ OSNOFA

LESTO, hábil, no meio da multidão, capacete na cabeça, também nos respondeu o boletineiro supra Avelino Gonçalves de Moura:

— Sim, sim!

— Sim, sim, o quê?

— Admiro esses tipos!

— Nomes...?

— Não os tenho fixados.

— Conhece Acez Osnofa, um tal cantor de Coimbra...?

— Não.

O leitor conhece?

Basta ler ao contrário.

OUVIDO DO POVO

QUERO lá saber dessas canções! Quando uma canção cai no ouvido do povo é que dou por ela! Ainda não dei por nenhuma...

Assim nos respondeu a peixeira Zaida Esteves da Silva, um carapau a espreitar da canasta, um olho pequenino muito escarninho.

E disse.

UMA ERVA QUE NASCE

LENTA, sossegada, a subir a rua, vinha Cidália Maria da Conceição Graça. Empregada de escritório, olhos nos olhos, palavras seguras.

Desta feição:

— Aprecio as canções novas. As canções românticas, as canções alegres. Cantadas por gente nova. Moços com barba — e poesia...

—Poesia? Sabe o que é poesia?

— Sei.

— Um exemplo...

— A chuva na cara...

— Outro exemplo...

A moça riu-se:

— Uma erva que nasce, a luz do sol nas vidraças...

— Muito bem! Não gosta por conseguinte, da Simone, da Iglézias...

Ela hesitou. E depois:

— Bem, há aí uma coisa a ver... gosto da poesia das canções novas, mas também gosto da voz com que são cantadas as canções velhas e repetidas. Penso que muitos desses jovens, cujas letras me agradam, não possuem boa voz. Talvez o treino...

TODA A FAMÍLIA

GUILHERME Marques da Silva, operário, depois de ter dito que «Simone é uma trafulha» afirmou igualmente gostar muito dos novos...

— Toda a família gosta — disse. — Não é que a gente compreenda tudo, mas há pedacinhos maravilhosos...

— Gosta que uma canção conte uma história no género antigo, isto é, que fale de amores traídos, etc., etc...?

— Não. Tristezas já tem a vida. Gosto de ouvir canções que nos levantem da cadeira. Esses rapazes novos, essas raparigas de mini-saia, é que estão certos.

— Estão vivos, não é...?

— É, pois! Estão vivinhos da costa! «Amandam» cada uma que uma pessoa, às vezes, fica banzada. Outro dia ouvindo o Padre Fanhais, disse para mim: «Este gajo quer dizer qualquer coisa...»

AH, NA ILHA DE WIGHT!

O nome de Bob Dylan surgiu na boca de Maria Isabel Carvalheiro Ferreira, estudante de línguas.

— Quem me dera estar na Ilha de Wight! Só para o ouvir cantar...

Pronunciou também o nome de Nuno Filipe — e era das pessoas que também conheciam Acez Asnofa, aquele cujo nome, por diversos motivos, tem de ser escrito às avessas...

— Baladas...?

— Exacto. Sinto-me tão bem quando escuto uma balada!

— Talvez embalada...

— Isso mesmo.

ENA!

MARIA do Carmo Oliveira Gonçalves, jovem de joelhos redondos:

—E quero música nova! Não me venham com lamentações de mulheres enganadas e homens traídos! Falem-me do mar, do amor, que eu atiro-me às ondas!

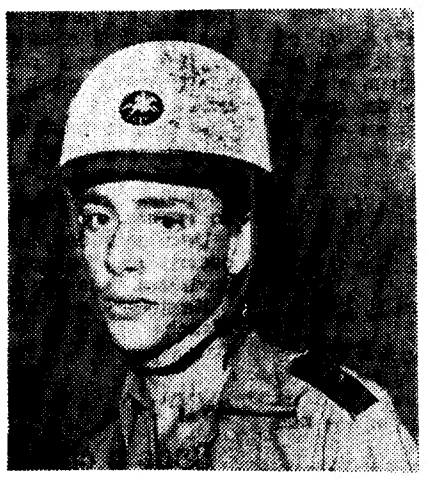
— Ena!

MARTELO NAS PEDRAS

DE cócoras, a calcetar paralelepípedos sob a luz do sol, martelou Idálio Gomes Morais:

— Gosto.

Tac-tac-tac.



«Conhece Acez Osnofa, um tal cantor...

«Quero lá saber dessas canções!»

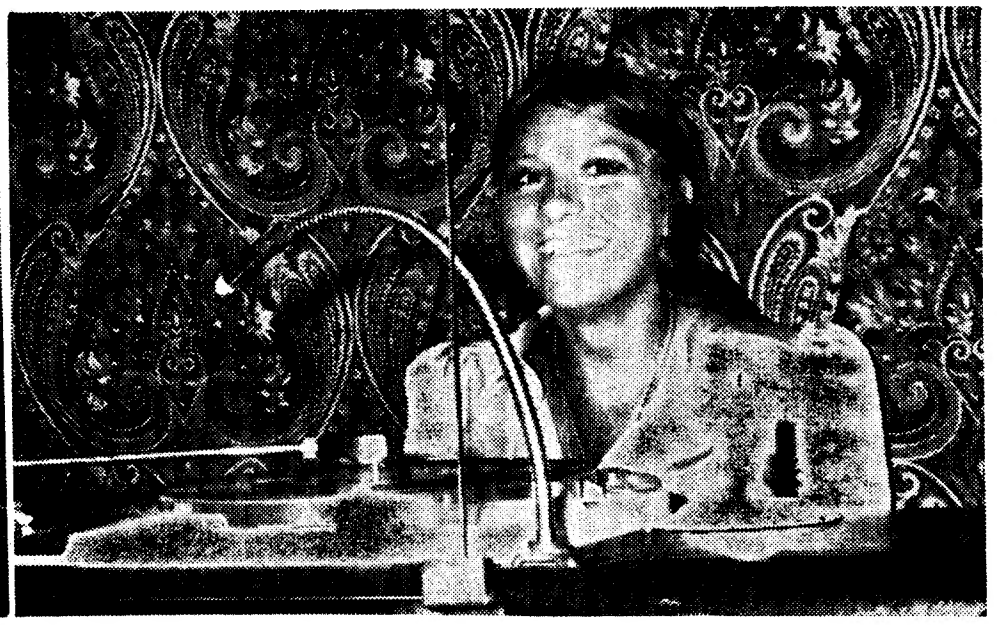
«Poesia? A chuva na cara?»

«Toda a família gosta. Não é que a gente compreenda tudo, mas há pedacinhos maravilhosos...»

«Sinto-me tão bem quando escuto uma balada!» «Talvez embalada?» «Isso mesmo...»

«Eu quero música nova! Não me venham com lamentações de mulheres enganadas e homens traídos!»

Até um pedreiro pode gostar de música nova, música diferente da do seu trabalho...



as raparigas DA ALTA FIDELIDADE

TEXTO DE MARIA AURORA

Ali o reino é o da musica. Quem rege o destino musical desses centros é a cabina dos discos. E nelas impera a menina-disco.

A menina-disco é um produto do mundo moderno. Um produto especial: um modo de vida atractivo e mal pago, em relação ao lucro do proprietário.

A propósito, dizia-nos há dias um amigo nosso, proprietário de uma «boite» que o lucro é de 80%...

Mas isto é outro assunto; hoje, o tema é musica e o fulcro da questão é a menina-que-escolhe-o-disco.

«FORTE-VELHO»
«O Pop é destino da folga»

— Quando tenho folga vou com uns amigos dançar ao Pop.

O «Forte Velho» é uma «boîte» indistinta. Na frequência, na musica no ambiente.

Enche com facilidade.

Entra-se com facilidade.

Sai-se com facilidade.

Dança-se fácilmente...

Aos discos uma rapariguinha de 22 anos. Indistinta. Bem maquilhada. Tostadinha pelo sol. Respondendo a medo. Sorriso pronto e contrariado.

— Gosto, gosto de estar aqui.

— Os clientes são simpáticos. Tenho feito amizades no meio.

— Selecciono sózinha os discos que faço girar. Musica «ié-ié». Estrangeira, sempre. As séries romanticas têm os seus adeptos.

— Musica portuguesa? Gosto do Rui de Mascarenhas.

— Não conheço os baladistas. Quem são?

Quem são? Nós sabemos. O leitor também.

«BIZAMME»
Mundo-pop Mundo-cão

A Judy já esteve no reinado ainda curto do «Bizarre». Um emprego no aeroporto de Londres roubou ao Guerra e ao Carlos um lindo sorriso de cabina. Mas a troca não se fez esperar e a Jackie tomou o lugar vago.

A Jackie tem um lindo dente de ouro. E um grande cabelo arruivado. Tem 24 anos. É sueca. Trabalha por amor á profissão e amizade aos donos da casa. Não diz quanto ganha. É confidencial!

A Jackie tem um gosto todo especial pelos latinos mas prefere a musica pop.

— Musica portuguesa? Não, nunca ouvi. Espere... ouvi fados. Tristes. Não entendi. Um povo alegre com uma musica tão triste. Há musica de «avant-garde»? Não ouvi.

A Jackie desconhece o manancial, o viveiro reprodutor dos nossos baladistas...

— Gosta de ouvir os «Bee Gers», «Animals» e os «Beatles» — são os maiores.

— A profissão é «gira»! Não tem inconvenientes para uma mulher. Arranjam-se conhecimentos entre gente nova. Quando folgo, vou dançar. Gosto imenso de dançar!

— Os portugueses são formidáveis! Uns grandes camaradas!

☆

O «Bizarre», antigo «Portinhola», é império do Carlos e do Guerra. E a cabina de discos já teve as honras de ser dirigida pela famosa Capucine no longo espaço duns tantos minutos, numa noite de farra.

Numa noite em que Antenor Patiño desceu para a pista nos braços duma encantadora menina morena que não conseguimos identificar.

Será a neta? A tal de quem os jornais falaram como aquela a quem ele dedicará a segunda grande festa de milionários em Alcoitão?

«PALM-BEACH»
Boîte cheia na noite jovem

O «Palm-Beach» é hoje um caso de popularidade entre malta-jovem. Não há dia da semana em que não encha.

Mérito?

Da situação?

Do ambiente?

Dos discos seleccionados?

Sem duvida que a moça dos discos é um caso de intuição-musical. Normalmente, o tal senhor Patiño de quem já falámos convida-a para ser a menina-que-põe-os-discos nos «party» elegantes e fechados que proporcione a uns tantos eleitos.

Esteve lá a semana passada.

— Gosto de musica. Não trocava esta profissão por outra. Nem que me pagassem mais do que os 1800$00 que aqui ganho. Sinto-me bem entre discos e musica.

— Não incluo cançonetistas portugueses. Espere tenho o ultimo disco do Tordo, cantado em inglês — tema musical de um filme do Steve McQueen. Porém, há uns conjuntos como do Rómulo de Carvalho, que gravam musica inglesa, que ponho aqui e o cliente muitas vezes nem sabe quem executa.

— Dos portugueses, e o meio é pobre, distingo Adriano Correia de Oliveira. Num estilo novo é unico. Gosto dentre os estrangeiros de Bob Dylan e Aretha Franklin.

— A profissão, para mim é um prazer. Tem inconvenientes para quem não souber até onde pode e deve ir. Mas é uma profissão, afinal, como qualquer outra.

— Quando folgo não vou dançar. Gosto mais de ouvir musica que de dançar. Descanso. Vou ao teatro e ao cinema.

Uma gota de água num deserto. Uma palmeira. Uma promessa. Uma surpresa.

Na noite jovem do «Palm-Beach», sobre a Baía de Cascais.

«VIP»
Onde o cliente não colabora

A decoração é bonita. O ambiente é tranquilo, as luzes indirectas dão intimidade, e os velhinhos procuram a boite ao seu jeito.

Há longas séries em que ninguém dança. É o prazer da musica-ouvida. O Vip não encontrou ainda o caminho. Nos discos uma jovenzinha estilizada. Fã de Madalena Iglésias e do Rui de Mascarenhas.

— Sou eu quem selecciona toda a musica. Mas muitas vezes o cliente não colabora. Tentamos todos os géneros e a pista fica vazia...

— A profissão tem contras e prós. Deixa o dia livre e é um ambiente em que gosto de trabalhar. Os clientes por vezes é que não comprendem que quem está na cabina é para trabalhar.

— Tenho convites para sair. Mas... compreende, ás vezes não convém. É preciso que saibamos confortar-nos.

— Acho que não serve, esta profissão, para qualquer mulher...

— Não tenho discos portugueses. Nunca incluo musica portuguesa. Não tem interesse para um meio destes.

Claro .. não vemos os clientes a dançarem viras ou corridinhos ou a deliciarem-se com o ultimo de Simone... Nem tão-pouco a ajuizarem do valor de um... por exemplo... Adriano Correia de Oliveira, se nos permitem.

«CACTO-VELHO»
Encontro com Joan-Baez e Bob Dylan

A Barbra tem um sorriso triste e conformado. Um corpo jovem e indefinido. Tem 22 anos. É estudante em Londres — estudante de arte e civilização dos países latino-americanos. Cursou Português durante dois Verões. Fala português.

— Gosto de musica clássica. Dentre os modernos prefiro Joan Baez e Bob Dylan. São os revolucionários da canção, uma canção-vida. Uma canção-parto. Fazem-na, lutam, vivem dela e para ela.

Gosto deles. Tenho todos os seus discos.

— Portugueses na musica moderna? Não conheço. Só fado. Já ouvi. Gostei. É triste... e o poema é mórbido. Canção é vida, não é? É luta também. Não gosto de canção desespero.

A Barbra sabe o que quer. Ganha uns tostões em férias para aperfeiçoar o seu português. 1800$00 por mês ajuda.

— Esta profissão é transitória para mim. É apenas «hobby» de férias. Mas não lhe encontro inconvenientes. É ideal para estudantes pois trabalha-se até ás 3,30 h e o dia fica para estudar. dar.

— Selecciono os discos conforme a assiduidade dos pares na pista a um determinado tipo de musica. Há noites em que a musica-pop impera, outras é a musica romantica. Varia muito.

Deixámos a Barbra atrás das grades doiradas da cabina. A sonhar, a sonhar Bob Dylan, Joan Baez, canção-terra, canção-luta.

Capucine também pôs um disco...

POP

LARUCHO

RIO DE JANEIRO (via satélite) — Vai realizar-se mais uma edição do Festival de Música Popular do Rio, certame em que Portugal já participou por intermédio de Simone, Madalena e Duo Ouro Negro, e em que, à semelhança de outros festivais, nunca ganhámos coisa nenhuma a não ser a certeza de que nunca ganhámos coisa nenhuma, nem ganharemos tão cedo.

Com isto, com o facto de não virmos a ganhar tão cedo prémio que se veja, está de acordo M. Paião, compositor desta santa terra. Em elucidativa entrevista para a rádio, declarou recentemente que o que nos falta é promoção. O artista português chega a um festival qualquer e ninguém o conhece e, o que é mais grave, ninguém o fica a conhecer depois do festival. Porquê? Por falta de promoção. Voz, talento e inspiração temos nós quanto baste. Mas hoje em dia isso não chega. É preciso daquilo com que se ganham os festivais, isto é, uma promoção adequada. O que acontece por cá, é que vamos aos festivais com a mira numa classificação que promova internacionalmente o artista, o que é errado, já se o artista não for conhecido, nunca obterá uma boa classificação seja em que certame for.

Certamente que M. Paião discorda das afirmações de Caetano Veloso e Gilberto Gil, no que respeita à função dos festivais. Mas quem são Caetano Veloso e Gilberto Gil ao pé de M. Paião?

M. Paião, um brinde pela musica!

Voltando pròpriamente ao Festival do Rio. Este ano, para competir com as vozes de John Rowles, Fridda Boccarra, José Feliciano, etc., e dado o êxito obtido nas Olímpiadas da Canção, estaremos representados pela fadista Maria Valejo que na Grécia defendeu uma composição em três andamentos (Fado ma non tropo, Marcha e Tiro-Liro Cantabile) da autoria da consagrada parelha Paião e Damas.

Convém aqui abrir um necessário parêntesis para contar de como Maria Valejo vai ao Rio. Quando do Festival de Atenas, a olímpica fadista conquistou, segundo M. Paião, não só o público como críticos e empresários presentes. A. Marzagão, dono do Festival do Rio, gostou tanto que a convidou para representar Portugal no Maracanãzinho, o que é um processo de selecção assaz original. A tradição de cordialidade entre «as duas nações irmãs» atesta as boas intenções de A. Marzagão e o seu interesse, ao escolher Maria Valejo para cantar a concurso por Portugal, em que conseguíssemos uma brilhante classificação. Elucide-se que A. Marzagão está perfeitamente identificado com as nacionais cantorias. Ele até assistiu ao Festival da Figueira da Foz!

Do júri internacional faz parte, além da «nossa» Amália e do preclaro maestro Frank Pourcel, Ravi Shankar um músico que influenciou os Beatles e que por certo muito vai gozar (1) com a música nacional.

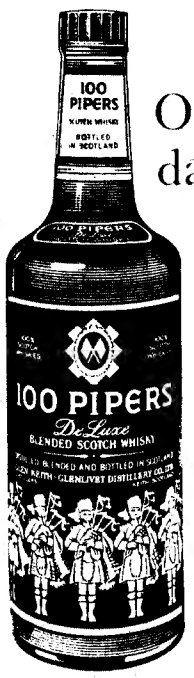
BARCELONA (via estafeta) — Há Festivais e festivais e Barcelona documenta a afirmação. Na capital da Catalunha realizam-se quase simultâneamente o Festival de Música Popular e Tradicional e o Festival da canção.

No primeiro, a que Portugal não concorre, estarão artistas como Joan Baez e Pete Seeger. No segundo estará Maria Valejo, dado o assinalado êxito obtido nas Olimpíadas da Canção e o que irá obter posteriormente no Festival do Rio.

Na citada entrevista para a rádio, M. Paião, autor de músicas para as letras de E. Damas, afirmou ainda que é de grande utilidade esta permanente participação portuguesa nos festivais internacionais, pois que dá aos cultores da lusa-música um salutar contacto com as ideias lá de fora. Acrescentou o compositor de «Oh tempo volta para trás» que, no caso específico dos autores, eles aprendem, nestes contactos internacionais, muitos e úteis «truquezinhos».

Com Paião e pela música. De festivais é que a gente precisa. Há sempre um festival desconhecido e nós, moscas, se soubermos de algum, avisamos.

(1) Gozar — fruir, ter prazer, tirar proveito, divertir-se.



O whisky 100 Pipers dá que falar. Prove-o.

Marreiros & Cª Lda.
RUA IVENS, 45-LISBOA

C.P. 4.69

— Dylan e Dolan marcam esta semana.

— Bob Dylan, no mercado interno, parece responder afirmativamente à pergunta formulada no número anterior de «A Mosca», num artigo «organizado» pela equipa de «Em órbita». Além do album Nashville Skyline, o público procura dois singles do autor de «With god on our side»: «I threw it all away» (6.º) e «Lay lay lay» (11.º).

— Na outra face da música fica Joe Dolan. «Make me an island» sublu do 9.º para o 4.º posto. O público pegou neste Tom Jones.

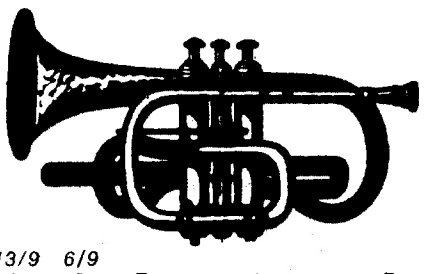
— Agrupamento verdadeiramente notável é o «Blood, Sweat and Tears», para além do êxito comercial que possa por cá vir a alcançar. «Spinning Wheel» entrou directamente para a 10.ª posição.

— De registar outra entrada directa: a de Patxi Andion (vide «A Mosca», n.º 11) com «Manuela». Na linha dequalidade da música espanhola continua por divulgar Adolfo Celdran, talvez o cantor com mais força da nova linha de Espanha.

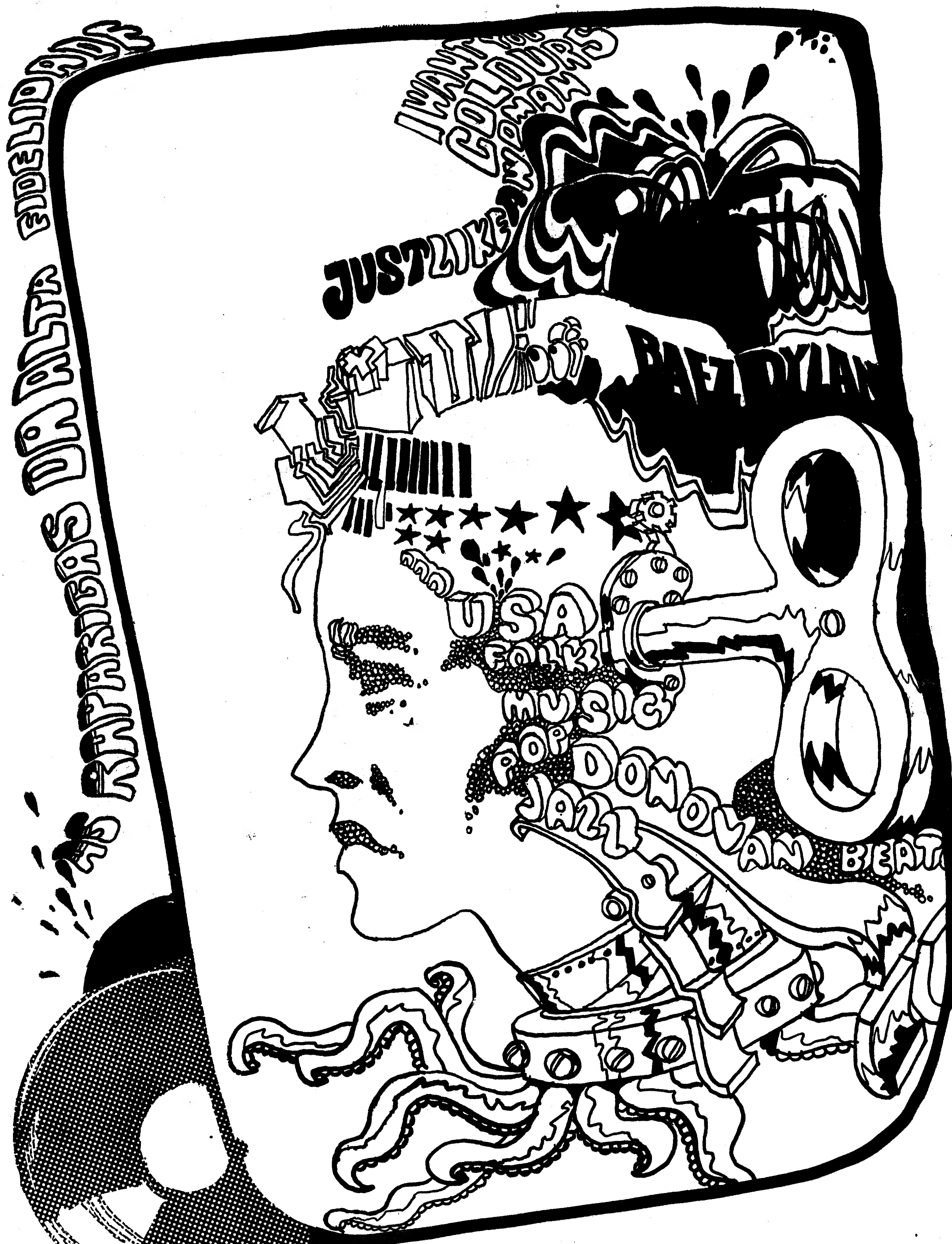
— Enquanto aguarda a publicação dos novos albuns de Adriano Correia de Oliveira e do intérprete de «Cantares do andarilho», o público exigente da música portuguesa mantém a gravação do padre Fanhais (vide «A Mosca», n.º 23) em boa posição.

— Cotações obtidas nos sítios do costume: Discoteca Universal, Estabelecimentos Melodia e Valentim de Carvalho.

BOLSA DO DISCO



20/9	13/9	6/9	
1.º	1.º	2.º	— *Tomorrow, tomorrow* — Bee Gees
2.º	2.º	5.º	— *Honky tonk women* — Rolling Stones
3.º	5.º	9.º	— *Give peace a chance* — Plastic Ono Band
4.º	9.º	— —	*Make me an island* — Joe Dolan
5.º	4.º	4.º	— *Cantilena* — Padre Fanhais
6.º	7.º	— —	*I threw it all away* — Bob Dylan
7.º	3.º	1.º	— *In the ghetto* — Elvis Presley
8.º	6.º	3.º	— *In the year 2525* — Zager and Evans
9.º	—	— —	*Manuela* — Patxi Andion
10.º	—	— —	*Spinning wheel* — Blood, Sweat and Tears



Cartoon de Manuel Simões